

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN



ORIGEM TURANIANA DOS  
AMERICANOS TUPIS-CARAÍBAS  
E DOS ANTIGOS EGÍPCIOS

---

INDICADA PELA FILOGIA COMPARADA: TRAÇOS  
DE UMA ANTIGA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA, INVASÃO  
DO BRASIL PELOS TUPIS ETC

TRADUÇÃO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS  
TEMÍSTOCLES CEZAR

EDITORA MILFONTES

A origem turaniana dos  
americanos tupis-caraíbas  
e dos antigos egípcios



Copyright © 2025, Francisco Adolfo de Varnhagen.

Copyright © 2025, Editora Milfontes.

Av. Eldes Scherrer Souza, 2162, Loja 205AB, Colina de Laranjeiras, Serra, ES, 29167-080

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

comercial@editoramilfontes.com.br

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Verônica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Francisco Adolfo de Varnhagen

# A origem turaniana dos americanos tupis-caraíbas e dos antigos egípcios

*Indicada pela filologia comparada: traços de uma antiga  
migração na América, invasão do Brasil pelos tupis etc.*

1876

*Tradução, Organização e Notas  
Temístocles Cezar*



Editora Milfontes  
A cada livro uma nova descoberta

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

**Revisão**

Rodrigo Garay

**Capa**

Imagem da capa:

*Não citada*

Autor:

*não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Aspectos:

Maria Luiza Fontana Nascimento

**Projeto Gráfico e Editoração**

Bruno César Nascimento

**Impressão e Acabamento**

Maxi Gráfica e Editora

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

V319o VARNHAGEN, Francisco Adolfo de.

A origem turaniana dos americanos tupis-caraíbas e dos antigos egípcios: indicada pela filologia comparada: traços de uma antiga migração na América, invasão do Brasil pelos tupis etc/ Francisco Adolfo de Varnhagen/ Tradução,

Organização, e Notas de Temístocles Cezar

Serra: Editora Milfontes, 2025.

134 páginas.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-108-1

1. Tupis 2. Filologia 3. Migração I. Varnhagen, Francisco Adolfo de

II. Título.

CDD 981.0

*Decano nostro, Estêvão de Rezende Martins,  
in memoriam.*



# Sumário

Nota Introdutória.....	9
Prefácio .....	17
Capítulo I: Dos Tupis e de suas invasões. Considerações mostrando que os dois grandes oceanos foram atravessados há muito tempo.....	23
Capítulo II: Analogias mais impressionantes entre muitas palavras tupis e suas correlações com outras palavras das línguas do mundo antigo .....	39
Capítulo III: Analogias entre certos usos, certas indústrias e certas ideias .....	53
Capítulo IV: Analogias em certas superstições .....	65
Capítulo V: Povo ascendente dos tupis. Época provável da emigração. Chegada às Antilhas.....	73
Capítulo VI: Fatos entre os tupis comprovam uma invasão por via marítima. Rapto das Sabinas. Organização de uma grande nação tupi na América. Sua dispersão em bandos, conquistando por toda parte com o auxílio de suas canoas de guerra. Crueldades. Expição. ....	87
Capítulo VII: Algumas noções sobre a língua tupi .....	97
Capítulo VIII: Origem dos americanos tupis e dos egípcios. Outros povos turanianos. Explicações dos elementos semíticos encontrados na língua egípcia e dos elementos egípcios nas línguas semíticas. Casos análogos. ....	115
Conclusão.....	131





## Nota Introdutória

A origem dos indígenas brasileiros é uma questão que acompanhou Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878) desde o começo de sua carreira.<sup>1</sup> No início de 1840, quando residia em Portugal, tomou conhecimento de que o poder legislativo do império discutia uma lei que permitiria a repatriação de brasileiros que viviam no exterior, tal como ele. Varnhagen retorna ao Brasil e enquanto aguardava a votação da nova legislação aproveitou para viajar pelo interior do país.<sup>2</sup> Nessa viagem, ele teve uma experiência que marcou decisivamente sua vida: o contato com pessoas que ele chamava de “selvagens”. Até aquele momento, ele teria tido certa simpatia pelos indígenas provocada, sobretudo, pela carta de Caminha.<sup>3</sup> Porém, confessa Varnhagen, “a minha conversão, o meu horror pela selvageria nasceu em mim em meio dos nossos sertões, e em presença, digamos assim, dessa mesma selvageria”, pois ele teria sido ameaçado por indígenas “nada menos que na estrada real”, explica na polêmica que tivera com João Francisco Lisboa. O episódio foi tão impressionante para o historiador que “as ilusões com que havia embalado o espírito no

---

1 Sobre a vida e obra de Varnhagen, ver CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX. O caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

2 Carta a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, datada de Lisboa em 2 de junho de 1843, VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, pp. 100-101.

3 A “Chronica do descobrimento do Brazil” é um texto de ficção de Varnhagen, cuja base é a Carta de Caminha. *O Panorama*, v. 4, p. 21, 1840.

seio das grandes cidades se dissiparam num só dia”.<sup>4</sup>A partir deste momento, Varnhagen torna-se um duro crítico do romantismo indianista, ou do “perigoso brasileirismo caboclo”, o qual declara a Pedro II não adular “servilmente, como outros”.<sup>5</sup>

Desde então, Varnhagen começa uma verdadeira operação de desmonte dos argumentos indianistas: sobretudo de que os indígenas teriam direito de posse ao território americano por serem nativos à época da chegada do europeu. Para tanto, era necessário estudá-los, conhecê-los, saber quem eram e como se estabeleceram em terras brasílicas. Assim, nesse período, ele publica a “Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil”, em que sugere que o governo dissemine por todo o país escolas das diversas línguas indígenas, além de propor ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) a criação de uma seção de Etnografia indígena. A partir da classificação das línguas poder-se-ia “deduzir a história das invasões e transmigrações dos povos aborígenes”.<sup>6</sup> Em 1849, em uma carta publicada na *Revista do IHGB*, ele procura mostrar que as migrações dos povos indígenas teriam tido por coordenada de origem o norte e não o sul, como propunha Martius.<sup>7</sup> Em 1854, no primeiro volume da sua *História geral do Brasil*, ele estabelece a seguinte comparação: “os tupis são os Jasões de nossa mitologia, são os fenícios de nossa história antiga, são os nossos invasores normandos dos tempos bárbaros”.<sup>8</sup> Ou seja, eles estariam inseridos em uma ordenação temporal análoga à evolução ocidental. Mas participariam da história? No segundo tomo da *História geral*, publicada em 1857, à guisa de introdução ao volume,

---

4 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Os Índios bravos e o Sr. Lisboa*, Timon 3°. Lima: Imprensa Liberal, 1867, pp. 36-38.

5 Carta de Varnhagen a D. Pedro II, datada de Madri em 24 de setembro de 1856, *Correspondência ativa*, op. cit., p. 235.

6 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil”. *Revista do IHGB*, III, 1841, p. 56.

7 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Ethnografia indígena, linguas, emigrações e archeologia – Padrões de marmore dos primeiros descobridores”. *Revista do IHGB*, 1849, pp. 366-376.

8 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854, I, p. 96.

aparece “Os índios perante a nacionalidade brasileira”, texto de contestação à concepção indianista, sobretudo àquela de Gonçalves de Magalhães, na qual Varnhagen afirma categoricamente que “os Tupis nada mais eram do que os últimos invasores do território, hoje brasileiro”, fato evidenciado, segundo ele, pelas “mais antigas tradições que recolhemos”.<sup>9</sup>

O problema de Varnhagen era como demonstrar o paralelo histórico com o mundo antigo, sem recorrer à história, mas à filologia e à etnografia, essa última, a ciência correta, de acordo com sua concepção teórica, para estudar os “selvagens”, povos, segundo ele, “na infância”, para os quais não havia história, “só etnografia”.<sup>10</sup> Situar a história e a etnografia como campos de saber não apenas distintos, mas excludentes, por seus objetos, métodos e dimensão moral, é um primeiro movimento rumo à exclusão intelectual do indígena do espaço atual e de sua inclusão em outra ordem do tempo, na qual ele seria hipoteticamente mais compreensível, mais apreensível, enfim, mais dominável.<sup>11</sup>

\*\*\*

*A origem turaniana dos americanos tupis-caraíbas e dos antigos egípcios. Indicada pela filologia comparada: traços de uma antiga migração na América, invasão do Brasil pelos tupis etc.*, de 1876, é a resposta de Varnhagen a tais inquietações.<sup>12</sup> Uma primeira versão desta tradução foi publicada por mim em 2013, precedida de um estudo introdutório, no livro coletivo organizado pelas professoras Raquel Glazer e Lúcia Guimarães, no âmbito do projeto *Coleção Memória do Saber*, uma parceria do CNPq, Biblioteca

9 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1857, II, p. XVI.

10 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*, I, pp. 107-108.

11 Ver TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo*. Discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013; CEZAR, Temístocles. “Anciens, Modernes et Sauvages, et l’écriture de l’histoire au Brésil au XIXe siècle. Le cas de l’origine des Tupis”, *Anabases. Traditions et Réceptions de l’Antiquité*, Toulouse, 8, p. 43-65, 2008.

12 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *L’Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Égyptiens*. Indiquée principalement par la philologie comparée: traces d’une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les Tupis, etc. Vienne: Librairie I. et R. de Faesy & Frick, 1876.

Nacional e Fundação Miguel de Cervantes, com financiamento da Petrobrás.<sup>13</sup>

A presente tradução passou por uma ampla revisão e foi complementada com notas bibliográficas e explicativas. Saliente-se que há duas edições diferentes da obra, ambas publicadas em 1876. A partir do cotejo de uma com a outra foi possível verificar certo descuido do autor com o texto, algo pouco comum em seus trabalhos, ocasionado, provavelmente, pela pressa do autor em levá-lo a público. Assim, na primeira tiragem, além da modificação do título, foram adicionadas algumas correções de ordem gramatical e de estilo, bem como uma conclusão.

Essas correções e alterações, entretanto, não foram suficientes para tornar o original em francês um livro isento de equívocos editoriais, pois erros gramaticais, equívocos de redação e referências bibliográficas incompletas persistiram. Nessa tradução tentei solucionar boa parte destes problemas. Parte considerável da bibliografia em português, espanhol, alemão, inglês, francês e em latim, que tanto podem estar mencionadas no corpo do texto ou em notas de rodapé, geralmente de modo abreviado e/ou parcial, foram complementadas por mim a partir de um fragmento do título, de uma palavra ou apenas do nome próprio dos autores. Procurei, sempre que possível, servir-me de edições às quais Varnhagen poderia ter tido acesso, ou seja, anteriores a 1876. Apesar de todos os esforços, em muitas situações não obtive sucesso, seja por incompetência, má sorte ou porque Varnhagen foi muito sibilino, ou até mesmo pela possibilidade de equívocos na transposição dos dados fornecidos por ele. Em todo caso, a obra traduzida permanece aberta a futuras colaborações.

---

13 CEZAR, Temístocles. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os 'selvagens'. Estudo introdutório A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios. In.: GLAZER, Raquel, GUIMARÃES, Lúcia. (org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 317-345.

### Algumas precisões técnicas:

- Obras citadas que são compostas de vários volumes são referenciadas, após a primeira menção, pelo número do volume/tomo e ano de publicação.
- Atualizei a grafia das palavras, salvo nos títulos de livros e artigos.
- As expressões em língua indígena foram mantidas segundo o original, bem como as citações em língua estrangeira antiga e moderna.
- Palavras e expressões em *itálico* são, de modo geral, de Varnhagen. Eventualmente, coloquei em *itálico* títulos de algumas obras e citações destacadas do texto.

### Legendas das notas:

- (FAV): Nota de Francisco Adolfo de Varnhagen.
- (TC): Nota do tradutor.
- (FAV-TC): Quando acrescento à nota do autor algum comentário, referência, tradução ou precisão bibliográfica.

\*\*\*

Agradeço imensamente aos colegas que, em diferentes momentos do trabalho, prestaram-me um auxílio imprescindível para levar a bom termo este projeto: Alfredo Storck, Ana Maria Mauad, Arthur Alfaix Assis, Julio Bentivoglio, Kátia Pozzer, Paulo Knauss e Rodrigo Turin. Além delas/es, Eduardo Neumann e José Rivair Macedo foram fundamentais no esclarecimento de várias passagens do texto acerca da história dos povos originários e da escravidão. Um agradecimento especial a Rodrigo Garcia Garay pela revisão geral do texto, particularmente das línguas estrangeiras antigas e modernas, e pela transcrição das palavras em hieróglifos egípcios.<sup>14</sup> Por fim, registro meu agradecimento ao Progra-

---

<sup>14</sup> O texto hieroglífico foi transcrito por meio do processador de texto livre JSesh: ROSMORDUC, Serge. (2014). *JSesh Documentation*. [online] Disponível em: <http://jse->

ma de Pós-Graduação em História da UFRGS pelo financiamento do livro e à editora Milfontes pelo interesse na publicação.

*Temístocles Cezar*

UFRGS - Bolsista do CNPq

Porto Alegre, verão de 2025.

## Referências bibliográficas.

CEZAR, Temístocles. Anciens, Modernes et Sauvages, et l'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle. Le cas de l'origine des Tupis. *Anabases. Traditions et Réceptions de l'Antiquité*, Toulouse, 8, p. 43-65, 2008.

Cezar, Temístocles. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os 'selvagens'. Estudo introdutório A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios. In.: GLAZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia (org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, pp. 317-345.

CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX. O caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo. Discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "Chronica do descobrimento do Brazil". *O Panorama: jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*. vol. 4. jan-dez, 1840. 18/I: pp. 21-22; 1<sup>o</sup>/II: pp. 33-35; 8/II: pp. 43-45; 15/II: pp. 53-56; 29/II: 68-69; 14/III: pp. 85-87; 28/III: pp. 101-104.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil. *Revista do IHGB*, III, p. 53-63, 1841.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "Ethnografia indigena, linguas, emigrações e archeologia – Padrões de marmore dos primeiros descobridores", *Revista do IHGB*, XII, 1849, pp. 366-376.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. 2 Vol. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854-1857.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3<sup>o</sup>*. Pelo autor da "Historia geral do Brazil". Apostilla e nota G aos numeros 11 e 12 do "Jornal de Timon". Lima: Imprensa Liberal, 1867.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *L'Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Égyptiens. Montrée principalement par la philologie comparée et notice d'une émigration en Amérique effectuée à travers l'Atlantique plusieurs siècles avant notre ère.* Vienne: Librairie I. et R. de Faesy & Frick, 1876.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *L'Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Égyptiens. Indiquée principalement par la philologie comparée: traces d'une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les Tupis, etc.* Vienne: Librairie I. et R. de Faesy & Frick, 1876.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa.* Rio de Janeiro: INL /MEC, 1961.





1

---

1 Varnhagen não atribuiu créditos a esta imagem que aparece na abertura do livro. Conforme a análise de Paulo Knauss, a quem expresse minha profunda gratidão: “trata-se de vinheta com imagem ilustrativa representando uma urna funerária partida, com seus fragmentos e tampa ao lado, que corresponde a método de sepultamento primário do corpo com adereços pessoais. As urnas funerárias e a cerâmica tupi-guarani foram um tema da arqueologia e da etnologia no século XIX, tendo como fonte cronistas europeus do período colonial”. (TC)

## Prefácio

**D**epois de muitos anos estudando a etnografia dos tupis, invasores de quase toda a América oriental, e observando, sobretudo, suas armas e canoas de guerra, sua indústria agrícola e cerâmica, e mais ainda o mecanismo de sua língua, ainda que empobrecida na boca de gentes caídas na barbárie e no *selvagismo*, continuamente, eles se apresentavam ao meu espírito como um povo proveniente do antigo continente. Essa ideia já me preocupava em 1840, na ocasião da leitura de uma memória,<sup>1</sup> diante do Instituto Histórico e Geográfico no Rio de Janeiro, mostrando que o estudo das línguas indígenas seria mais importante para o país que o do latim e do grego, e propondo a criação de algumas escolas da língua tupi, bem como, no mesmo Instituto, da Seção de Etnografia, que existe até hoje.

Minhas convicções eram fortes em 1849, quando escrevia a essa corporação, da qual dois anos mais tarde me tornaria o primeiro-secretário, uma longa carta<sup>2</sup> mostrando que as migrações dos tupis ao Brasil tinham ocorrido do norte para o sul<sup>3</sup>, e não no sentido inverso, tal como Martius o havia imaginado.<sup>4</sup>

1 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil”. *Revista do IHGB*, III, 1841, pp. 53-63. (FAV-TC)

2 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Ethnographia indigena, linguas, emigrações e archeologia, padrões de marmore dos primeiros descobridores”, *Revista do IHGB*, XII, 1849, pp. 366-376. Reproduzido na *Revista do IHGB*, XXI, 1858, pp. 389-398. (FAV-TC)

3 Ver também VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil*. I, Madrid: Casa da V. de Domingues, 1854, p. 105. (FAV-TC) Doravante *HGB*.

4 MARTIUS, Carl Phillippe von. *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern*

Nessa carta, eu propus uma fórmula para solicitar, em todo o Brasil, informações sobre as raças indígenas, fórmula que o mesmo Instituto aceitou e a imprimiu sobre as coberturas de sua Revista trimestral.<sup>5</sup>

Eu inclusive acrescentei que os antigos tupis tornaram-se senhores do país por suas invasões pela água, em virtude da superioridade que obtiveram com suas grandes canoas de guerra de cinquenta a sessenta remadores.

Tais convicções não estavam menos firmes em 1854, como se pode ver por algumas linhas que publiquei então neste mesmo ano.<sup>6</sup>

A importância que eu atribuía, sobretudo, ao estudo da língua tupi era tal, que há dezessete anos propus-me a reimprimir todos os tesouros que o padre Montoya nos legou sobre a mesma língua; se bem que a edição que atualmente se prepara em Viena, também sob minha iniciativa, já havia sido empreendida pela Ribadeneyra, em Madri, em 1858 (os caracteres tinham sido fundidos propositalmente) quando, por razões de serviço, tive que passar à América, percorrendo-a, em uma grande parte, durante vários anos.<sup>7</sup>

Estudando a mesma língua tupi, eu ficara surpreso de encontrar várias palavras gregas; e, ao mesmo tempo, notara as flexões dos verbos para designar os tempos passado, futuro e futuro condicional, que pareciam aproximá-la do latim.

---

*Brasiliens. Eine Abhandlung.* München: Leipzig: Friedrich Fleischer, 1832, p. 8. (FAV-TC) Tradução para o português: MARTIUS, Carl Phillippe von. “O estado de direito entre os autochtones do Brazil” (1845). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Vol. XII, 1906, pp. 20-82. (TC)

5 Artigos 4, 5 e 8. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Ethnographia indigena, linguas, emigrações e archeologia, padrões de marmore dos primeiros descobridores”, *op. cit.* (FAV-TC).

6 “Assim, são os tupis os Jasões de nossa mitologia, são os Fenícios de nossa história antiga, são os nossos invasores normandos em tempos bárbaros”. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *HGB*, I, p. 106. (FAV)

7 Varnhagen refere-se a obra: MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Vocabulario y Tesoro de lengua Guarani*. Viena/Paris: Faesy y Frick, Maisonneuve y Cia. 1876. A parte I trata do *Vocabulario Español*, e a parte II do *Tesoro Guarani (Ó Tupi)*. Doravante, *Vocabulario e Tesoro*. (TC)

Guiados por estes primeiros índices, eu me apliquei, há mais de trinta anos, a alguns estudos de linguística para comparar o tupi com os antigos dialetos gregos e latinos. Porém, sempre sem qualquer fruto.

Eu havia quase desanimado de chegar a uma solução um pouco favorável, quando uma inspiração engajou-me em novos esforços. Foi a observação feita sobre outro nome por meio do qual os tupis designavam-se<sup>8</sup>, nome que aplicavam também aos europeus recém-chegados, caso fossem considerados amigos. Esse nome fez-me voltar minhas vistas para pesquisas sobre outro povo antigo, igualmente do Mediterrâneo. Contudo, pouco informado antes de tudo acerca da bibliografia linguística, tive que perder muito tempo no estudo de várias línguas, antes de chegar enfim àquela que me forneceu as mais impressionantes analogias e identidades.

Partindo, inicialmente, da crença que este outro povo antigo do Mediterrâneo somente podia ser semita ou kushita, sendo a primeira opinião sustentada pelos sábios Deimling e Lassen, e a segunda pelo barão d'Eckstein,<sup>9</sup> comeci a fazer pesquisas no hebreu e no fenício, no siríaco ou arameu e, finalmente, no árabe. Não obtendo resultados satisfatórios, eu tive que me lançar à assiriologia, dedicando-me ao estudo das obras dos dois Rawlinson, bem como aos perseverantes trabalhos de Oppert, de Norris e de Lenormant.<sup>10</sup>

---

8 Observação já feita pelo padre Joseph-François Lafitau em *Mœurs des sauvages comparés aux mœurs des premiers temps*. Paris: Saugrain, Charles-Estienne Hochereau. 1724. (FAV-TC)

9 DEIMLING, K.W. *Die Leleger: Eine Ethnographische Abhandlung*. Leipzig: B. G. Teubner. 1862; LASSEN, Christian. "Ueber die Lykischen Inschriften und die alten Sprachen Kleinasiens". *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* (ZDMG), vol.10, 1856, pp.329-388; ECKESTEIN, Ferdinand (Le baron de). "Les cares ou cariens de l'antiquité". *Revue archéologique*. Paris: Leleux, XIV (I), 1857, pp. 321-337; XIV (II), 1857, pp. 381-402; XV (II), pp. 445-474, pp. 509-530. (FAV-TC)

10 Henry Creswicke Rawlinson (1810-1895), George Rawlinson (1812-1902), Julius Oppert (1825-1905), Edwin Norris (1795-1872). Em relação a Lenormant, Varnhagen pode tanto estar referindo-se a Charles Lenormant (1802-1859), arqueólogo e egiptólogo, professor no Collège de France, como ao seu filho, François Lenormant (1837-1883), também arqueólogo e assiriólogo. (TC)

Estimulado pelo encontro, mediato, no assírio ou babilônico antigo, de vários nomes próprios absolutamente parecidos com palavras tupis, eu não tardei, no entanto, a reconhecer que as formas das duas gramáticas eram bem diferentes, e cheguei à suposição que esses nomes pertenciam a outra língua que, no país, tinha precedido ao assírio. Isso me lançou ao acádio. Porém, cedo as grandes esperanças concebidas pela semelhança das formas gramaticais viram-se decepcionadas pela diversidade material das duas línguas, pela ausência, com raras exceções, do *similitudo verborum*.<sup>11</sup>

Sempre na convicção de que a origem dos tupis devia encontrar-se no mundo antigo, dediquei-me a alguns estudos sobre o zendé ou iraniano antigo, o armênio e o ariano ou sânscrito. Em cada uma dessas línguas, sem falar das formas gramaticais, as palavras de uma natureza primitiva eram, em geral, bastante diferentes daquelas da língua tupi; e se, uma vez ou outra, recolhe-se algum termo parecido, isso somente servia para aumentar as dúvidas.

Entre as línguas mais conhecidas, em contato com o Mediterrâneo, restava-me apenas o egípcio. Eu então me consagrei à egiptologia; e com mais assiduidade posto que foi nela que, desde meu início, principalmente no estudo das obras de Bunsen, Wilkinson, Tattam, Brugsch e Chabas<sup>12</sup>, entrevi os primeiros sucessos que, com muita perseverança, conduziram-me de investigação em investigação a duas conclusões: de que o povo em questão era da mesma família do egípcio antigo e que um e outro pertenciam a estas raças uralo-altaica que se chama geralmente turanianas – nome ao qual eu me conformei esperando que os sábios decidam-se sobre a adoção de um outro que o substitua.

Estas duas conclusões – da proveniência dos tupis e da mais provável origem dos antigos egípcios, origem até hoje tão enigmática – são devidas quase exclusivamente à filologia comparada, verdadeira ciência moral, cujos fatos e induções são, quando se

---

11 Em latim no original, *semelhança de palavras*. (TC)

12 Christian Charles ou Karl Josias von Bunsen (1791–1860), John Gardner Wilkinson (1797–1875), Henry Tattam (1789–1868), Heinrich Karl Brugsch (1827–1894), François Joseph Chabas (1817–1882). (TC)

obtéem êxito em deduzi-los, para a história da humanidade, documentos tão autênticos como aqueles fornecidos pela paleografia ou arqueologia. Quem teria dito isto, há mais de três séculos, a Conrad Gesner, o autor do primeiro *Mithridates* ou, meio século depois (1603), a Jerome Megiser, o redator de *Thesaurus Polyglottus vel Dictionarium multilingue*!<sup>13</sup>

Pesquisas no basco, no turco, o húngaro e os dialetos fino-úgricos não deixaram de ser fecundos e inspiraram-me a convicção de que vários outros povos, destruídos ou habitando atualmente muito distante, não poderiam ter outra origem que a mesma uralo-altaica.

Enfim, muitas semelhanças e analogias entre as armas, os instrumentos e certas ideias dos tupis com outros da antiguidade cisatlântica, sobretudo o Egito, que nos conservou os modelos e as lembranças, que vieram ao encontro de fatos fornecidos pela filologia comparada, acerca das antigas relações entre os dois mundos.

Ao chegar a resultados mais importantes do que havia pensado, eu acreditei que seria meu dever fazê-lo objeto de uma publicação. A ciência não pode ser nem egoísta nem orgulhosa. Tendo sempre vivido sobre o terreno *americanista*, conduzido pela sorte neste novo caminho, mal o tendo reconhecido como praticável, acreditei que era meu dever continuar a segui-lo, com passos mais seguros, os sábios que devotaram toda sua existência a adquirir conhecimentos mais profundos destas partes do mundo. Assim, os orientalistas virão em auxílio dos americanistas, enquanto estes se farão orientalistas; e uns e outros, ao ver aumentar o número de seus alunos e se expandir o horizonte de suas pesquisas, somente terão a ganhar.

Os sábios, bem entendido, não deverão esperar encontrar neste ensaio pesquisas no nível de sua erudição; mas, simplesmente, a revelação de alguns fatos e deduções apresentadas às pressas, pois não seria necessário deixar de expô-las pela pretensão de oferecer alguma coisa mais perfeita e mais metódica. Ainda que pouco versado nos profundos estudos filológicos, não ignoro suas armadilhas e as dificuldades que oferecem para estabelecer teo-

---

13 Hieronymus Megiser (1554–1618), Conrad Gessner (1516–1565). (TC)

rias com segurança. Porém, acreditei que publicando o que penso atualmente, pode-se chegar a saber o que é preciso definitivamente pensar acerca de um assunto tão importante.

Era necessário também lançar um grito de alerta aos países onde se fala dialetos tupis, para que se apressem a recolher tudo aquilo que será ainda possível de se encontrar sobre os descendentes desse povo, do qual aqueles que parecem ser os ancestrais, no mundo antigo, desapareceram diante das conquistas sucessivas dos persas, dos gregos, dos romanos, dos árabes, dos cristãos e dos turcos.

Eu o digo mais uma vez: estas são apenas as minhas primeiras pesquisas e investigações que arrisco a apresentar hoje. Estes resultados parecem-me, entretanto, a tal ponto extraordinários que, eu mesmo, estou espantado, quase com vertigem.

Ao publicá-los, cumpri meu dever. Aos sábios profissionais cabe examiná-los, condenando-os ou admitindo-os, em todo caso, enriquecendo com o fruto de sua erudição e de suas luzes. Eu só teria que aplaudir se, recebendo as honras da crítica, estas páginas pudessem fazer brotar mais profundas revelações sobre a antiguidade estudada na atualidade de uma maneira tão segura como fácil; e isso, apesar do orgulho de nossa espécie, que se aproximando dos selvagens, encontraria do que se humilhar.

Em todo caso, parece-me que, por este trabalho, vários fatos novos ficam adquiridos que não podem mais ser colocados em dúvida. Se entre minhas conclusões, algumas são um pouco audaciosas, pode ser que no futuro serão consideradas no número daquelas às quais Alexandre de Humboldt disse: “Tudo aquilo que excita o movimento, seja erro, seja previsão vaga e instintiva, seja argumento refletido, conduz a expandir a esfera das ideias”.<sup>14</sup>

*Visconde de Porto Seguro.*

Viena, janeiro de 1876.

---

<sup>14</sup> HUMBOLDT, Alexander von. *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles*. Vol. 1. Paris: Librairie de Gide, 1836, p. 12. (TC)

# Capítulo I

Dos Tupis e de suas invasões.

Considerações mostrando que os dois grandes oceanos foram atravessados há muito tempo

**A** grande nação dos tupis que, já fracionada em bandos sob os nomes de *tupi-n'ambás*, *tupi-n'aês*, *tupi-n'ikis*, *carijós*, *guaranis* e outros, tinha invadido, do norte em direção ao sul, todo o atual território do Brasil, do Paraguai e uma parte daquele das repúblicas Oriental e Argentina, de acordo com as tradições confirmadas pela quase identidade da língua, era da mesma família dos caribes, que habitavam principalmente as pequenas Antilhas, Porto Rico e uma parte de São Domingos. Esses caribes tinham levado suas colônias até Honduras,<sup>1</sup> à Flórida,<sup>2</sup> e ao norte do império de Anahuac,<sup>3</sup> e mesmo até o golfo californiano.<sup>4</sup>

---

1 Ver os mapas de Max de Sonnenstern e de Squier, e as passagens da nota de Galindo citadas em nosso opúsculo: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Le premier voyage de Amerigo Vespucci. Définitivement expliqué dans ses détails*. Vienne: chez les Fils de Carl Gerold, 1869, p. 8 e 30. (FAV-TC)

2 Entre os Apalaches, ver ADELUNG, Johann Christoph. *Mithridates oder Allgemeine Sprachenkunde: mit dem Vater Unser als Sprachprobe in beynahe fünfhundert Sprachen und Mundarten*. Berlin: Vossischen Buchhandlung, 1816, III, 3. (FAV-TC)

3 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Le premier voyage de Amerigo Vespucci. op. cit.*, p. 20. (FAV)

4 Certos costumes tupis, segundo o padre Ribas. (FAV) Suponho que Varnhagen esteja se referindo à obra do jesuíta Andrés Pérez de Ribas, citado adiante no livro: RIBAS, Andres Perez. *Historia de los triumphos de nuestra santa fee [sic] entre gentes las mas barbaras, y fieras del nuevo Orbe: conseguidos por los soldados de la milicia de la Compañia de Jesus en las misiones de la provincia de Nueva-España*. Madrid: por Alonso de Paredes,



O emprego, entre os tupis meridionais, da palavra *caribe* ou *cary* para designarem uns aos outros era muito frequente, inclusive aplicavam-nas em relação aos europeus que estimavam; daqui é que provém o nome *carioca*, dado a uma fonte no Rio de Janeiro, próxima da qual se estabeleceram os primeiros colonos portugueses, e, mais tarde, por extensão, a todos os filhos da mesma cidade do Rio. A palavra *carioca* significa casa (*oca*) do branco (*cary*).

O padre Montoya diz que *caray* é uma palavra “pela qual os índios honravam seus feiticeiros: em razão da qual aplicaram aos espanhóis e *muito mal a propósito* dos cristãos e às coisas bentas; mas, nós – acrescenta – não a empregaremos nesse sentido”.<sup>5</sup> Apesar dessa piedosa protesta, ele não deixa de usá-la, posto que em seu *Vocabulario* (p. 177)<sup>6</sup> dá como correspondente a “cura de paróquia dos espanhóis” a significação de “*Caray pay*”.

Que os tupis e os caribes eram da mesma nacionalidade daremos aqui uma prova ao mostrar a similitude que existe entre os dialetos tupis da América meridional e o dialeto caribe ou caraiibe do norte. Para isto, é suficiente comparar algumas palavras da prece dominical, nos dois dialetos, tal como se segue:

	Tupi	Caribe
no céu	<i>ybak-y-pé</i>	<i>ubécu-yumi</i>
terra	<i>ibi</i>	<i>uibui</i> <sup>7</sup>
dia	<i>ara</i>	<i>huere</i>
comida	<i>mbiú</i>	<i>hueyú</i>

---

junto a los estudios de la Compañia, 1645. (TC)

5 “con que honraron (los índios) a sus hechizeros universalmente: y assi lo aplicaron a los Españoles, y muy impropriamente al nombre Christiano, y a cosas benditas, y assi no usamos dél en estos sentidos”. (“Com que honraram (os indígenas) universalmente seus feiticeiros: e assim o aplicaram aos Espanhóis, e muito inadequadamente ao nome cristão, e a coisas abençoadas, e assim não usamos dele nestes sentidos”) MONTROYA, *Tesoro*, p. 90v. (FAV) Montoya grafou *Carai* e não *Caray* como escreveu Varnhagen. (TC)

6 No original, p. 277, um evidente equívoco de Varnhagen. (TC)

7 Não *monha*, como foi dito por Adelung no *Mithridates*, *op. cit.*, p. 692. Diferentemente da p. 681, na qual à palavra *ouibous* é concedido o significado de “terra”; o mesmo para aquela de “galinha” em caribe *tapucicoien*, em tupi *çapucaia*. (FAV)

Quanto à língua que se quis chamar de *guarani*, ela praticamente não difere do antigo *tupi* do Brasil meridional. *Guarani*, ou melhor *guaryny*, quer dizer apenas guerra ou guerreiro. Assim, a palavra foi muito mal-empregada por Montoya para designar a língua da qual trata quando o próprio, em seu *Vocabulário*, nos dá várias vezes a significação da mesma palavra.<sup>8</sup> Ora, essa palavra excluiria não somente as mulheres que falavam a mesma língua, com apenas pequenas diferenças, como também os *pajés* e os *tebiros*, que estavam longe de serem guerreiros e que, no entanto, não se serviam de uma língua diferente daquela de todos os guerreiros de sua nação.

A etimologia da palavra *tupi*, sobre a qual tantas dúvidas tivemos, nós enfim a explicamos. Esta palavra, ou sobretudo *t'ypi*, quer dizer, na própria língua tupi, apenas “aqueles da geração primitiva”, *ipy* significando o começo da geração, e *t* sendo, segundo o padre Luis Figueira, um prefixo que torna o nome que se segue “reflexivo dele mesmo”. Esse *t* é, portanto, um pré-formante aglutinado, que vemos também nas palavras *t'uba*, o pai, *t'éte*, o corpo, e outras; somente, nesses últimos casos, os tupis não pronunciavam as palavras separadas das pré-formantes como se elas fossem verdadeiramente *tuba*, *tété* etc.

As sílabas finais dos nomes *tupi-n'ambás*, *tupi-n'aês*, *tupi-n'ikis* etc. são apenas qualificativos que podem ser traduzidos por legítimos, malvados, laterais etc. *Carijós* parece significar simplesmente “descendentes dos *carys*”. Também as outras denominações adotadas para designar os inumeráveis bandos ou grandes hordas da dita nação – denominações tanto tomadas por elas mesmas, tanto como verdadeiros apelidos inventados por seus vizinhos (nesse último caso geralmente injuriosos) – digamos os nomes de *tamóyos*, *temiminós*, *guayanás*, *guaitacás*, *guatos*, *caités*, *petiguares*, *tabajaras*, *tremembés*, *nhengaïbas* e um grande número de outros, eram apenas palavras da língua tupi, todas traduzidas e designando alguma vaidade ou algum signo distintivo particular do bando.<sup>9</sup>

---

8 Ver MONTOYA, *Vocabulario*, pp. 83, 263 e 284. Veremos adiante uma etimologia possível para este nome. (FAV)

9 Ver VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *HGB*, I, p. 100 e seg. (FAV)

Os invasores falavam uma língua que, sem dúvida, tivera outrora mais cultura, e com a qual atribuíram sistematicamente os nomes às localidades e às produções do país, nomes que foram, em grande parte, adotados pela Europa. De modo que o conhecimento dessa língua tornou-se importante para explicar um grande número de palavras, não somente da geografia americana e das ciências naturais como da conversação familiar. É ela que nos fornece a etimologia das palavras Guiane, Oyapoc, Pará, Piauí, Ceará, Parahíba, Pernambuco, Goyáz, Sergipe, Paraná, Paraguai, Uruguai e numerosas outras menos conhecidas. É ainda esta língua que nos auxilia a explicar a maior parte dos nomes destas nacionalidades, ou sobretudo dessas grandes populações que outrora dominavam mais da metade do território da América meridional.

Conhecemos, por outro lado, o grande número de nomes emprestados pela botânica a esta mesma língua para designar, não somente algumas novas espécies, mas também alguns gêneros. Vários desses nomes passaram mesmo à língua francesa e encontram-se em seus dicionários tais como *goyave*<sup>10</sup>, *goyavier* (ou *guayavier*), *guaraná*, *guaranheim*, *manioc*<sup>11</sup>, *jacarandá* e outros.

Na zoologia aceitou-se *agouti*, *paca*, *capivara* (capivara), *jaguar*, *tapir*, todos nomes tupis.

A ornitologia enriqueceu-se com as palavras *ara*, *aracari* (*araçai*), *caracará*, *jabiru*, *tangará*, *teité*, *toucan* etc.

Na ictiologia nós temos os *guaperve* (*guaperuá*), *acará*, *pirabé*, *tareira*, *curimate* (*curimatá*) etc.

A herpetologia apreendeu também algumas palavras, como *ibiboboca* e *boiucupanga*<sup>12</sup>, e mesmo *jiboia* que se tornou bastante usual.

A própria ciência de Werner, entre todos os seus nomes de raiz alemã, não deixou de admitir, entre outras, aquelas de *itabirite* e de *itacolumite* nas grandes formações sobre as montanhas de

---

10 *Goiaba*. (TC)

11 *Mandioca*. (TC)

12 *Boiucupanga*. (TC)

*Itabira*<sup>13</sup> e de *Itacolomi*<sup>14</sup> em Minas Gerais.

Enfim, os nomes *ananás*<sup>15</sup> e *tapioca*, pertencentes à língua tupi, são muito familiares em todos os lugares, da mesma forma que os de *ipecacuanha*, *jaborandi* e de *copahu*.

Se a Europa, com o justo orgulho da superioridade da sua civilização atual, pela adoção de tantas palavras não desdenhou de homenagear tal língua, então não poderá certamente receber com indiferença as provas de que esta mesma língua, encontrada na boca dos selvagens americanos, seja a mesma língua que foi falada outrora no antigo continente por um povo próximo e parente dos egípcios e que emigrou para a América através do Atlântico.

Nós não devemos nos espantar da realização de tal emigração considerando que, mais de mil anos antes da nossa era, os fenícios já ultrapassavam a costa ocidental da África<sup>16</sup>, as colunas de Hércules ou o estreito de Gibraltar, e que, segundo as induções que apresentaremos adiante, eles navegaram até as ilhas Canárias. De maneira que a língua dos guanches foi mais tarde encontrada com numerosas palavras berberes<sup>17</sup> e semíticas.<sup>18</sup>

Ora, desde que esta navegação além do estreito de Gibraltar tornou-se frequente, nada mais natural do que supor que algumas embarcações poderiam ter se extraviado. Com efeito, levadas por tempestades em direção ao *Gulf Stream*<sup>19</sup>, algumas não poderiam deixar de ser conduzidas pela correnteza até a América, como

---

13 *Ita*, pedra, *bira*, brilhante, quer dizer “cristal de rocha”. (FAV)

14 *Ita*, pedra, *columi*, menino, “menino de pedra”, por causa da forma de seu pico. (FAV) Atual Pico de Itacolomi na divisa de Mariana e Ouro Preto. (TC)

15 É por erro que se diz que não era uma palavra da língua tupi. Os indígenas dizem *Naná*. (FAV)

16 MOVERS, Franz Karl. *Das phönizische Altertum*. Aulen: Scientia Verl. 1967, II, p. 542 e seg., e III, p. 23. Voltaremos a este ponto no capítulo V, sobre as provas da antiga navegação nestas paragens por um outro povo. (FAV-TC)

17 Ver BERTHOLET, Sabin. “Mémoire sur les Guanches”. *Mémoires de la Société d’Ethnologie de Paris*, Paris, 1841 (II), pp. 77-151; 1845 (II), pp. 77-147. (FAV-TC)

18 Ver CLARKE, Hyde. “On the ethnological position of the Guanches as dependent on their philological relations”. *Transactions of the Ethnological Society of London*. vol. 7. London: John Murray, 1869, p. 115. (FAV-TC)

19 *Gulf Stream*, corrente do golfo, é uma corrente marítima potente e rápida do oceano Atlântico cuja origem encontra-se no Golfo do México. (TC)

acontece ainda em nossos dias, assim como mostraremos em seguida citando alguns exemplos. E, não somente esses frequentes desvios parecem muito prováveis, como não é impossível supor que um ou outro navio tenha retornado da América, e tenha difundido no velho mundo a ideia de que os gregos já possuíam de um outro continente a oeste e do mar de sargaços ou de algas marinhas.

O fato de que a navegação até as ilhas Canárias não tenha prosseguido e que seus traços tenham sido quase apagados da história, não deve, hoje, nos surpreender, posto que sabemos que uma navegação bastante frequente e regular existira outrora entre a Groelândia e o norte da Europa, a qual tendo cessado, tornou-se necessária, por assim dizer, ser redescoberta. Foi o que se passou, como sabemos hoje, em relação às Canárias: essas ilhas, após terem sido conhecidas pelos antigos e terem sido descritas em obras suficientemente renomadas, tiveram que ser descobertas de novo no século XV.

Ptolomeu menciona seis ilhas do norte para o sul, sob os nomes de Apropositus ou inacessível, Herae ou Junonia, Pluitania, Casperia, Canária e Pinturia.

Plínio, baseado em Statius Sebosus, cita cinco: a Junonia (Grande Canária), a Pluvialia, sem água (ilha do Ferro?), a Capraria (Palma?), a Planaria (Lanzarote?) e a convexa Convallis (Fortaventura?): – e, observando que Juba, rei da Numídia, tivera a ideia de ocupar essas ilhas, o autor com sua tendência a compilar sem refletir muito, e copiando provavelmente de outro autor, cita ainda, sob o mesmo nome, duas Junonia, uma grande, outra pequena, uma Capraria, plena de lagartos, e acrescenta outras ilhas com os nomes de Canária, abundante em cães, de Ombrios (com água apenas nas folhas de certas árvores, o que ocorre na ilha do Ferro), e, enfim, Nivaria, com neves perpétuas, o que a designa como sendo evidentemente Tenerife. Segundo frases transcritas por esse autor, essas ilhas teriam sido povoadas desde há muito tempo e que, mesmo naquela nomeada Canária, viam-se ruínas ou vestígios de antigas construções.

Evitando nos engajarmos na causa daqueles que sustentam que o verdadeiro monte Atlas primitivo deve ter sido o pico Tenerife, e que mais tarde os gregos adotaram, por algum engano, em seu lugar, de Mauritània, seu nome atual, cremos ser somente a principal dessas ilhas, a Junonia ou Grande Canária, tão superior a todas as outras do arquipélago, que deve se relacionar à passagem de Diodoro da Sicília, contendo uma descrição que pode se aplicar em todos seus detalhes à mesma ilha. Eis a passagem de Diodoro, traduzida textualmente:

“Após ter falado das ilhas situadas aquém das colunas de Hércules descreveremos aquelas que estão no oceano. Do lado da Líbia, encontra-se uma ilha no alto mar, de uma extensão considerável, situada no oceano. Ela está distanciada da Líbia por várias jornadas de navegação e situada a ocidente. Seu solo é fértil, montanhoso, pouco plano e de uma grande beleza. Esta ilha é regada por águas navegáveis.<sup>20</sup> Nela se vê numerosos jardins com todo tipo de árvores e pomares atravessados por fontes de água doce. Encontram-se casas de campanha suntuosamente construídas cujos canteiros são ornados com berços cobertos de flores. É nela que os habitantes passam o verão, desfrutando dos bens que a campanha lhes fornece em abundância. A região montanhosa é coberta de madeira espessa e de árvores frutíferas de todas as espécies: a estada nas montanhas é embelecida por pequenos vales e numerosas fontes. Em uma palavra, toda a ilha é bem regada de águas doces que contribuem não somente para o prazer dos habitantes, mas também para sua saúde e sua força. A caça fornece-lhes muitos animais diversos e propicia-lhes alimentos suculentos e suntuosos. O mar que banha esta ilha contém uma infinidade de peixes, porque o oceano é naturalmente pleno de peixes. Enfim, o ar é tão temperado que os frutos das árvores e de outros produtos que crescem em abundância durante a maior parte do ano. Em resumo, esta ilha é tão bela que parece mais a morada feliz de alguns deuses do que a dos homens”.<sup>21</sup>

20 “διαρρέομένη γὰρ ποταμοῖς πλωτοῖς ἐκ τούτων ἀρδεύεται”, etc. A palavra *ποταμός* que se aplica geralmente à água doce é também empregada por Homero para se referir ao oceano, considerando-o como *um rio que circunda a terra*. Por essa razão, nós nos permitimos substituir as palavras “rios navegáveis” por “águas navegáveis”, na tradução do senhor Hoefler, a qual nós nos servimos em nosso texto. Essas águas navegáveis eram os portos e também os canais entre as ilhas do arquipélago. (FAV)

21 Na edição utilizada por Varnhagen do trabalho de Diodoro da Sicília, o tradutor e anotador da obra, Ferdinand Hoefler, acrescenta, neste ponto, uma nota explicativa ao texto na qual suspeita que a ilha que se refere o autor pode ser as Canárias ou as Açores. DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. II, L. V, XIX. Paris: Charpentier,

“Outrora esta ilha era desconhecida por causa do seu grande distanciamento do continente, e eis como foi descoberta. Os fenícios exerceram, em toda antiguidade, um intenso e vasto comércio marítimo; estabeleceram um grande número de colônias na Líbia e nos países ocidentais da Europa. Seus empreendimentos corresponderam a seus anseios, e tendo adquirido grandes riquezas, tentaram navegar além das colunas de Hércules, no mar que chamamos de oceano. Eles fundaram primeiro sobre o continente, perto das colunas de Hércules, em uma quase ilha da Europa, uma cidade que nomearam de Gadir, na qual fizeram todas as construções necessárias. Ergueram um magnífico templo consagrado a Hércules e instituíram sacrifícios pomposos segundo os ritos fenícios. Este templo é ainda hoje de grande veneração. Muitos romanos célebres por suas façanhas realizaram nele os votos que fizeram a Hércules pelos seus sucessos. Os fenícios partiram, portanto, para explorar, como o dissemos, o litoral situado fora das colunas de Hércules, e enquanto contornavam a costa da Líbia, foram lançados por ventos violentos para muito longe no oceano. Abatidos pela tempestade por muitos dias, eles desembarcaram finalmente na ilha da qual falamos. Ao tomarem conhecimento da riqueza do solo, comunicaram sua descoberta a todo o mundo. É por isto que os tirreanos, poderosos no mar, desejavam também enviar uma colônia, mas foram impedidos pelos cartagineses. De um lado, estes últimos temiam que um grande número de seus concidadãos, atraídos pela beleza da ilha, deserdassem de sua pátria. De outro lado, eles a viam como um asilo para o qual poderiam se retirar em caso de acontecer alguma desgraça com Cartago, pois esperavam que sendo mestres do mar poderiam se transportar, com todas suas famílias, para esta ilha que seria ignorada por seus vizinhos”.<sup>22</sup>

Como dissemos, em toda esta passagem nada há que não possa se aplicar à Grande Canária, a primeira do arquipélago que, em consequência de sua superioridade sobre as outras em todos os sentidos, teria sido povoada e cultivada. Por fim, o próprio Diodoro não quis deixar dúvidas acerca de uma ilha adjacente à África que acabara de tratar, posto que continua com estas palavras: “Como nós já tratamos bastante do oceano libiano e de suas ilhas, retornemos à Europa”.<sup>23</sup>

---

1846. (TC)

22 DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. II, L. V, XX. (FAV-TC)

23 “Ἐπεὶ δὲ περὶ τοῦ κατὰ τὴν Λιβύην Ὠκεανοῦ καὶ τῶν ἐν αὐτῷ νήσων

Se, portanto, a navegação dos povos do Mediterrâneo com a África ocidental existiu durante séculos, a ponto de mesmo antes do rei Juba já se viam ruínas de edifícios em uma das ilhas Canárias, seria impossível acreditar que não houve, pela sequência de acidentes tão frequentes ainda em nossos dias, alguns casos de navios desgarrados em direção à América.

De tais desgarramentos no Atlântico exemplos, que ocorreram no último século e que se tornaram históricos, foram citados várias vezes. Em 1731, um navio carregado de vinho, indo de Tenerife para Gomera, foi arrastado até a costa da ilha de Trinidad. Em 1777, um outro navio, menor, carregado de trigo, e destinado a fazer a travessia de Lancerote a Tenerife, tendo sido empurrado para longe, em um momento que ninguém da tripulação estivesse a bordo, encalhou nas costas de Guaira, na Venezuela. Enfim, em 1797, três negros<sup>24</sup>, de doze fugidos de um navio negreiro, sobreviveram e chegaram a Barbados.

Todavia, é preciso admitir que tais migrações, sendo parciais e ao mesmo tempo com poucos indivíduos, não lhes permitiram impor sua língua nos países em que abordavam. Ao contrário, eles tinham que aprender aquela dos indígenas, introduzindo nela palavras de uma ou outra indústria que lhes aportavam, com as idéias e os princípios de organização e de civilização os quais lhes pertenciam. Nós temos um exemplo impressionante do que aconteceu, mais tarde, no México, com os espanhóis, ainda que tenham chegado em maior número. Os indígenas aceitaram deles e admitiram em sua língua as palavras *Dios, misa, mesa, cahuayo*

---

διήλομεν, μεταβιβάζομεν τὸν λόγον ἐπὶ τὴν Εὐρώπην". (FAV) Varnhagen parece se servir aqui de uma versão diferente da citada anteriormente, pois o texto em francês difere daquele estabelecido por Hoefler. DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. II, L. V, XXI. (TC)

24 Varnhagen escreve *negre*, que significa "negro da África". Trata-se de um termo raro em francês até o século XVIII. O vocábulo substituiu, por reivindicação dos próprios negros, o termo *more* considerado pejorativo. Ambas as expressões tenderam a cair em desuso, sobretudo após 1945, por também denotarem significados depreciativos, em favor das palavras *africano* e *negro*. MAUNY, Raymond. *Glossaire des expressions et termes locaux employés dans l'ouest africain*. Paris: Éditions Écriture, 2011, pp. 79-80. Agradeço ao meu colega e amigo José Rivair Macedo pela precisa indicação. (TC)



(por *caballo*) e outras de que necessitavam.<sup>25</sup> Da mesma maneira, pode-se acreditar que, muitos séculos antes, seus predecessores, apreenderam de algum egípcio certas palavras para designar as idéias novas para eles, tais como papel-moeda<sup>26</sup>, chumbo, cebola, fonte (artificial). Na verdade, a similitude dos nomes mexicanos correspondentes, *amatl*, *temetzth*, *xonacatl*, *ameycatli* e *tomín* com os coptas  $\mu\epsilon\lambda\lambda\alpha$ ,  $\mu\tau\alpha\tau\varrho$ ,  $\chi\omicron\lambda$ ,  $\alpha\mu\alpha\iota\omicron$ , e  $\varrho\omicron\mu\iota\tau$  (em que as diferenças não são mais notáveis que aquela entre *caballo* e *cahuayo*), não pode ser considerada fortuita e nos abre um caminho para investigações mais sérias.

Mais ao sul, em direção a Santa Marta, trabalhava-se o cobre e o ouro, inclusive, segundo Herrera, com esmeraldas engastadas; e a origem de tal indústria poderá ainda ser indicada pela filologia comparada, examinada apenas nas poucas palavras que os imigrantes poderiam ter introduzidos nela.

Está claro também que tais imigrantes, em número pequeno, não teriam sido suficientes para mudar o tipo físico dos indígenas, já que foi o mesmo encontrado em toda a extensão das duas Américas, desde o Canadá à Terra do Fogo. Esse tipo físico era em todos os lugares idêntico àquele da raça que é classificada, na Ásia oriental, sob o nome de mongol; seja porque o povoamento primitivo da América efetuou-se em uma época quando os dois continentes encontravam-se ainda reunidos e não separados pelo estreito de Bering, seja porque ele se fez após esta separação, através do mesmo estreito.

Este tipo físico caracteriza-se, sobretudo, pelo ângulo formado pela linha dos olhos, pela abundância e lisura da cabeleira e pela cor mais ou menos escura da pele, indo do marrom amarelado ao vermelho cobre.

---

25 Esse fato se passou mesmo entre os tupi-guaranis do Paraguai. É suficiente percorrer os dicionários de Montoya para notar o número de palavras espanholas que os indígenas tinham adotado. Além daquelas da religião, encontramos *cambará*, *sandíá* etc. por *cabra*, *sandía* etc. (FAV)

26 Ou seja, objetos de qualquer tipo para facilitar as trocas. (FAV)

Esses transplantes<sup>27</sup>, se podemos nos servir dessa expressão, dos novos colonos não poderiam de maneira nenhuma mudar os caracteres distintivos da raça; posto que mesmo hoje, apesar de todas as invasões de colonos da Europa nos países que eram já bastante povoados, como o México, a América central e as regiões além dos Andes, os tipos indígenas sempre predominam.

Por fim, o estreito de Bering, congelado durante uma parte do ano e que se pode atravessar a pé, nunca poderia ter sido um obstáculo às migrações; e ainda hoje, segundo Coxe<sup>28</sup>, os tchutski passam para a América por lá inquietando os nativos; assim como esses últimos tomam o mesmo caminho para chegar à Rússia e vender suas peles. Todas as nações indígenas da América, de norte a sul, bárbaros ou semicivilizados, possuíam, segundo nós, um móvel característico dessa colonização primitiva: um pequeno banco de madeira, bastante baixo, de uma só peça, com quatro pernas unidas duas a duas de comprimento, cujo assento, um pouco côncavo, é geralmente pintado.

Se, portanto, as analogias antropológicas, fisiológicas, e mesmo algumas filológicas nos fazer supor que a América e, também, a Oceania, foram povoadas, inicialmente, quase ao mesmo tempo que o oriente da Ásia, todos os vestígios das civilizações que encontramos na América, e os monumentos sobretudo, vinculam então as origens das mesmas civilizações às nações ocidentais do continente asiático e do norte da África.

Devemos acrescentar que na América, tanto no norte como no sul, todas as tradições estavam de acordo em admitir que as ondas das civilizações ou das emigrações civilizatórias partiram do golfo mexicano e do centro do continente; ou seja, precisamente das paragens onde navios provenientes do oeste do estreito de Gibraltar e levados por mau tempo ou algum outro acidente até o *Gulf Stream*, poderiam ser naturalmente conduzidos pela ação de suas correntes.

---

<sup>27</sup> Varnhagen escreve *greffements*, espécie de neologismo não dicionarizado derivado de *greffe*, transplante, enxerto. (TC)

<sup>28</sup> COXE, William. *Les nouvelles découvertes de russes, entre l'Asie et l'Amérique*. Paris: Hotel de Thou, 1781. (TC)

Estamos longe, assim, de partilhar a opinião de certos inovadores contemporâneos que sustentam que a América, as Canárias e mesmo alguns países da Europa e o Egito teriam sido povoados por habitantes da *Atlântida* de Platão. Longe de nós a pretensão de querer declarar que essa Atlântida seja uma fábula ou um mito. Mas quando temos fatos, ao alcance de todo mundo, que explicam de uma maneira completamente diferente o povoamento destes países, acreditamos que não temos o direito de recorrer a explicações muito casuais.

Em relação ao antigo continente, se, de acordo com o próprio relato de Platão, os atlantes foram detidos em seu projeto de invasão e se, pouco depois, terremotos e cataclismos destruíram seus país, então como pretender extrair do texto de Platão a conclusão que os mesmos atlantes teriam podido colonizar deste lado?


O historiador da Índia portuguesa, João de Barros<sup>29</sup>, nos indica ainda outro meio pelo qual os colonos da Ásia e da África oriental poderiam passar para a América. Ele diz que alguns juncos desses países teriam sido conduzidos pelas tempestades e a força das correntes em direção ao oeste o Cabo da Boa Esperança. Ora, sendo assim, alguns destes juncos não poderiam ter deixado de chegar à América.<sup>30</sup>

Raciocínios semelhantes podem ser feitos em relação ao Pacífico, onde se veem em nossos dias barcos à mercê de correntes chegarem até a América. Menciona-se o caso de um junco do Japão, que aportou em 1833 no cabo Flattery, na costa americana; e em Yeddo vivia ainda, há pouco tempo, um indivíduo que tinha vindo com a correnteza até a Califórnia; e as coincidências e identida-

---

29 “E como os Mouros desta costa Zanguebar navegam em náos e zambucos feitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem soffrer o ímpeto dos mares frios da terra do Cabo de Boa Esperança, e isto ainda com monções e temporaes feitos, e mais tem já experiencia em algumas náos perdidas, que esgarraram contra esta parte do grande Oceano Occidental” (itálico FAV). BARROS, João. *Ásia de Joam de Barros: dos factos que os portugueses fizeram no descobrimento [et] conquista dos mares [et] terras do Oriente*. Decada I, L. 8, C. IV: Impressa per Germao Galhard, 1553. (FAV-TC)

30 Pode ser que de alguém chegado à ilha de Fernando Pó descenderam esses indígenas Boobis, que continuam ainda, separados dos colonos brancos e dos negros e que falam uma língua que se aproxima dos idiomas asiáticos. LAFOND, Gabriel. (Rapport par le capitaine). “Journal d’un baleinier, par le Dr. Thiercelin”. *Bulletin de La Société de Géographie*. Paris, janvier-juin 1867, pp. 569-571. (FAV-TC)

des entre os calendários e números de palavras muiscas e japonesas, que segundo Humboldt e Siebold foram popularizadas por Paravey, fazem pensar que houve emigrantes da mesma origem que os japoneses que teriam chegado até o planalto de Cundinamarca.<sup>31</sup> O nome de Bochica continuou associado a esta emigração. Pretendeu-se mesmo derivar do sânscrito a língua quíchua, e aos exemplos que foram apresentados (um grande número sem muito fundamento) poderíamos acrescentar a palavra *alpaka*, que é puro sânscrito<sup>32</sup>, significando “fábula”, o que se aplica bem ao animal peruano. Mas de um outro lado, outras palavras quíchuas tem o aspecto turanian. Assim, *taqna* poderia, sobretudo, se explicar como derivada do acadiano *taqna* , sobre pedra.

Contudo, não é nosso objetivo nos ocuparmos da origem das diferentes migrações, que poderiam ter ocorrido no quarto continente, e se citamos algumas palavras significativas da língua mexicana, que parecem indicar como egípcia a origem de sua civilização, o que além do mais é constatável pela semelhança da arquitetura e o uso de hieróglifos de um sistema análogo, foi somente para mencionar exemplos que tivemos a felicidade de notar no curso de nossos estudos, e que entregamos penosamente à publicidade com o objetivo de engajar outros escritores a pesquisas mais aprofundadas.

Nosso principal propósito neste opúsculo é de estudar uma emigração que pôde ser realizada em grandes dimensões, igualmente pelo Atlântico, com numerosos navios ao mesmo tempo, e talvez por um povo também do antigo continente, hoje aniquilado, mas que obteve sucesso em implantar sua língua na América: essa língua é o tupi.

31 Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander Freiherr von Humboldt (1769-1859); Philipp Franz Balthasar von Siebold (1796-1866). A obra de Paravey citada por Varnhagen é: PARAVEY, Charles Hippolyte. *L'Amérique sous le nom de Fou-Sang*. Paris: Chez Treuttel et Wartz, 1844, p. 19. (TC)

32 *Alpaka*, अल्पाक, ver: FICK, August. *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1870, p. 17. (FAV) Na outra referência, Varnhagen apenas menciona: Benf. p. 54. Provavelmente trate-se de uma das obras de Theodor Benfey, que fora professor de Fick de sânscrito: *A Sanskrit-English dictionary*, London: Longmans, Green and Co., 1866; ou *Handbuch der Sanskritsprache*, Leipzig: F. A. Brockhaus, 1852-1853. (TC)

O fato de os descendentes deste povo, disseminados pelo continente, apresentarem-se como vencedores e invasores, não se arriscando muito quando encontravam resistência séria (por exemplo, como as grandes nacionalidades organizadas e poderosas do Peru e do México), esse fato, dizemos, sem dúvida contribuiu bastante para que a língua se perpetuasse. Por outro lado, a crueldade e a intolerância destes conquistadores com os povos vencidos, terá, da mesma forma, feito com que a língua fosse transmitida às gerações sucessivas quase sem mistura com palavras tapuyas.

Por este nome de *tapuyas*<sup>33</sup>, os tupis designavam todos os seus inimigos, e quando se tornavam prisioneiros lhes era atribuído o nome de *bohú-rea*. Desse nome veio, segundo o que nós acreditamos hoje, a palavra *bugre*, que quer dizer escravo, ou antes, “carregador de cargas”. Essas hordas de tapuyas, no momento da descoberta e da colonização do Brasil, eram sem dúvida menos numerosos do que são atualmente em toda extensão do Império, os tupis e os tapuyas juntos que vivem ainda em estado selvagem.

A literatura dos tupis, como a dos caribes, encontrava-se apenas nos *areytos* ou tradições de altos fatos de seus antecessores, que cantavam dançando ao som de instrumentos.

Outra literatura foi criada após pelos missionários. Eles compuseram não apenas gramáticas, sermões, poesias religiosas, como traduziram as preces e toda a doutrina cristã, e mesmo improvisaram comédias sacras e profanas em língua tupi, que faziam os indígenas representarem. Entre as poesias notam-se aquelas de Cristóvão Valente, que imprimiu algumas no catecismo de Antônio de Araújo em 1618.<sup>34</sup> Possuímos também as gramáticas de

---

33 Pronuncia-se *tapouïãs*. Em toda esta obra é necessário ler como *ou*, a vogal *u*, em todos os nomes que não são franceses, a não ser que uma nota especial se recomende de pronunciá-la como o *u* francês. (FAV)

34 ARAUJO, Antonio de. *Catecismo na lingua brasilica, no qual se contem a summa da doutrina christã*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618. Nessa edição, os poemas de Valente aparecem sob o título de “Cantigas na lingoa”, sem numeração de páginas, antecedendo o “Prologo ao Leitor”. Já na edição de 1686, “aperfeiçoada” pelo próprio autor, as “Cantigas” passam a se chamar “Poemas Brasilicos” e antecedem, também numeração de páginas, à advertência “Aos religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Brasil”. ARAUJO, Antonio de. *Catecismo brasilico da doutrina christã*. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, 1686. (TC)

Anchieta e de Figueira.<sup>35</sup> Porém, entre todos os autores, foi o padre Montoya que nos legou o maior número de estudos sobre essa língua, em sua gramática, em seu catecismo, seu vocabulário e seu *Tesoro*, obras cuja nova edição encontra-se em curso.<sup>36</sup>

Existia, desde 1624, um dicionário guarani do padre Velásquez.<sup>37</sup>

É preciso lembrar ainda uma gramática (*Arte*) mais moderna do padre Simon Bandini, publicada em 1734<sup>38</sup>; várias obras, compreendendo um vocabulário do napolitano padre Alonso de Aragon<sup>39</sup>; outras do padre José Serrano<sup>40</sup>; a *Ara Poru* do padre Insaurrealde<sup>41</sup>; um pequeno catecismo do padre Bernal<sup>42</sup>; e, finalmente,

---

35 ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595; FIGUEIRA, Luiz. *Arte de grammatica da lingua do Brasil*. (1687) Leipzig: B. G. Teubner, 1878. (TC)

36 Varnhagen alude novamente à obra de Montoya por ele editada: *Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi*, op. cit. (TC).

37 *Diccionario guarani para el uso de las Misiones*. Varnhagen cita o trabalho do padre Velasques a partir, provavelmente, da obra de: GRATY, Alfredo du. *La república del Paraguay*. Besanzon, Imprenta de José Jacquín, 1862, p. 212. (TC)

38 *Arte de la Lengua Guarani* por el P. Antonio Ruiz de Montoya de la Compañía de Jesus, con los escolios, anotaciones y apendices de P. Paulo Restivo de la misma Compañía, sacados de los papeles del P. Simon Bandini y de otros. En el pueblo de S. Maria La Mayor, 1724. Nueva edición mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tipo diferente. Viena, Faesy y Frick, Paris, Maisonneuve, 1876. Varnhagen enganou-se quanto à data da primeira edição. (TC)

39 *Vocabulario de la lengua guarani*, também citado por du Graty, op. cit., p. 212. (TC)

40 Responsável pela tradução, publicada em guarani em 1705, da obra do jesuíta Juan Eusebio Nieremberg “De la Diferencia entre lo Temporal y lo Eterno”, cuja primeira edição data de Madri, 1640. Ver: Graty, op. cit., p. 211; WILDE, Guillermo. “Adaptaciones y apropiaciones en una cultura textual de frontera: impresos misionales del Paraguay Jesuítico”. *História Unisinos*, 18(2), Maio/Agosto, 2014, p. 275; BRIGNON, Thomas. “Du copiste invisible à l’auteur de premier ordre. La traduction collaborative de textes religieux en guarani dans les réductions jésuites du Paraguay”. *Sociocriticism*, Vol. XXXIII, 1 y 2, 2018, pp. 299-338. (TC)

41 INSAURREALDE, José. *Ara poru aguiyey haba. Ara poru aguiyey haba yaoca ymo-coinda*. Madrid: Ibarra, 1759-60. (FAV-TC)

42 BERNAL, Joseph. *Catecismo de doctrina christiana em guarani y castellano*. Buenos Ayres: En la Real Imprenta de los Niños Expósitos, de 1800. (FAV-TC)

os livros impressos em 1724, nas missões de Loreto, São Francisco Xavier e Santa Maria La Mayor, a saber: um *Manuale* anônimo<sup>43</sup>; sermões e um grande catecismo<sup>44</sup> de Nicolas Yapugay<sup>45</sup>, e outros sermões do padre Pablo Restivo, editor, no mesmo ano, da reimpressão do *Vocabulário* de Montoya.<sup>46</sup> Citemos ainda o livro, muito raro e curioso, intitulado *En las doctrinas del Paraguay*, impresso em 1705, in-fol, com 43 pranchas<sup>47</sup>, e as duas compilações bastante conhecidas de Gonçalves Dias e Ferreira França.<sup>48</sup>

---

43 A obra não é anônima, mas do padre Restivo. Ver RESTIVO, Pablo. *Manuale ad usum Patrum Societatis Jesu qui in Reductionibus Paraquariae versa tua*. Loreto: Typis P. P. Societatis Jesu, 1721. A obra foi publicada com trechos em espanhol e guarani. Graty não menciona que a obra é de autoria do padre Restivo e a atribui ao ano de 1724, o que, possivelmente, tenha induzido Varnhagen a dois equívocos: quanto ao suposto anonimato e ao ano. Graty, *op. cit.*, p. 211. Ver NEUMANN, Eduardo. “De letra de índios”: cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai. *Varia historia*, Belo Horizonte, vol. 25, nº 41, jan/jun 2009, p. 185. (TC)

44 Acreditamos que temos diante dos olhos um exemplar incompleto deste livro precioso que pertence a nosso sábio amigo Ferdinand Denis. (FAV)

45 Respectivamente: *Sermones y ejemplos en lengua guarani e Explicacion del catecismo en guarani*, citado por du GRATY, *op. cit.*, pp. 211-212. (TC)

46 *Vocabulario de la lengua guarani*. Compuesto por el Padre Antonio Ruiz Montoya de la Compañia de Jesus. Revisto y augmentado por otro religioso de la misma Compañia (Pablo Restivo). En el pueblo de S. Maria la Mayor, 1772. (TC)

47 Supondo que seja correta a possibilidade de Varnhagen ter se baseado em du Graty para realizar este inventário bibliográfico, ou em outro autor que reproduzisse as mesmas informações, o historiador parece ter cometido outra inexatidão aqui, pois ao que tudo indica é que “*En las doctrinas del Paraguay*, impresso em 1705, in-fol, com 43 pranchas”, não passa da referência bibliográfica da imprensa e local onde a tradução realizada pelo padre José Serrano foi publicada. Ver: GRATY, *op. cit.*, pp. 211; CABRAL, Alfredo do Valle. “Bibliografia das obras tanto impressas como manuscriptas relativas à língua tupi ou guarani também chamada língua geral do Brazil”. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Vol. VIII,1(880-1881), Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881, p. 166. (TC)

48 DIAS, Gonçalves. *Diccionario da lingua Tupy chamada lingua geral dos indígenas do Brazil*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1858; FRANÇA, Ernesto Ferreira. *Crestomatia da Língua Brasília*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1859. (TC)

## Capítulo II

### Analogias mais impressionantes entre muitas palavras tupis e suas correlações com outras palavras das línguas do mundo antigo

**A** ordem mais metódica das ideias exigiria talvez que este capítulo fosse destinado a dar uma noção da língua tupi, tal como apresentaremos no final deste trabalho. Preferimos fazer essa inversão a fim de manter a atenção dos leitores, submetendo em primeiro lugar a seu exame as aproximações filológicas, que irão reatar, parece-nos, o tupi a várias línguas do antigo continente. Dessa maneira, as informações que nós ofereceremos sobre a mesma língua tupi serão, sem dúvida, mais bem recebidas e apreciadas após o leitor ter decidido sobre o valor de nossas provas.

Não apresentaremos catálogos de palavras tupis semelhantes a outras palavras das línguas da Europa, da Ásia ou da África, com significados completamente diferentes. Tais coincidências entre duas línguas quaisquer, quando comparadas, existem sempre e não se pode extrair-se delas nenhum argumento. Confrontando dois dicionários poderemos facilmente separar um grande número. Para que de tais coincidências se possam fornecer argumentos, faz-se necessário que as mesmas palavras, ou aquelas provenientes de sua alteração, signifiquem nas duas línguas mais ou menos a mesma coisa. Nesse caso, encontrar-se-ão algumas daquelas que



iremos indicar, evitando levar em consideração todas aquelas que poderiam se prestar a equívocos, ou cujas similitudes não seriam suficientemente evidentes e ao alcance de todos, sem necessidade do menor esforço para buscar analogias em raízes decompostas com muito artifício.

### Palavras gregas

Antes de começar nossa análise, nos mencionaremos palavras cuja origem grega é evidente introduzidas na língua tupi. Estas palavras são: *cuñam*, mulher, de γυνή; *catú*, bom, de ἀγαθός; *oka*, casa, de οἶκος. Acrescentaremos ainda a palavra *areyto*, nome que, assim como já dissemos, os caribes das Antilhas, segundo Oviedo<sup>49</sup>, davam a suas sagas ou canções sobre os fatos heróicos de seus ancestrais, do grego ἀρετή, antes, quanto a nós, que do copta οὐροτ, *alacritas, delectare, cantare*.<sup>50</sup> Essas palavras sempre nos impressionam. Citaremos ainda outras mais adiante e, talvez, novas pesquisas mostrarão um número maior.

### Palavras egípcias e outras

#### Sol, lua, estrelas

Falaremos, no último capítulo, da provável origem das palavras *rha*, *ioh* e *siu*, com as quais os egípcios designavam o sol, a lua e as estrelas, atribuindo às duas primeiras um lugar em sua mitologia.

De uma origem semelhante provêm, ao que parece, as palavras tupis *ara*, dia, *ara-cy*, sol, “a mãe do dia”, e *ia-cy*, lua, “a mãe dos frutos”. Esta última palavra *ia-cy* lembra muito aquela de Isis, atribuída também à lua, considerada como a “mãe dos frutos”; e, segundo Heródoto, objeto da maior devoção dos antigos cários.<sup>51</sup>

49 OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernandes. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierras del mar oceano*. Livro V, cap. I. Madrid: Imprenta de La Real Academia de La Historia, 1851, p. 125. Os tupis do sul diziam *yerouquí*. (FAV-TC)

50 Em latim no original, *entusiasmo, deleitar-se, cantar*. (TC)

51 JABLONSKI, Paul Ernest. *Pantheon Ægyptiorum*. II. Francofurti ad Viadrum: Kleyb, 1750, p. 1-2. PLUTARQUE, “Isis et Osiris”, *Ævrens Morales*. T. V, 2e partie, 43.

Quanto às estrelas, os tupis as chamam “fogo da lua”, *ia-cy-tátá*; e estamos longe de pensar que a sílaba *cy* provenha da palavra egípcia  $\text{𓆎𓆏}^{\star 52}$ , em copta  $\text{CIOY}$ . No entanto, não devemos perder de vista o fato de que os mesmos egípcios deram à estrela Sirius o nome de Ísis-Thoth.

### Fogo, flama

Em tupi, fogo se dizia *tatá*: em egípcio, fogo, flama  $\text{suqt}^{\times}$   $\text{𓆎}$  ou  $\text{𓆏}^{\times}$   $\text{𓆎}$  e assar *t'et*  $\text{𓆏}$ . Em copta  $\text{TAXT}$ , incêndio,  $\text{CAXTE}$ , luz. Em persa *átêsh*  $\text{آتش}$ .

### Terra, plantação, argila

Os tupis chamam a terra *ibi*: os antigos egípcios  $\text{hjh}$   $\text{𓆎𓆏}$ . Em tupi, a terra da cultura ou plantação (roça), se diz *kog*; em copta  $\text{KAX}$ , terra. Os tupis chamavam *inhuma* (*ñu-uma*) as terras argilosas para a cerâmica: *ñú*, campo, *uma*, argila. Essa última palavra em egípcio se dizia *amen*  $\text{𓆏}$  ou  $\text{āmā}$   $\text{𓆏}$ ; em copta  $\text{OOME}$ , *lutum*<sup>53</sup>, e campo *u*  $\text{𓆏}$  ou *uu*  $\text{𓆏𓆏}$ .

### Pedra

Em tupi *ita*; em egípcio  $\text{𓆏}$  ou  $\text{𓆏}$ , pedra dura; em turco *tásh*  $\text{تاش}$ , em acadiano *taq*,  $\text{𓆏}$  em koibal *tas*, em karagas *tais*.

### Ouro

Os coptas conservaram sob a forma  $\text{NOYB}$  a palavra egípcia  $\text{𓆏}$  para designar o ouro. Os descendentes dos primeiros tupis do Brasil não davam importância a este metal, que não lhes servia para nada, tendo mesmo perdido o nome; e quando da chegada dos europeus o designavam simplesmente por “pedra amarela”, *itá-jubá*. Po-

Paris: Les Belles Lettres, 1988. (FAV-TC). HÉRODOTE. “L’enquête”, II, 42. *Œuvres complètes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade/Gallimard, 1964. (TC)

52 Forma mais moderna. Dizia-se antes  $\text{𓆏}^{\star}$ . (FAV)

53 Em latim no original, *lama*. (TC)


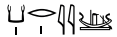
rém, o nome passara outrora com os emigrantes e se conservara na América entre os caribes da parte oriental do Haiti. Foi o próprio Colombo que nos transmitiu essa preciosa informação.

No seu diário de viagem, o qual Las Casas nos transmitiu uma cópia, que Navarrete publicara em 1825, e que nós, em 1864, nos Anais da Universidade do Chile<sup>54</sup>, fizemos uma edição mais exata, o mesmo almirante diz, em 13 de fevereiro de 1493, que sobre a costa oriental da ilha não se conhecia mais o ouro sob o nome de *caona*, como do outro lado, e que se chamava esse metal de *tuob* (“chamava o ouro *tuob*”<sup>55</sup>). Ora, se refletíssemos sobre o número de séculos transcorridos depois que houve a emigração e a mudança nas palavras durante um intervalo tão longo, não poderíamos deixar de considerar que as palavras *noub* e *tuob* provêm de uma origem idêntica.

## Água

Os tupis designavam a água ou qualquer bebida por uma gutural nasal *y*. Em copta, entre outras formas, havia aquelas de  $\text{ϪOY}$  e  $\text{ϪOY}$ ; os egípcios empregavam a sílaba nasal *mi*, que reencontramos também em hauasà; em argubba *me*; em oito ou nove dialetos tonganeses<sup>56</sup>, *mú*. Em alguns dialetos siberianos, encontramos *bu*, *bü*, *be*, *bii*, *bi*, *me*, *u*, e mesmo *ur*, *ul*, *uol*, *uth*, *i* e *ü*; em albanês, língua que tem algumas palavras tupis, *ui*.

## Canoa, ubá

Os tupis nomeavam suas canoas *igara*; em egípcio encontramos *bbâr*  ou *kari* , para designar um barco.



Os tupis tinham ainda suas pequenas *ubá*, feitas de cascas

---

54 Publicamos integralmente este documento para apoiar nosso trabalho, mostrando pelo próprio texto do diário que a Guanahani ou a verdadeira San Salvador somente poderia ser a atual ilha de Mariguane. (FAV) Varnhagen refere-se a sua obra: *La verdadera guanahani de Colon*. Santiago: Imp. Nacional, 1864. (TC)

55 Em espanhol no original. (TC)

56 KLAPROTH, Julius Von, *Verzeichniss der Chinesischen und Mandshuischen Bücher und Handschriften der Königlichen Bibliothek zu Berlin*. Paris: In der Königlichen Druckerey, 1822, pp. 74-75. Ver também o famoso livro (impresso em caracteres russos) do tempo de Catherine II: PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*. I. Petropoli: Iohannis Caroli Schnoor, 1786, p. 309. (FAV-TC)

de árvores; em egípcio encontramos para as pequenas canoas *uâa*  e *bâa* .


## Aldeias

Os tupis designavam suas aldeias sob o nome de *taba*. Era precisamente o nome dado no Egito a Tebas, a capital à época do segundo império tebano, durante o qual a emigração, como veremos, ocorrera.

## Caminho, rota

Em tupi, *peii*<sup>57</sup>; em egípcio *pefi* .

## Cachorro

Em tupi, *iaguar* ou *iahuar*; em copta saídico  $\text{OY}\text{Z}\text{A}\text{P}$ ; em egípcio, segundo Champollion, *uhor* ; em basco, *ora*; em fino-lapão, *coira*.

## Formiga

Em copta,  $\text{C}\text{A}\text{X}\text{I}\text{B}$  ou  $\text{C}\text{A}\text{X}\text{I}\text{Q}$ . É quase o mesmo som atribuído a essa palavra no *Dicionário* de Gonçalves Dias onde se lê *taixi*.<sup>58</sup> Outros dizem *tacyba*. Montoya dá *tahi* e *taçí* (ver *hormiga*).<sup>59</sup>

## Espinho

Em tupi, *jur*; em egípcio<sup>60</sup> *sur-t*; em copta,  $\text{COY}\text{PE}$ .



57 MONTOYA, *Tesoro*, p. 264 v. (FAV)

58 DIAS, Gonçalves. *Diccionario da lingua Tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*, op. cit., pp. 162-163. (TC)

59 MONTOYA, *Vocabulario*, p. 315; *Tesoro*, p. 344. (FAV- TC)

60 BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*. 4 Bände. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1867, p. 1177. (FAV- TC) Trata-se de uma obra em sete volumes, sendo que os quatro primeiros foram publicados entre 1867 e 1868, portanto em vida de Varnhagen, e os três últimos entre 1880 e 1882. (TC)


## Flecha

Em tupi, *uibá*; em egípcio *bàn*  .




## Pai, filhos

A palavra tupi *tuba*, para designar o pai, que separando a pré-formante aglutinada *t*, permanece *ubá*, lembra o nome pai em árabe, hebreu, caldeu, etíope e siríaco, a saber *abu*; em assírio, *ab*, *abu*, *abba*; em copta  $\alpha\beta\beta\alpha\epsilon$  ou  $\alpha\pi\alpha$ .

Quanto à palavra “filho”, o gerado, designava-se em tupi por *taí*, reportando-se ao fato de sua geração.<sup>61</sup> Era apenas a palavra egípcia *t'ai*, no mesmo sentido, como confirma o determinante de seu hieróglifo.<sup>62</sup>

Com a ideia de fruto ou produção, diz-se em tupi *membira*. Esta palavra encontra ainda seu equivalente no egípcio *pir* , em copta  $\pi\bar{p}\rho\epsilon$ , *oriri*, *nasci*.<sup>63</sup>

## Ovo

Em tupi, *çu-piá*<sup>64</sup>; em egípcio *suht*   ; em copta,  $\epsilon\omega\upsilon\gamma\iota$ ; em kottique siberiano<sup>65</sup> *sulei*.

## Chefe

Há muito tempo, nos impressionamos pela desinência *chab* nas duas palavras com as quais os tupis designavam seus chefes, a saber: *tu-chá* ou *tupi-cháb* e *morubi-chab*. Já sabemos o que quer dizer a palavra *tupi*. *Morubi* significava aquele que trabalha, que

61 MONTOYA, *Tesoro*, p. 351. (FAV)

62 BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 4, p. 1704. (FAV-TC)

63 Em latim no original, *surgir*, *nascere*. (TC)


64 *Piá* quer dizer criança, galinha etc. Assim, parece que essa palavra é acrescentada formando um pleonasma e que a palavra original seria simplesmente *çú*. (FAV)

65 Da família linguística ienisseiana, grupo de línguas faladas na Sibéria central. (TC)

vai à guerra. Da sílaba final com a acepção de chefe, no mundo antigo, encontramos um exemplo nos egípcios que davam o nome de *tsats* aos nomarcas nomeados pelo rei. Os árabes têm também seus *chaiks*, e no Iêmen os comandantes dos soldados são chamados *tsjau*, segundo Niebuhr.<sup>66</sup> Ainda em nossos dias na Sibéria, no ienissei ostiaco, segundo Castrén<sup>67</sup>, são nomeados *xan*, quase como os chefes dos nomes egípcios; outros *tchars*, e alguns mesmo, segundo Gmelin<sup>68</sup>, *tai-chá*.

## Rio

*Pará* era o nome pelo qual os tupis designavam um rio; quando muito grande chamavam-lhe com o mesmo nome que atribuíam ao mar: *para-ná*. Essa última sílaba em egípcio quer dizer grande, e em tupi “*muitas vezes*”.<sup>69</sup>

A palavra egípcia<sup>70</sup> para rio era *aur* , em copta *ⲓⲁⲣⲟ*; e esse nome, aplicava-se mesmo ao Nilo. Em vários dialetos siberianos encontramos para designar “rio”, a palavra *iara* e mesmo *birá*; e o antigo Oxo, hoje Amu, célebre durante esses últimos anos pela audaciosa empresa da conquista de Quiva, é nomeada atualmente no país *Amudária*, “rio” Amu. Em árabe, *bahr* quer dizer grande rio, ou o mar; em assírio *nahr*.

## Árvore

Em tupi, as árvores mais notáveis, *ambaíba*, *apeí-bai*, *copaú-ba*, *jato-bá*, *cuiei-ba* etc., terminavam com a sílaba *ba*. Ora, *ba*

---



66 NIEBUHR, Carsten. *Description de l'Arabie d'après les observations et recherches faites dans le pays même*. Copenhague: Chez Nicolas Möller, 1773, p. 186. (FAV-TC)

67 CASTRÉN, Mathias Alexander. *Nordische reisen und forschungun*. XII. Versuch einer Jenissei-Ostjakischen und Kottischen Sprachlehre. St. Petersburg: Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, 1858, p. 17.

68 GMELIN, Johann Georg. *Reise durch Sibirien von dem Jahr 1733 bis 1743*. Göttingen: Vandenhoecks, 1751, I, p. 426. (TC).

69 Montoya prefere, no entanto, dar a *Paraná* (grande rio) a etimologia de “parente do mar”, MONTÓYA, *Tesoro*, p. 262. (FAV-TC)

70 Dir-se-ia também *iar*. BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 1, p. 235. (FAV-TC)


em egípcio significava justamente árvore, sob os hieróglifos  e *bà* ; em copta,  $\beta\omega$ .

### Folha, vestido

Em tupi, a palavra *oba* servia para designar folha e também vestuário. Em copta, encontramos  $\omega\beta$  e  $\iota\omega\beta$ , *lactuca*<sup>71</sup>; e achamos também para designar folha e vestuário, duas palavras que parecem,  $\sigma\omega\beta\epsilon$  ou  $\chi\omega\beta\iota$ , *folium*<sup>72</sup>, e  $\epsilon\omega\beta\iota$  ou  $\epsilon\omega\beta\epsilon$ , fímbria.


Em árabe vestido (de mulher) *t'ób*.

### Rei, escravo


A palavra copta  $\sigma\upsilon\rho\sigma$ , do egípcio *ur* , significava rei. Esse nome era quase o tupi para designar a águia real e outros pássaros análogos, *uru*, *uru-tinga* etc.

O escravo, em egípcio *beke* , em copta  $\beta\omega\kappa$ , em tupi *bohú-rea* (bugre).

### Abertura, buraco

Em tupi *peká*; em egípcio também *peká* .

### Alma

Em tupi, *ang*; em copta  $\sigma\eta\zeta$ ; em egípcio *ānx* , a vida.

### Os números

Diremos ainda duas palavras sobre os números. Aqueles verdadeiramente fundamentais para os tupis eram muito restritos, como ocorreu muitas vezes entre alguns povos nômades siberianos e mongóis.

71 Em latim no original, *alface*. (TC)

72 Em latim no original, *folha*. (TC)

Anchieta atribui aos tupis somente quatro números fundamentais. Léry acrescenta o número cinco, cuja palavra que o designa (*oyénandi*), no entanto, parecia, sobretudo, já composta do primeiro número (*oyé-pé*).<sup>73</sup>

Ora, a unidade era designada entre os egípcios pelas palavras *uā*, *uāu* ou *uāuti*; em copta **ΟΥΩΤ**, **ΟΥΔΤ**, **ΟΥΔΔ**, **ΟΥΕΕΙ** e o ordinal “*primus*” para **ΖΟΥΕΙΤ**, em egípcio *heye-ti*, em persa *yehat*, em árabe *uāhhéd*, em kottique siberiano *huspás*, em húngaro *egyged*.

Para o número dois, em tupi *mocoi* encontramos em húngaro *mashódik*, *secundus*.<sup>74</sup>

Reservamos para o capítulo seguinte tudo aquilo que temos a dizer acerca das similitudes que existem entre as palavras *tangapema* e *yatagan*, o cutelo no árabe egípcio.

Terminaremos apresentando ainda as seguintes notas sobre vários verbos e advérbios nas quais as semelhanças são, às vezes, impressionantes.

## Verbos

	Tupi	Copta	Egípcio
<i>Ir – Navegar</i>	<i>atá</i> <sup>75</sup>		<i>áta</i> 
<i>Bater</i>	<i>petéc</i>	<b>ΠΟΤΠΤ</b>	<i>petpete</i> 
<i>Dormir</i>	<i>oker</i>	<b>ΕΝΚΟΤ</b>	<i>ket-nu</i> <sup>76</sup>
<i>Comer</i>	<i>aú</i>	<b>ΟΥΔΜ</b> ou <b>ΟΥΩΜ</b>	<i>ám</i> 

<sup>73</sup> LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1578). Paris: Librairie générale française, coll. Les Classiques de Poche, 1994, Cap. XX, p. 481. (TC)

<sup>74</sup> Em latim no original, *segundo*. (TC)

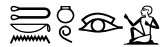
<sup>75</sup> Montoya, *Tesoro*, p. 70. (FAV)

<sup>76</sup> BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 4, p. 1182. (FAV-TC)



Morrer	manó	𐤎𐤁𐤎 <sup>77</sup>	
Furar – Cortar	hetá		hetá <sup>78</sup> 
Lamentar (alguém)	ahap̄ȳrō		âp-ro (abençoar) 
Saltar <sup>79</sup>	pó	𐤁𐤎	
Vir	yu		ei 
Ver	teçá		teka 

## Advérbios

	Tupi	Copta	Egípcio
Muito	cetá	𐤁𐤐𐤁 (multitudo) <sup>80</sup>	
Obliquamente	iky	𐤏𐤕𐤎 (ad ripam) <sup>81</sup>	
Sempre	ceté		zaa-tet <sup>82</sup>
Utinam <sup>83</sup>	amó	𐤁𐤎𐤏𐤏 ou 𐤂𐤁𐤎𐤏𐤏	
Eis	tequeno <sup>84</sup>		tekennu 

## Palavras assírias

Encontramos na língua assíria os sons *ita*, *itat*, *itati*, *itatu*, para designar “muro/parede”, que lembra as palavras tupis *ita* e



77 Em húngaro *halomány*, a morte. (FAV)

78 A broca. (FAV)

79 Ou *pular*. (TC)

80 Em latim no original, *multidão*. (TC)

81 Em latim no original, *até a margem* (TC)

82 “Até a eternidade”. Eternidade *tét*  ou . BUNSEN, Christian Carl J. *Aegyptens Stelle in der Weltgeschichte: Geschichtliche Untersuchung*. I. Hamburg: Friedrich Perthes, 1845, p. 316. (FAV-TC)

83 Em latim no original, *desejo*. (TC)


84 Montoya, *Tesoro*, p. 382v. (FAV)


*itati*, para nomear “pedra” e “ponte de pedra”. Também os nomes *epiri*, terra, *ipiri*, escavação, *ibiça*, deserto de areia, não lembra menos o radical tupi *ibi*, terra, e a palavra *ibicui*, deserto de areia. Aquele de tapuia, com o qual os tupis designavam seus inimigos tem relação com o assírio *aibui*, inimigo, precedido da pré-formante aglutinada, ou artigo definido tupi *T*.

Não falaremos das palavras *izzuru*, pássaro, *kakkadi*, cabeça, e *temu*, lei, já que a semelhança não é muito grande com os equivalentes tupis *guirá*, *akan* e *tecô*. Porém, não podemos deixar de notar que ficamos muito impressionados quando encontramos as seguintes palavras tupis, atribuídas como nomes próprios assírios, a saber: *Aracatu*, *Assu*, *Hussu*, *Itu*, *Kibaba*, *Ubira*, *Urú* e *Urussú*. Aquele de *aratu*, que designa “medo” em assírio, pertence, entre os tupis, a uma espécie de camarão. Os nomes próprios mencionados seriam de origem acadiana?


### Palavra acadianas

Nesta língua temos *ibira* (que lembra o *ubira*, mencionado acima) com uma significação incerta. Em tupi *ubira* ou *ibira* significa árvore.

A palavra acadiana *taq* , pedra, parece da mesma fonte que seus equivalentes em turco, tupi, egípcio e em alguns dialetos siberianos.

Também em acadiano a chuva era chamada de *Aan*  (água do céu, *a-an*, água de Deus): em tupi temos a palavra *amân*, para designar a mesma ideia.

### Palavras turcas e húngaras etc.

Do turco temos, além disso, a mesma palavra *tásh* , para designar pedra, análoga ao tupi *ita*, a palavra *tutun*, parecendo ao *p'tun*<sup>85</sup>, sobre o qual falaremos adiante. Temos ainda a palavra *ary*, abelha, que se aproxima do tupi *eirú* ou *eiry*. Além disso, a palavra

85 Nestas duas palavras o *u* tem a pronúncia francesa. (FAV)

*usun*, longo, que se encontra também na língua koibal e na karagás<sup>86</sup>, e que corresponde ao assírio *zuhuzú* e ao húngaro *hoszszú*, encontra-se também na língua tupi sob a forma de *ussú* com a acepção de grande. Essa palavra também é encontrada em diversas línguas finougrianas<sup>87</sup>, sob a forma de *kuz*, *kūza*, *kosä*. Acrescentemos que as palavras mencionadas correspondentes à “pedra” e à “abelha” são quase as mesmas na língua koibal e karagás, a saber: *tás*, *tais*, e *ar*, *ára*.

### Palavras bascas

A palavra *erlea*, para designar abelha, lembra um pouco o tupi *eirú* e o turco *ari*. Dir-se-ia que também são parentes do tupi as palavras *u*, “água”; *ugaratu*, navegar (em tupi *igára*, canoa); *otoitzú*, em tupi *ayçuú*, morder etc.

Na presença destas simples palavras, não hesitamos em nos associar à opinião do príncipe Luciano Bonaparte contando o basco entre as línguas turanianas.

### Palavras árabes

Naquilo que concerne ao árabe, nos contentaremos de lembrar aqui a existência da palavra *yatagan*, equivalente ao tupi *tan-gapema*, e das outras que citamos em diversas passagens. Além disto, devemos assinalar ainda a existência da palavra *qaraa* na língua árabe<sup>88</sup> da Argélia, da Tunísia e do Marrocos, para designar uma abóbora. No Brasil, todo mundo conhece o *cará* (*dioscorea cara*), raiz tuberosa como a abóbora.

---

86 Ver CASTRÉN, Mathias Alexander. *Nordische Reisen und Forschungen*. XI, 1857, p. 88. (FAV-TC)

87 DONNER, Otto O. *Vergleichendes Wörterbuch der Finnisch-Ugrischen Sprachen*. Helsinki: Frenckell & Sons, 1874, I, p. 22. Ver também, GYARMATHI, Samuel. *Affinitas linguae Hungaricae cum linguis Fennicae originis*. Gottingae: J. C. Dieterich, 1799. (FAV-TC)

88 MARCEL, Jean-Joseph. *Vocabulaire français-arabe du dialecte vulgaire d'Alger, de Tunis et de Marok, à l'usage des militaires français*. Paris: A.-J. Denain, 1830, p. 46. (FAV-TC)

## Etimologia da palavra “guarani”

Não encontramos na própria língua tupi uma etimologia satisfatória para a palavra *guarani* ou, sobretudo, *guaryny*, que queria dizer guerra, guerreiro. Procurando essa etimologia na antiguidade asiática vimos citada<sup>89</sup> a palavra *tarhuani* significando soldado. Se confirmarmos a existência dessa palavra no vocabulário de uma nação mais guerreira, antes dos gregos, então não seria espantoso que outro povo, e entre esses aquele de onde acreditamos que provenham os tupis, tenham adotado tal nome, da mesma forma que em nossos dias, países de línguas bem diferentes entre elas, tenham adotado, não somente a mesma palavra soldado, mas aquelas de canhão, artilharia etc.

Lembrando que a língua tupi tem tantas palavras emprestadas do grego, não seria estranho procurar outra etimologia da palavra *guaryny* no grego ἄρειος, *ov*, o bravo, o guerreiro.

Em poucas palavras: todas as analogias de linguagem<sup>90</sup>, que tivemos êxito em apresentar neste capítulo, podem mostrar a existência de relações entre os dois continentes e a proveniência do mundo antigo dos tupis da América, posto que é certo que o parentesco entre as palavras, como entre os indivíduos, implica sempre a descendência de um ancestral comum.

Propondo-nos a confirmar ainda este fato e indicar adiante qual terá sido este povo do qual descendiam os tupis, acreditamos que fica já suficientemente manifesto que não é possível admitir, para explicar acontecimentos filosóficos, a hipótese de povos americanos invadindo outrora a Europa ou o norte da África.

---

89 Ver MORDTMANN, Andreas David. “Entzifferung und Erklärung der armenischen Keilinschriften von Van und der Umgegend”. *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, Vol. 26, No. 3/4, 1872, p. 673. (FAV-TC)

90 “Language, shows the connection between nations widely separated, leads us back beyond tradition into the obscure past, [...] points towards the origin of peoples, serves as a guide in following the radiation of races from common centers”, (A linguagem mostra a conexão entre nações amplamente separadas, nos leva além da tradição para o passado sombrio, [...] aponta para a origem dos povos e serve de guia para seguir a irradiação das raças de centros comuns. BANCROFT, Hubert Howe. *The native races of the Pacific States of North America*. Volume III. Myths and Languages. New York: D. Appleton and Company, 1875, p. 11. (FAV-TC)



## Capítulo III

### Analogias entre certos usos, certas indústrias e certas ideias

**A**s analogias entre a língua tupi e algumas do mundo antigo, apresentadas pela filologia comparada, são acompanhadas de inúmeras outras que, ainda que estranhas à linguística, estão, no entanto, muito de acordo com o que ela diz. Começaremos por aquelas que nos parecem de uma natureza mais intuitiva, reservando para o capítulo seguinte o tratamento de tudo aquilo relacionado às ideias de religião e superstição; de *Tupã*, de *Sumé*, dos *Pajés*, dos *Maracás* e do pássaro noturno correspondente à coruja dos atenienses.

No velho continente será o Egito o país preferido para nossas comparações e aproximações. Estamos convencidos que, em uma mesma época, as armas, as invenções e as indústrias de uma importância geral, teriam sido quase idênticas entre todos os povos civilizados, cujas relações eram frequentes; da mesma forma que vemos atualmente nos países mais avançados, apesar de grandes diferenças de costumes, de religião etc., aproximadamente as mesmas grandes indústrias, as mesmas armas, os caminhos de ferro, os telégrafos, a fotografia etc. Recorremos, portanto, ao Egito porque graças a seus monumentos, a seus hieróglifos, a seus hipogeus e, sobretudo, a seu clima essencialmente conservativo, é o país que nos proporciona hoje os modelos de que necessitamos. E é apenas por circunstâncias fortuitas que seus antigos habitan-

tes encontram-se ligados aos tupis, por relações de parentesco de língua, como o demonstra a identidade de um grande número de palavras e como explicaremos melhor no último capítulo deste opúsculo.

Feita esta prevenção, entremos na matéria.

### As canoas

Dissemos que foi graças à superioridade de sua marinha de guerra (de suas canoas) que os tupis devem suas vitórias sobre um grande número de povos da América oriental.

Ora, as canoas dos tupis, designadas, como vimos, por nomes parecidos àqueles dos egípcios, não passavam de uma cópia fiel do antigo *penteconter*<sup>91</sup> dos fenícios, dos gregos e dos persas. Encontra-se ainda, em uma tumba de Kom al-Ahmar, o desenho de uma dessas canoas egípcias, desenho que Sir Gardner Wilkinson reproduziu em sua notável obra sobre o Egito antigo.<sup>92</sup> Além disto, as medalhas da Pérsia, de Tiro e de Atenas nos fornecem também os modelos, ainda que em uma escala menor.


Contemplando as canoas gravadas sobre os sarcófagos egípcios, que se encontram nas coleções das grandes cidades da Europa, acreditamos ver neles representados verdadeiras canoas tupis: isso nos aconteceu há pouco em presença do sarcófago, em granito cinza atravessado por um filão rosa, do *erpaha*<sup>93</sup> Anhurnecht, encontrado em Semenmut<sup>94</sup>, e que hoje está no pequeno Belvedere de Viena.

Diremos o mesmo acerca de certos barcos desenhados nos papiros. Muitas vezes são pintados em diversas cores, assim como

---

91 Embarcação antiga com cinquenta remos. (TC)

92 WILKINSON, John Gardner. *The Manners and Customs of the ancient Egyptians, including their private life, government, laws, arts, manufactures, religion and early history, derived from a comparison of the paintings, sculptures and monuments still existing with the accounts of ancient authors.* Vol. III, London: J. Murray, 1837, pl. 372, p. 205. (FAV-TC)

93  *erpā ḥā*. Trata-se de um príncipe hereditário. BUDGE, Ernest Alfred Thompson Wallis. *Egypt under the great pyramid builders.* London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1902, pp. 151-152, 180 e 196. (TC)

94 Encontra-se também a grafia *Senemute*. (TC)

os remos, como acontecia entre os tupis com suas canoas de guerra do tipo penteconter.

É frequente se ver entre os egípcios, os remadores sentados, porém, às vezes estão também em pé, como era comum entre os tupis, uma vez que os remadores eram igualmente guerreiros e deviam estar prontos para usarem seus remos como um instrumento para quebrar cabeças. Em todo caso, nos hieróglifos, o remador está representado em pé, mesmo no determinativo da palavra *tepi* ou barqueiro. Encontramos também os remadores em pé que parecem confundirem-se com os tupis, na canoa do príncipe Mourhet, do qual Osburn<sup>95</sup> nos deu um magnífico desenho, onde vemos distintamente e enorme a mesma forma hieroglífica dos remos, análogos em todos os pontos àqueles dos tupis.

## Peri

Se os egípcios empregavam o papiro para fazer pequenas canoas, alguns tupis, os caetés sobretudo, faziam uso para o mesmo objetivo de uma planta igualmente aquática e da família dos ciperáceas, bem conhecida no Brasil, a *Malacochaete riparia* (Nees). Faziam canoas de tal grandeza que, às vezes, eram tripuladas por dez ou doze homens e podiam seguir pelo mar aberto ao longa da costa, quando se tratava de surpreender os inimigos.<sup>96</sup>

A palavra *peri*<sup>97</sup>, da qual os tupis se serviam para designar essa ciperácea americana, ou espécie de papiro, era ao mesmo tempo uma palavra egípcia. Em copta (**περι**) corresponde a *cibus*, *esca*<sup>98</sup>; em hebreu e em alguns outros idiomas semíticos “fruta”; em egípcio *pir*<sup>99</sup>, fruta, alimento. Sabemos que os egípcios se alimentavam

---

95 OSBURN, William. *The monumental history of Egypt, as recorded on the ruins of her temples, palaces, and tombs*. Vol. I. London: Trübner, 1854, p. 460. (FAV-TC)

96 SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851, I, XIX, pp. 38-40. Separata do tomo XIV da *Revista do IHGB*, 1851. (FAV-TC). Doravante *Tratado*.

97 Chamado também, com reduplicação, *periperi*, quando se tratava de uma grande quantidade. Ver adiante o capítulo VII. (FAV)

98 Em latim no original, *alimentação, mastigar, comida, pasto*. (TC)

99 BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 2, p. 478. (FAV-



de papiro e é bem possível que a ciperácea *peri* tenha sido o primeiro alimento dos emigrantes, seus amigos, que a reencontraram em grande abundância no novo país, antes de terem feito a descoberta da farinha de mandioca. Essa grande descoberta de uma raiz venenosa, que conseguiram converter em um alimento muito substancial e mais durável do que o trigo e o biscoito atual, constitui um argumento a mais a favor da ideia de que o povo que foi o criou utilizava alimentos semelhantes aos dos antigos egípcios. Ora, esses, segundo Diodoro e Heródoto<sup>100</sup>, alimentavam-se quase exclusivamente, além do papiro e da cebola, de certas confecções das raízes do lótus e da colocásia; e o uso frequente de alimentos semelhantes, introduzidos sem dúvida por eles, nos dará um argumento a mais em favor de sua origem, idêntica à dos ascendentes dos tupis, como diremos no último capítulo deste ensaio.

A fabricação da farinha utilizada pelos guanches nas Canárias, farinha feita a partir das raízes de uma samambaia, a *Pteris aquilina*, indicaria também a intervenção, para obter essa indústria, dos mesmos que no Brasil tiveram êxito em inventar a fabricação da farinha de mandioca.

## Armas de guerra

Encontramos outra aproximação entre os tupis e os antigos egípcios, em suas armas de guerra.

Uma espada de bronze, achada em Tebas por Passalacqua<sup>101</sup>, e que está exposta no museu de Berlim, não se diferencia quase, quanto à forma, dos *tangapema* dos tupis, espécie de bastão parecido com aquele que os egípcios adotaram como hieróglifo. Esta palavra tupi se aproxima muito à de *yatagan*, atribuída ao sabre no árabe egípcio. Não é diferente da palavra *attás* que na língua *ienissei ostiaco* chama-se, segundo Castrén<sup>102</sup>, o sabre tungúsico. Em

---



-TC)

100 DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. I, L. I, X; HÉRODOTE. II, 92. (TC)

101 Giuseppe Passalacqua (1797-1865), colecionador italiano. (TC)

102 CASTRÉN, Mathias Alexander. *Nordische reisen und forschungen*. XII, 1858, p.

Tebas também foram encontrados arcos com mais de um metro e meio de comprimento, como os dos Tupis, e muitos desenhos mostram que, a princípio, os egípcios para atirar apoiavam-se em um ponto no chão, como os indígenas. O encurtamento do arco foi uma modificação mais moderna.

Em Tebas encontrou-se ainda flechas de guerra em junco, semelhantes às dos tupis, com madeira pesada na ponta, a fim de torná-las mais eficientes e atingir com mais força ao alcançar seu alvo. Os tupis designavam suas flechas pela palavra *uibá*: em egípcio temos *bán*  e também *uā* , espécie de arma pontiaguda.

Os tupis conheciam também o uso do envenenamento das suas flechas para torná-las mais mortíferas e seus ferimentos quase incuráveis. Esse hábito tinha já levantado, a vários importantes observadores, fortes suspeitas de que ele somente poderia ter sido introduzido em uma época de refinamento da civilização, na qual recaíram aqueles que faziam uso na América.

## Flauta dupla

A partir de diferentes textos coptas onde encontramos a palavra **Ἐϥϥε**, conseguimos descobrir que ela se referia, ora a canto ou música, ora a uma planta que acreditávamos ser o salgueiro. Todavia, um lexicógrafo moderno da língua copta acrescentou ainda, com pontos de interrogação, quatro outras significações, a saber: *ascia? securis? malleus? remus navis?*<sup>103</sup>

Pois bem: interrogando os tupis da Amazônia, encontramos entre eles a mesma palavra, escrita precisamente com as mesmas letras: *tóré*.<sup>104</sup> Era sua flauta mais um tubo e, por consequência,

---

158. (TC)


103 Em latim no original, *ascia e securis*, espécie de machado; *malleus*, espécie de martelo; *remus navis*, remo de uma nau. (TC)

104 Compare aqui a palavra egípcia *turā-t*. BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 4, p. 1581. Montoya atribui a essa palavra outra significação: “voz desentonada”, e diz que *mburé mburé* designava uma espécie de trompeta. MONTTOYA. *Tesoro*, (respectivamente) p. 391v, p. 217. (FAV-TC)

a αὐλός dos gregos, que atribuíam o nome de αὐλητικός a uma certa cana (*orchomenus*<sup>105</sup>), da qual se serviam para fazê-la. Os tupis da Amazônia superior tinham algumas vezes esse instrumento com quatro ou cinco canudos, o que lembraria a flauta de Pan. Contudo, tinham provavelmente recebido este aperfeiçoamento, sobretudo, do Peru, da flauta às *yaravis* dos quíchuas.

Assim, cremos ter resolvido por esta outra aproximação, a significação<sup>106</sup>, em várias passagens, da palavra **Ἦωρε**. Era possivelmente o nome da flauta dupla; a palavra teria sido empregada algumas vezes no sentido figurado, aplicando-se a certas hastes escavadas na qual se fazia o instrumento. Por essa figura designava-se de preferência alguma cana ou sabugueiro (*sambucus*<sup>107</sup>) mais do que um *salix*<sup>108</sup>.

### Flauta simples ou *Mým̃bi*

Aquilo que dizemos do *tóré* dos tupis aplica-se também ao seu *mým̃bi*, ou flauta simples. Essa, entre os tupis, era geralmente feita de um osso (a tíbia) de qualquer animal, ou mesmo de um homem; neste último caso, nunca foi senão de um inimigo. É o que se passava igualmente na Beócia. Além disso, o que é mais singular, é que o nome copta **ϢΗΒΕ** ou **ϢΗΒΙ**, assim como aquele dos hieróglifos que reponde a mesma flauta simples, a saber: *sebá* , quer dizer tíbia, nome que também em latim se aplicava à flauta simples.

### Tambores

Posto que falamos de instrumentos de música, não esqueçamos de dizer que encontramos ainda outra aproximação entre as

---

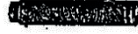
105 Provável referência a Plínio, o Antigo: *Histoire naturelle*. T. X, L. XVI, 66. Paris: C.L.F. Panckouse, 1831. (TC)

106 Lembramos aqui outra palavra egípcia, na qual a língua tupi poderá indicar a significação. É a palavra *sib*. *Ciba* em tupi queria dizer a frente da cabeça de um animal. *Cibatí* dizia-se do cavalo *frontino*. Montoya, *Tesoro*, p. 115. (FAV)

107 Em latim no original. (TC)

108 Em latim no original, *salgueiro*. (TC)

línguas dos tupis e a dos antigos egípcios na forma de tambores alongados. Como aqueles do Egito são bem conhecidos, nos limitaremos a apresentar aqui um desenho dos tupis:



### *Tepeti*

Acreditamos possuir até este momento no Brasil, em muitas casas de campo, um instrumento importado da indústria do antigo continente, cujo modelo nos foi transmitido pelo Egito. É a prensa de mandioca, conhecida pelo nome de *tepeti*.<sup>109</sup> Imagine-mos, portanto, um saco em junco, estreito e longo, cujo diâmetro seja de uma vintena de comprimento, estreitando-se nas duas extremidades, uma das quais é fechada. O tecido é trançado de maneira a torná-lo bem elástico e a dar-lhe uma grande facilidade para se reduzir. Fique entendido que ao encurtá-lo ele aumenta muito de diâmetro. Assim, um saco de 1,7 metro de comprimento e de 1 metro de circunferência quando está vazio, estreita-se quando cheio, passando para cerca de 1,2 metro de comprimento para 0,35 mais ou menos de circunferência. Introduzida neste saco a massa da raiz de mandioca ralada<sup>110</sup> antes do tempo na *uru-pema*<sup>111</sup>, o cilindro que havia engrossado ao se encolher, cedendo à força de um grande peso que está suspenso em sua parte inferior, começa a se alongar e a exercer pressão sobre toda a massa, de maneira a escorrê-la inteiramente, deixando-a após em condição de ser colocada no forno.

Ora, vê-se em Beni-Hassan<sup>112</sup> um cilindro parecido em junco, empregado como prensa de uvas, que seria difícil de ser compreendido se o *tepeti* do Brasil não viesse em nosso auxílio. E é certo que a prensa pintada em Beni-Hassan tem as mesmas

---

109 *Hibichet* entre certos indígenas da América setentrional que teriam, sem dúvida, recebido do sul esse instrumento e o uso da mandioca. (FAV)

110 *Éragécé* é a palavra nas antigas colônias francesas. (FAV)

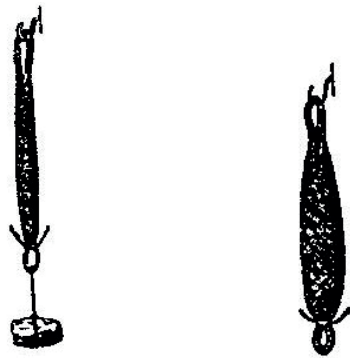
111 Espécie de peneira. (TC)

112 Sítio arqueológico no Egito. (TC)

dimensões que os *tepetis* do Brasil, assim como podemos nos convencer comparando, sobre o desenho egípcio, o instrumento com o tamanho dos homens que o usavam. Para que os egiptólogos possam apreender melhor a importância desta aproximação, exporemos aqui o desenho do *tepeti* do Brasil, e os convidamos a compará-los com aquele de Beni-Hassan, que Sir Gardner Wilkinson reproduziu na prancha 140 de sua obra.<sup>113</sup>

A palavra *tepeti* soa mesmo a nosso ouvido como palavras egípcias; e há ainda a circunstância que em copta **TEΠE** quer dizer *tegumentum*, ou seja, um corpo reticular, como o *tepeti*, e como deve ser a prensa desenhada em Beni-Hassan.

A própria palavra *urupema* parece denotar uma origem egípcia: *Horb* (**ϩορβ**) em copta quer dizer *confringere*<sup>114</sup>, romper, quebrar ou rasgar; **ορβ**, *constrictum tenere*<sup>115</sup>; em egípcio *arb*.



*Tepeti prensado*

*Tepeti pleno, não prensa*

## Cesto

Outro artigo da indústria dos tupis que nos aproxima muito dos tempos primitivos do antigo Egito são os pequenos cestos ou ramos em junco, bem trançados e pintados de diferentes cores vivas, exatamente como alguns que vemos no museu de Boulaq, no

<sup>113</sup> WILKINSON, John Gardner. *The Manners and Customs of the ancient Egyptians*, II, p. 153. (FAV-TC)

<sup>114</sup> Em latim no original. (TC)

<sup>115</sup> Em latim no original, *segurar com força*. (TC)

Egito, pertencendo a uma época por volta de três mil anos antes de nossa era.

### **A cerâmica**

Sempre consideramos não menos impressionante a semelhança que há entre as formas e a qualidade dos objetos de cerâmica dos egípcios e daqueles fabricados ainda em nossos dias, com a mesma habilidade em cerâmica, pelos descendentes dos tupis. Alguns dos vasos são vermelhos revestidos de um verniz obtido a partir de certas resinas, outros são pintados com ornamentos e desenhos de linhas em zigzague, em meandros, em vigas, dos arabescos, dos gregos, dos tabuleiros etc., e outras, enfim, são brancas, muito pouco cozida, destinadas a refrescar a água por meio da transpiração e da evaporação. Tudo isto é bem diferente do que encontramos entre os vasos das cerâmicas gregas ou das romanas, de épocas posteriores.

### **Linimento dos cabelos**

Acreditamos igualmente que o hábito entre os tupis de lubrificar os cabelos somente pode ter vindo do antigo continente. Com efeito, esse costume parece ser antes uma invenção dos habitantes de alguns países secos que daqueles de uma região tropical e úmida, onde os cabelos simplesmente lavados se conservam lisos. Os russos e as raças tártaras, mongóis e siberianas, hoje ainda, abusam das pomadas e óleos para os cabelos.

### **Animais domésticos**

Outro uso que somente podemos atribuir a uma tradição ligeiramente alterada é aquele dos tupis de respeitarem e de jamais matar os animais e os pássaros domésticos ou criados em casa. Não podemos ver no respeito dos tupis por seus animais domésticos uma herança de seus ancestrais, que respeitavam antes de tudo seus animais domésticos sagrados?

## Búzio, trombeta

Outra aproximação dos hábitos tupis com os dos antigos encontra-se no emprego de búzios como trombetas. Todo mundo conhece as trombetas dos Tritões. Os tupis utilizavam para o mesmo fim uma grande concha com o mesmo formato, a de *tapaçú* ou *uatapú* (*Ampullaria gigas* de Spix<sup>116</sup>).

## Enterro dos mortos e vinganças aos cadáveres inimigos

As lembranças da veneração dos antigos pelos cadáveres dos seus chegaram até nós. Sabe-se que os egípcios ofereciam víveres para a viagem à outra vida. Os tupis faziam o mesmo. As lamentações das mulheres e outras queixas funerárias eram quase idênticas. As hostilidades sobre os cadáveres de seus inimigos, invadindo seus cemitérios, quebrando seus crânios etc., parece que também era uma herança de seus predecessores. Alguém se lembrará, sem dúvida, dos ultrajes feitos por Cambises, rei dos persas, após a tomada de Sais, à múmia de Amasis, que foi golpeada com varas e perfurada por golpes de agulha; e os insultos, após a tomada de Tebas, prodigalizados à tumba de sua mulher e a outras tumbas.

## Vaidades

Os antigos tupis atribuíam somente a eles mesmos o nome de verdadeiros homens: *aba-été*. Para os colonos europeus, reservavam o nome de *mbae-abá*, coisa homem ou como homem; e daqui provém o nome *emboaba*, e não da origem que lhe é atribuída. Ora, sabemos por Heródoto, que os egípcios igualmente nomeavam-se de *Piromis*, “os homens”.<sup>117</sup>

---

116 Em latim no original, ampolas gigantes, nome atribuído por Spix a uma espécie de concha. SPIX, Johann Baptist von. *Testacea fluviatilia quæ in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII- MDCCCXX*. Monachii: Typis C. Wolf, 1827, p. 1. A obra foi editada por Franz von Paula Schrank e Karl Friedrich Philipp von Martius um ano após a morte de Spix, ocorrida em 1826. (TC)

117 Lê-se em Heródoto: “*Piromis* quer dizer, em nossa língua, ‘homem honesto’”. HÉRODOTE. II, 143. (TC)

Quando os tupis sacrificavam um inimigo, o algoz tomava para si um novo nome e decorava seu corpo com incisões ou tatuagens para perpetuar a memória do ato. Era também um hábito do mundo antigo. Essa prática foi expressamente interdita aos hebreus, no Levítico por estas palavras: “não fareis incisões no corpo por algum morto e não fareis nenhuma tatuagem”.<sup>118</sup>

## Sambaquis

Há outra analogia entre os usos dos tupis e aqueles dos povos do antigo continente nesses montinhos de conchas que nos deixaram na costa e que conhecemos no Brasil sob o nome de sambaquis.

Em certas épocas do ano, os tupis faziam grandes provisões de testáceos e, se alguns dos seus morressem durante as colheitas, eles os enterravam no meio das conchas dos sambaquis. Ora, montinhos de conchas (*Murex brandaris*<sup>119</sup>) parecidos encontravam-se nas ilhas do mar Egeu. Atribuem-se ao fenícios, que deles extrairiam a “púrpura das ilhas”. Mas veremos que aos fenícios, nessas empresas, unia-se outro povo, do qual os tupis teriam herdado o mesmo costume, a fim de fazer provisões de molusco.

## Tipo

Os tipos das figuras que encontramos, sejam como estátuas, sejam gravadas sobre os monumentos ou estelas figuradas como *coïlanaglyphes*<sup>120</sup>, sejam desenhadas em papiros, são muito semelhantes às das raças mongólicas ou siberianas e às dos tupis, mesmo pelas orelhas que, geralmente, são grandes. Estas figuras são sempre sem barba e impregnadas de uma grande tristeza; os ombros são largos, as pernas secas, o quadril pouco pronunciado, de maneira que distinguem os estrangeiros pela adição ou

118 “Et super mortuo non incidetis carnes vestram, neque figuras aliquas aut stigmata facietis vobis”, Cap. 19, v. 28. Nota em latim no original. Servi-me da tradução da *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010. (FAV-TC)

119 Em latim no original, um tipo de molusco. (TC)

120 Palavra de origem grega designando baixos-relevos cavados. (TC)



ausência de um destes caracteres distintivos. A diferença é tão acentuada que se diria que frequentemente os artistas a apresentavam com certo sarcasmo os estrangeiros, sarcasmo, às vezes, bem espirituoso.

Os egípcios, muitas vezes quase nus, têm cabelos apenas na cabeça, que são parcialmente raspados, e afirma-se que todos usavam perucas. No entanto, seus penteados (estudados, sobretudo, conforme as figuras *coïlanaglyphes* coloridas, que se vê nos museus), com suas cabeleiras negras, grossas e brilhantes, largas atrás e cortadas na frente, às vezes em parte raspadas, parecem tanto aquela dos indígenas tupis que somos tentados a acreditar que (admitindo a possibilidade que tenha existido egípcios que portavam perucas, tal como os padres que segundo o ritual deviam ser calvos) um grande número desses penteados, que vemos mesmo sobre a cabeça dos trabalhadores da classe mais inferior e naturalmente bastante pobre para comprar perucas, eram somente seus cabelos, embora parcialmente raspados, como os dos tártaros de hoje.

Os chefes tupis tinham também como ornamento da cabeça, igualmente raspada em parte, perucas feitas de penas de pássaros, que chamavam *acangatare*, e tranças compostas de cordões de algodão caíam sobre suas costas, de maneira absolutamente análoga à das perucas artificiais egípcias.

# Capítulo IV

## Analogias em certas superstições

**P**assemos agora às superstições dos tupis e a suas analogias no antigo continente.

### Sumé

Começaremos pelo célebre *Sumé*, no qual as tradições dos primeiros colonos europeus, no começo do século XVI, pretendiam ver a presença do apóstolo das Índias São Tomé, o que nos proporcionou o tema para uma lenda em estilo oriental.<sup>121</sup> Porém, do ponto de vista histórico, já em 1854, notávamos que a tradição, no fundo, devia ser proveniente de outro país com os invasores tupis, e não deve ter sido inventada no território brasileiro. Salvo, talvez, no que concerne à farinha de mandioca, que parece ser uma invenção especial desse país, ela acompanhou os invasores nas Antilhas, em Cuba e no Haiti, sob os nomes de *Cemi*, *Tzemes* e *Cimi*. Na última ilha com um grande número de ídolos em madeira e de pedra e mil superstições.

As aproximações com as deusas Thmé, da justiça, e Tmán, da natureza, são impossíveis. A tradição dizia *Sumé* do gênero masculino e mesmo barbudo, o que bem poderia advir de uma

---

<sup>121</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Sumé: lenda mytho-religiosa americana recolhida em outras eras por um índio Moranduçára*. Madrid: Imp. da V. De Dominguez, 1855. (FAV)

má interpretação da explicação relativa ao prolongamento ou ao pingente do queixo do ídolo.

Entretanto, há entre os próprios egípcios a questão de um deus incerto, *Smot*: se seria um deus somente dos estrangeiros poderia bem ser aquele dos ascendentes dos tupis.

## Tupã

*Topan* ou *Tupã* era o nome pelo qual os tupis designavam o relâmpago e também um ser maligno invisível o qual o prisioneiro Hans Staden foi encarregado, uma vez, de aplacar as cóleras com orações.

Poder-se-ia ver aqui uma reminiscência dos antigos egípcios, seja na palavra *to-pan*, o *pan* da pátria, o mesmo *pan* egípcio, chamado também *khen*, ao qual todo o Egito rendia homenagem<sup>122</sup>, e que correspondia a Júpiter (e, por consequência, tendo vinculação com o relâmpago), seja no terrível *ser maligno* chamado *Tífon*.<sup>123</sup>

Os egípcios, diz Plutarco no tratado *Isis e Osiris*, esforçavam-se em abrandar esse gênio maligno por meio de sacrifícios. Quando “não conseguiam, carregavam-no de opróbrios e invectivas”.<sup>124</sup> Os tupis, em seu furor por qualquer contrariedade atiravam flechas contra o céu.

Sabemos que os gregos e os latinos também tiveram seu *Tífon*, e alguns entre eles transformaram esse nome naquele de *Tifeu*.

De acordo com Diodoro e Apolodoro, *Tífon* estaria enterrado no Etna, de onde lança fogo.<sup>125</sup> Ovídio<sup>126</sup> acrescenta que ele se refugiou no Egito. Nesse país, segundo o relato de outros escrito-

---

122 JABLONSKI, Paul Ernst. *Pantheon Ægyptiorum*. I, 1750, p. 281. (FAV-TC)

123 Tifão ou Tifon, divindade do mal, filho de Gaia e Tártaro. (TC)

124 PLUTARQUE. “Traité Isis et Osiris”. T. V., 2e P., 30, 362 E-F. (TC)

125 Diodoro menciona Frígia. DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. II, L. V, LXXI; *Bibliothèque d'Apollodore*. Vol. 1, L. I, VI. Paris: De l'imprimerie de Delance et Lesueur, 1805. (TC)

126 OVIDE. *Les métamorphoses*. T. I, L. 5, 320-350. Paris: Les Belle Lettres, 1966. (FAV-TC)

res, os padres o afogaram no lago de Sirbon, cujos vapores nocivos prejudicavam muito a saúde dos habitantes de Pelúcio. Dir-se-ia, mais precisamente, que a civilização progredira, e que o ser maligno fora substituído por outras divindades, mais de acordo com o grau de cultura do povo já menos bárbaro.

Os missionários do Brasil adotaram o nome de *Tupã*, para designar aos tupis a palavra Deus. É bem singular que tenham escolhido justamente um nome que, conforme vimos, poderia bem, e, sobretudo, aplicar-se ao *Diabo*.

## Pajé

Os *pajés* ou *pagés*, padres tupis, oferecem-nos ainda notáveis analogias com o que sabemos dos egípcios. Os *pajés* eram também médicos, o que sabemos ter acontecido igualmente com os padres do Serapeu em Canopo. Em copta, encontramos a ΠΑΙΩΕ com a designação de *sanatio, remedium morbi*.<sup>127</sup>

*Pakse*<sup>128</sup>, ainda em copta, era um nome de homem; ΟΥΕΒ, aquele dos padres; ΑΧΩ queria dizer *magus*<sup>129</sup>, profeta e ΟΥΕΕΒ, *sanctus*<sup>130</sup>. Em egípcio, *pa* 𓂏𓂐, significava antigo, ancestral.

## Mbaracá ou maracá

Nas festas e sacrifícios os tupis faziam uso de uma espécie de instrumento de música com um som análogo ao sistro dos antigos. Ele era formado de uma cabaça cheia de pequenas pedras, munida de um cabo que servia para sacudi-la.



127 Em latim no original, *cura, remédio para doença*. (TC)

128 TATTAM, Henry. *Lexicon Aegyptiaco-Latinum ex veteribus linguae Aegyptiacae monumentis, et ex peribus La Crozii, Woidii et aliorum congestum*. Oxonni: Typographeo Academico, 1835, pp. 372-373. (FAV-TC). As expressões em copta e em latim da frase anterior também foram extraídas da obra de Tattam. (TC)

129 Em latim no original, *mágico*. (TC)

130 Em latim no original, *santo, piedoso, sagrado*. (TC)

O uso de tal instrumento nas ocasiões solenes é já, por ele mesmo, um novo ponto de aproximação entre os tupis e os antigos. Mas, além disso, cremos que é muito possível que a forma daqueles que os tupis se serviam seria somente, mais ou menos, a primitiva no antigo continente. Temos uma prova na figura de um sistro egípcio muito antigo, que se encontra em Berlim<sup>131</sup>, e que acreditamos ser um verdadeiro representante da transição para os outros em bronze e mais conhecidos. Enfim, o sistro de Anúbis com a forma esferoidal, como os maracás dos tupis, que também podem ser comparados ao losango de Clatra.<sup>132</sup>

Um instrumento parecido aos maracás dos tupis era também usado entre os mexicanos<sup>133</sup> sob o nome de *ayacaztli*, e mesmo que não tenhamos encontrado no copta a etimologia dessa palavra, o uso auxilia a fortificar as induções que nós apresentamos em outro capítulo.

O nome maracá lembra finalmente o de matraca, em espanhol e português, mas de origem oriental, atribuído igualmente a uma espécie de *crotalum*<sup>134</sup> ou *cymbalum*<sup>135</sup> em madeira, e também empregada nas festas religiosas, e da qual se fazia uso nas igrejas católicas durante a Semana Santa. Trata-se de uma espécie de chocalho, chamado em latim *crepitaculum*, em italiano *raganella*, em alemão *Ratsche*, substituída em algumas igrejas por *Kläpperchen*.

Acreditamos que o nome copta equivalente ao latim *sistrum* não seja o que encontramos mencionado como tal por inúmeros autores, quer dizer, o mesmo nome latino escrito simplesmente em caracteres coptas. Parece mais natural preferir a palavra *kemkem*,

---


131 Pode-se ver o desenho na obra de Sir John Gardner Wilkinson. Em nossa opinião, as duas espécies de brinquedos de crianças, que vemos em Tebas em um desenho igualmente reproduzido por Sir Gardner, não passam de sistros parecendo o maracá. WILKINSON, John Gardner. *The Manners and Customs of the ancient Egyptians*, II, respectivamente, p. 327 e p. 257. (FAV-TC)




132 Suposta deusa egípcia. (TC)

133 Ver RIBAS, Andres Perez. *Historia de los triumphos de nuestra santa fee*, op. cit., p. 739. (FAV-TC)

134 Em latim no original, tipo de guizo. (TC)

135 Em latim no original, tipo de instrumento musical. (TC)

atribuída pelos lexicógrafos como correspondente a *tympanum*.<sup>136</sup> Este nome aproxima-se mais daqueles nomes *sesés*, *sesés-t* e *sexem*, cujos hieróglifos têm mesmo um sistro  como determinativo. Bunsen<sup>137</sup> tornou conhecido pelo sistro, em egípcio, a palavra onomatopaica *sexsex*. Em todo caso, o nome egípcio não carece de semelhança com o de *chichikué* atribuído a certos indígenas da América setentrional que, por imitação aos tupis ou aos egípcios, faziam uso desse instrumento.

Os antigos egípcios tinham ainda, para um instrumento análogo, os nomes de *áb*  ou *áb-t* . A palavra *teb*  correspondia a *adufe* ou *pandero* em espanhol.

### Circuncisão

Não temos dados suficientes para poder decidir se a circuncisão era geralmente admitida entre os tupis. Este é um ponto que precisa ainda ser constatado com precisão. Contudo, sabemos que os Ticunas, da Amazônia, além da foz do Javari, praticavam esta operação em crianças de um e outro sexo, como ocorria no Egito, e que eram as mães que se encarregavam dela.<sup>138</sup>

Só podemos ver na mera existência desta operação tão extraordinária um novo indício de relações com o Brasil de um povo do antigo mundo entre os quais ela era praticada.

---

136 Em latim no original, *tamborim*. (TC)


137 BUNSEN, Christian Carl J. *Aegyptens Stelle in der Weltgeschichte*, I, p. 588. (FAV-TC)

138 Ver os escritos do reverendo José Monteiro de Noronha (§140) e do ouvidor Sampaio (§ 212). (FAV) Trata-se das obras de: NORONHA, José Monteiro de. *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará, até as últimas colônias do sertão da província escriptos na Villa de Barcellos pelo Vigario geral do Rio Negro*. Pará: Santos, 1862, § 140, p. 55; e de SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. Joze do Rio Negro fez o Ouvidor, e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. No anno de 1774 e 1775; exornado com algumas notícias geograficas, e hydrograficas da dita Capitania, com outras concernentes à historia civil, politica e natural della, aos uzos e costumes, e diversidade de nações de indios seus habitadores e à sua população, agricultura e commercio. Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, Nova Granada. E Trata-se a questão da existencia das Amazonas Americanas, e do famoso lago dourado*. Lisboa: Typografia da Academia, 1825. § CCXII, p. 68. (TC)

## Pássaro noturno

Acreditamos entrever outra aproximação entre os usos dos tupis e os de alguns povos do antigo continente, na identidade de suas crenças supersticiosas em relação a certo pássaro noturno.

Sabemos que os egípcios, e mais tarde os gregos, tinham uma grande veneração por um pássaro semelhante, a coruja de Minerva, que se crê ser a *Athena noctua*.<sup>139</sup>

Entre os tupis tal superstição existia também. Segundo Azara, no Paraguai, ela se manifestava com respeito a *ibyáu*, da espécie dos *caprimulgus*, comedores de borboletas, que os naturalistas consideram como tendo pontos de contato com as andorinhas. O mesmo Azara entra nos detalhes de várias crenças ridículas sobre este último pássaro.<sup>140</sup> No Brasil, encontra-se igualmente esta superstição que Gabriel Soares se limita a dizer que os indígenas a temiam.<sup>141</sup> Outros indígenas do Brasil tinham superstições acerca do noturno *Urubutáu*, nome que significa Urubu fantasma. Note-se que a palavra *táu*, fantasma, lembra bem o egípcio *utáu* , que segundo seu determinativo, tinha alguma relação com “noite”, “obscuridade”. No Egito, existe ainda, pertencendo à mesma família dos *strigidae*<sup>142</sup>, uma espécie nomeada *giu* (*scops giu*)<sup>143</sup>.

Os antigos mexicanos também tinham pela coruja bastante veneração; o que, por sua vez, oferece uma aproximação a mais com o antigo Egito.

---

139 Em latim no original, *coruja de Atena*. (TC)

140 Salvo melhor juízo, é provável que Varnhagen esteja se referindo a seguinte obra: AZARA, Félix de. *Apuntamientos para la historia natural de los páxaros del Paragüay y Rio de la Plata*. T. 2, Madrid: En la Imprenta de la hija de Ibarra, 1805, pp. 523-527, 538-541. (TC)

141 “Com que tem grande agouro”, SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado*, I, LXXXVI, p. 233. (FAV-TC)

142 Em latim no original, estrígideo, espécies de corujas. (TC)

143 Em latim no original, espécie de coruja. (TC)

## ***Botoque ou Metara***

O que dissemos acerca dos sistros ou maracás e dos pássaros *ibyáus*, podemos aplicar a outro hábito dos tupis: queremos falar dos *botoques*, *metaras* ou *mbetáras*.

Durante muito tempo acreditamos que os ancestrais dos tupis, sendo um povo que possuía certa indústria e, por consequência, certa cultura, jamais poderiam ter sido os introdutores de um costume tão bárbaro como o de furar o rosto, para fixar pretensos ornamentos, e cremos que eles teriam adotado esse costume dos bárbaros conquistados e quase exterminados por eles. Mas os Tupis não apenas odiavam demais seus inimigos, como eram muito intolerantes para imitá-los de alguma forma. Porém, pensando bem, não se pode encontrar algo mais bárbaro nem mais extravagante do que o hábito desses guerreiros de se cortar o rosto a fim de mostrar mais virilidade e mais desprezo por seus ferimentos do que outros praticados em nossos dias ao lado das invenções do telégrafo elétrico e da fotografia. Há ainda homens e mesmo, em alguns países, mulheres que se circuncisam, e outros (entre os povos mais civilizados), que furam as orelhas para se embelezar!

Ora, lembramo-nos que ao mostrar, há muitos anos, nossa pequena coleção etnográfica tupia a um colega, o barão de Tecco, da Sardenha, sábio numismata, viajante e egiptólogo, sua atenção se fixou sobre o único *botoque metara*, em pedra polida verde, dos tupis, que se encontrava na mesma coleção.<sup>144</sup> Disse-nos que se encontrava pedras semelhantes no Egito, sem que se possa explicar sua destinação. Talvez, estivesse fazendo alusão a estas *uat'* ⌋, conhecidas em todas as coleções e que são consideradas como místicas por algum uso funerário. Ora, segundo Brugsch, *uat'* (hieróglifo<sup>145</sup> em diversas formas) designava também uma pedra verde. Não seria possível de ver aí uma *metara* verde?

---

144 Provável referência do autor ao embaixador piemontês Barão Romualdo Tecco (1802-1867). Ver ERME, Giovanni d', "Romualdo Tecco (1802-1867), diplomatico sardo orientalista", *Annali della Facoltà di Lingue e Letterature Straniere di Ca' Foscari (Serie Orientale 1)*, IX/3, 1970, pp. 107-122. (TC)

145 BRUGSCH, Heinrich. *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch*, 2, p. 362. (FAV-TC)



Veremos, no último capítulo deste ensaio, que os habitantes vizinhos dos países de onde nós acreditamos que os egípcios são originários, consideravam um grande ornamento ter *botoques* em seus rostos perfurados. Fato que nos leva a crer que é muito possível que os homens das primeiras gerações sem história, do qual não temos nem monumentos nem hieróglifos, que se estabeleceram no vale do Nilo, ainda usassem *metaras*, palavra a qual seria fácil atribuir uma etimologia egípcia ou grega.

Nós vamos ainda mais longe. Acreditamos poder explicar, por um uso primitivo de botoques nos queixos, esses apêndices que vemos, entre os deuses e reis do Egito e, também, nas múmias dos homens. Recusamo-nos a tomá-los por tranças de cabelos. Não somente consistem em uma única massa, mas Rosellini<sup>146</sup> observou que a cabeça do indivíduo, no mesmo monumento, está representada tanto com, tanto sem o apêndice. Portanto, é muito possível que sem a destruição dos monumentos e dos hipogeus mais antigos, realizada no Egito pelos reis pastores ou hicsos, teríamos provas mais manifestas da origem dessa moda.

Os mexicanos também usavam *botoques*, conhecidos sob o nome de *tentel*, unicamente portados no lábio inferior, como supomos entre os egípcios primitivos. Esse *tentel* era em forma de garra, com a curva no ar<sup>147</sup>, e era entre eles um signo de “comando, classe ou de honra”.<sup>148</sup>

Este uso entre os mexicanos, de portar *tentel* perto do queixo, pode fornecer um duplo argumento em favor do que teria sido um dia seguido pelos egípcios, e confirmaria uma viagem primitiva de alguns desses últimos até o México, como indicamos antes.

---

146 Provável referência ao egiptólogo ROSELLINI, Niccolo Francesco Ippolito Baldessare (1800-1843). Ver DAWSON, Warren R. *Who was who in Egyptology*. London: The Egypt Exploration Society, 1972, p. 253. (TC)

147 BURNOUF, Émile. “Amulettes et tentels mexicains”. *Archives de la Société Américaine de France*. Tome I. Paris: Aux Bureaux de la Société Américaine, 1875, p. 372. (FAV-TC)

148 ROSNY, Lucien de. “Recherches sur les masques, le jade et l’industrie chez les indigènes de l’Amérique antique”. *Archives de la Société Américaine de France*. Tome I. Paris: Aux bureaux de la Société Américaine, 1875, p. 311; e na mesma edição ver a breve comunicação à Société Américaine de France de Eugène Boban acerca do tema: “Les tentels des anciens aztèques”, p. 226. (FAV-TC)

## Capítulo V

### Povo ascendente dos tupis. Época provável da emigração. Chegada às Antilhas

**M**as quem seria esse povo emigrado, precursor dos Tupis, que a filologia comparada e tantas outras induções nos mostram em tão íntimo contato, sobretudo com os gregos e os egípcios?

Foram seus descendentes os responsáveis por revelar esse segredo; e foi precisamente a partir do momento em que tivemos a felicidade de nos deter nesta revelação que mais se despertou a nossa perseverança para perseguirmos as pesquisas cujas páginas que se seguem são o primeiro resultado.

Não apenas os tupis se autodenominavam *carys*, mas, como já dissemos, atribuíam também esse nome aos europeus recém-chegados, se, no entanto, eles os estimassem. Há mais. Os tupis que habitavam mais ao sul do Brasil, quer dizer, aqueles que se encontravam na cabeça da emigração, e que teriam sido os mais próximos descendentes dos primeiros colonos, nomeavam-se *cary-ós*, ou descendentes dos *carys*. Os povos de mesma língua, que viviam nas Antilhas e o continente vizinho, se diziam *caribes*.

Ora, por outro lado, a história nos diz que os *cários*, esses antigos navegadores do Mediterrâneo, que, a certa época associados aos fenícios, chegaram a ser os mestres dos mares, eram amigos dos egípcios e mantinham relações comerciais com os gregos.

Para confirmar suas relações de amizade com os egípcios, ainda que fossem mais bárbaros que estes, contentar-nos-emos em mencionar uma passagem de Heródoto, ele mesmo filho da Cária (da cidade de Halicarnasso), na qual, a propósito de um sacrifício no Egito assistido por cários, diz: “Os cários *que habitam o Egito* e que se encontravam presentes à festa, vão ainda mais longe, pois cortam suas testas com suas adagas”.<sup>149</sup>

Segundo todas as probabilidades, como os cários eram temidos por suas piratarias, sobretudo em razias de escravizações, esse tráfico seria a causa que os levaria a frequentar o delta do Nilo.

A frequência do contato com os gregos é confirmada por uma passagem de Estrabão, na qual, sob a fé de Philippus, antigo que escrevia sobre os cários, afirma que esses tinham mesmo chegado a introduzir na sua língua várias palavras gregas.<sup>150</sup>

A importância deste texto de Estrabão não pode ser subestimada. A existência na língua tupi de palavras puramente gregas, que citamos, oferece-nos um forte argumento a favor de que seja esta língua a própria cariana. Por outro lado, Heródoto<sup>151</sup> nos conta que, basicamente, essa língua era bem diferente da dos gregos; sendo tal constatação resultado de uma passagem de Homero na qual qualifica de bárbaro, na *Ilíada*<sup>152</sup>, transcrita com uma pequena alteração<sup>153</sup> por Estrabão, que apesar do esforço para explicá-la, não teve sucesso.

---

149 HÉRODOTE, II, 61. (FAV) Em itálico no original. Na tradução moderna da qual me sirvo, não consta a seguinte parte: “[...] e que se encontravam presentes à festa”, *idem*. (TC)

150 “οὐδέ γε ὅτι τραχυτάτη ἢ γλωττα τῶν Καρῶν. οὐ γάρ ἐστιν, ἀλλὰ καὶ πλεῖστα ἑλληνικὰ ὀνόματα ἔχει καταμεμιγμένα, ὡς φησι Φίλιππος, ὁ τὰ Καρικὰ γράψας”. Em grego no original. Philippus Theangelus. *Traité des antiquités cariques, apud STRABON. Géographie*. T. III, L. XIV, C. II, 28. Paris: Hachette, 1880. (FAV-TC)

151 HÉRODOTE. I, 171-172. Citado também por MOVERS, Franz Carl. *Die Phönizier*. Bonn: Eduard Weber, 1841, I, p. 18. (FAV-TC)

152 “Νάστης ἂν Καρῶν ἠγγήσατο βαρβαροφώνεων”. Em grego no original. HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, II, 867, 2013. (FAV-TC)

153 Sobretudo em dizer Μάσθλης no lugar de Νάστης. Ver STRABON. *Géographie*. T. III, L. XIV, C. II, 28. (FAV-TC)

Devemos acrescentar aqui uma circunstância muito importante: é o fato de um grande número de palavras da antiga Cária que os escritores gregos fazem geralmente terminar em *assus* ou *essus* e mesmo em *assa* e *issus*, pois não seria impossível que tais terminações viessem de *assú*, que em tupi quer dizer grande. Os tupis, por vaidade, sem dúvida, a exemplo de seus pais, acrescentavam habitualmente este qualificativo a seus próprios nomes. Ora, se aproximações semelhantes apresentam-se em maior número, se elas podem se estender à Lícia, não seria impossível que a língua tupi possa auxiliar na explicação de fatos da história antiga do Mediterrâneo. Em todo caso, permitam-nos manifestar aqui o desejo de que novas pesquisas sejam feitas no futuro por viajantes que terão a ocasião de percorrer esses países onde os cários viveram ou exerceram sua preponderância. Assim como na América, em alguns países que foram sucessivamente ocupados por diferentes nações europeias, tantos nomes antigos passaram intactos de mão em mão, que, talvez, não seja impossível ainda encontrar vestígios da língua dos cários em certos nomes geográficos ou outros da antiga Cária, os quais poderão ser recolhidos por viajantes nesta missão. Temos tanta fé nela que cremos que chegaremos um dia a formar, neste sentido, um novo ramo de conhecimentos muito fecundo, uma *cariologia*; e talvez a decifração destas inscrições lícias, ainda tão enigmáticas, dependam do progresso dessa especialidade.

O fato de certa viagem distante, associada aos cários, deve ser lembrada aqui. Foi Pausânias que se encarregou de nos transmitir tal recordação. Este escritor afirma ter escutado de um cario que, pensando em se ir para a Itália, havia chegado, levado pelo mau tempo, a um arquipélago cujas ilhas eram habitadas por selvagens, acrescentando que o nomearam de *Satíridas*, posto que os selvagens, de cor vermelha, usavam uma espécie de cauda.<sup>154</sup>

É evidente que esta narração pressupõe o regresso dos navegadores. Isso poderia explicar a certeza com a qual os escritores

---

154 PAUSANIAS. *Description de la Grèce*, I, 23. Paris: J.M. Eberhart, 1814. (FAV-TC)

gregos fazem alusões às terras de outro continente a oeste e nos transmitem informações que somente podem se relacionar ao conhecimento do mar de *Sargaços* ou de *Vareque*.

Isso iria ao encontro da tradição mexicana, segundo a qual o grande legislador *Quetzalcoatl*, querendo retornar a seu país, resolveu partir pelo mar tomando a rota do leste.

Pelas palavras coptas, citadas anteriormente, sobre certas inovações admitidas no antigo mexicano, pode-se supor que este legislador era egípcio. Acrescentaremos aqui apenas que, para nós, ainda é duvidoso que se chamasse *Quetzalcoatl*, “a serpente real”, ou melhor, *Quetzal-cuáuhli*, “a águia real”, apesar de todas as induções que se possa tirar da analogia do primeiro nome com um dos atributos do deus Hórus.




Veremos no capítulo seguinte como se conservou mais tarde nas Antilhas a tradição da chegada de invasores estrangeiros que, não tendo mulheres, tiveram necessidade de raptar às dos selvagens do país.

Antes de continuar, apressemo-nos em dizer que estamos bem longe de acreditar que os antigos cários, apesar de sua superioridade marítima, fossem um dos povos mais civilizados de seu tempo. Ao contrário, eram muito cruéis, frequentemente infiéis e, segundo Tucídides, grandes piratas.<sup>155</sup> Não pensamos que somos injustos com eles, dizendo que estavam muito longe da verdadeira doçura e da piedade dos egípcios, bem como da civilização dos fenícios, seus contemporâneos, como são, em nossos dias, os turcos argelinos dos franceses, ainda que se encontrem nas mesmas fileiras para o combate. É o que deduzimos das próprias frases de Heródoto, igualmente nativo da Cária, que segue a passagem citada acima. Ele diz que o simples fato de se cortar as testas provaria que se tratava de um povo *não civilizado*, como os egípcios.<sup>156</sup>

---

155 THUCYDIDE, I, 8. *Œuvres complètes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade/Gallimard, 1964. (TC)

156 HÉRODOTE, II, 61. (TC)

Supondo que os cários sejam de origem imediatamente semita, se quis que seu nome viesse da palavra *kar*, ovelha, em hebraico, apesar da pouca semelhança que tinham estes antigos guerreiros, célebres pela audácia e crueldade, com os inocentes animais dos quais eram antes uma antítese. A etimologia do sânscrito *kâru* कारु, cantor, bardo<sup>157</sup>, encontrava-se talvez mais natural, se a distinguíssem pelo canto, como era o caso entre os tupis, cantores de *areytos*. Em egípcio, *kar*  queria dizer o trabalhador de metais, o que poderia fazê-los se identificar aos caribes antigos. Sabemos que as raças altaicas trabalhavam bem os metais, mas nada sabemos de seguro que seja favorável a esta etimologia. Acreditamos reencontrá-la de preferência na palavra egípcia *kari* , canoa. É singular que em egípcio exista um nome semelhante à tupi para designar o piloto (*schiffer*<sup>158</sup>), o de *tepi* .

A maneira pela qual os cários apareceram no Mediterrâneo é quase tão misteriosa quanto à chegada dos primeiros egípcios às margens do Nilo. Inclina-mos, entretanto, a classificá-los, como se verá mais tarde, entre os povos turanianos da Ásia Menor. Eles começaram por se estabelecer em várias ilhas do mar Egeu, quase ao mesmo tempo em que os fenícios, e, no começo, em maior número que aqueles. Tornaram-se tão potentes no Mediterrâneo quanto os fenícios, dos quais foram aliados durante muito tempo.

Quando do estabelecimento da monarquia de Creta, parece que os cários formavam as tripulações das frotas de Minos<sup>159</sup>, fornecendo marinheiros e soldados de mar a quase todas as potências. Eles estenderam sua dominação, não apenas sobre o continente ao norte de Rodas, que se chamava Cária<sup>160</sup>, mas também sobre o Pe-

157 FICK, August. *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, op. cit., p. 41. Benfey dá a significação de *working, artisan*, BENFEY, Theodore. *A Sanskrit-English Dictionary*. London: Longmans, Green, and Company, 1866, p. 179. (FAV-TC)

158 Em alemão no original. (TC)

159 Alguns creem que houve em Creta mais de um rei com este nome. (FAV)

160 Jablonski reuniu um pequeno número de palavras que ele acreditava serem carianas; mas que não são suficientemente autênticas para que se possa formar conjecturas sobre a mesma língua a partir delas. Provável referência de Varnhagen à seguinte obra: JABLONSKI, Paul Ernest. *Opuscula, quibus lingua et antiquitas Aegyptiorum*. vol. III. Lugduni Batavorum: A. et I. Honkoop, 1809, pp. 94-102. (FAV-TC)

loponeso, a Acarnânia, a Ilíria, e do outro lado do Adriático, sobre a Sicília. Deixaram sua lembrança sobre os muros de Mégara, a acrópole cária. Como os fenícios, foram ao Ponto Euxino<sup>161</sup>, na Espanha, em todo o norte da África, e mesmo fundaram estabelecimentos na África ocidental, além das colunas de Hércules. Contentar-nos-emos em recordar dois deles: primeiro, o forte cariano (καρικὸν τεῖχος), citado mais tarde pelos cartagineses Hannon no seu *Périplo*, situado além do cabo Soloeis (*Solis* de Políbio e de Ptolomeu<sup>162</sup>), que Movers acredita ser o cabo Cantin, identificando o dito forte cário com Aghader; em segundo lugar, o nomeado *Mausoléu* (Μαυσωλεῖον) cariano, citado igualmente por Movers.<sup>163</sup>

Para se ter uma ideia do papel que os cários desempenharam, sobretudo ao lado dos grandes navegadores, os fenícios, traduzimos abaixo, sem as eruditas notas que as acompanham no original alemão, duas passagens de uma obra marcante pelo seu grande número de pesquisas conscienciosas sobre a antiguidade, aquela do sábio Movers sobre os fenícios.

Eis a primeira passagem:

As Cíclades estavam ocupadas por cários e fenícios nos tempos primitivos da Grécia. Tucídides que fornece esta informação na sua apreciação da marinha antiga, indica também, ao mesmo tempo, que os cários estabeleceram-se nessas ilhas em grande número, enquanto a população de fenícios era menor, isto é, constante, pois, quando trata de Minos como do primeiro fundador de uma potência marítima no mar Egeu, ele conta em primeiro lugar que esse teria expulsado os cários das Cíclades e teria colocado fim nessas paragens à pirataria. Até aqui não se tratou dos fenícios, mas nas explicações que seguem sobre a pirataria dos antigos, ele chega ainda uma vez a falar dos cários, como habitantes das Cíclades e menciona então, ao lado deles, em um nível secundário, os fenícios quando narra o que

---

161 Atual Mar Negro. (TC)

162 POLYBE. *Histoire*. Paris: Gallimard, 2003, L. XXI, IV, 24; PTOLEMÆUS, Claudius. *Geographia*. Venetiis: Vincentius Valgrisius, 1562, L. VII, C. 4. Servi-me também da edição moderna: PTOLEMY, Claudius. *The geography*. New York: Dover Publications, 1991, p. 158. (TC)

163 MOVERS, Franz Carl. *Das phönizische Altertum*, II, p. 551. Sabe-se que o nome do mausoléu deve sua origem à tumba suntuosa que a rainha Artemisa mandou construir para Mausolo, seu marido, rei da própria Cária. (FAV)

aconteceu com esses dois povos que habitavam anteriormente as Cíclades. Os habitantes das ilhas tinham sido também piratas; pertenciam às nações cária e fenícia, pois são elas que colonizaram a maior parte das ilhas. Como prova disso, quando, durante a guerra do Peloponeso, a ilha de Delos foi livrada dos atenienses e que todos os caixões com os cadáveres foram levados, verificou-se que a maior parte dos caixões continham cários, reconhecidos pelas armas que portavam e pelo seu modo particular de sepultamento. Os fenícios também não são mencionados aqui, de maneira que não sabemos, infelizmente, quais provas históricas Tucídides possuía, quando falava dos estabelecimentos dos fenícios nas Cíclades, em uma escala à qual nenhum outro escritor da antiguidade fez menção. Tanto quanto a informação se relacione com os cários, ela é completamente confirmada, pois outros escritores os mencionam como os mais antigos colonos das ilhas e fornecem parcialmente os nomes daquelas que os cários habitaram. Embora seja feita menção a numerosos estabelecimentos dos cários nas ilhas, os textos não falam dos fenícios e confirmam, portanto, as afirmações de Tucídides, em virtude das quais se constata que os fenícios teriam habitado as ilhas em número inferior aos cários.

Não sabemos em quais relações os dois povos encontravam-se um frente ao outro. Não se pode provar que os fenícios, como supunha Niebuhr, ‘dominavam como talvez os árabes a costa oriental da África, ou os cartagineses ao longo das costas da Numídia, da Mauritânia e da Ibéria’. Eles teriam, provavelmente, vivido nestas ilhas como em outro lugar, pacificamente com os cários, cultivando sobretudo os ramos de indústria que lhes era próprio, sem, contudo, ocuparem-se dos negócios e das querelas de seus belicosos coabitantes, pois tal era, aliás, ‘a maneira de agir dos sidônios’, nos tempos mais recuados, quando eles surgiram como colonos em meio a outros povos. Quanto à duração do tempo durante o qual os fenícios habitaram as ilhas com os cários, Tucídides exprime uma maneira de ver que não concorda com a opinião corrente nem com a história. Ele relata [...] que os cários e os fenícios teriam sido expulsos por Minos, o que fixaria esse acontecimento aproximadamente cem anos antes da era troiana. No entanto, a maior parte dos escritores estão de acordo em reconhecer que os cários [...] somente foram repelidos pelos dórios e jônicos após terem vivido em conjunto com eles durante um certo tempo.<sup>164</sup>

---

164 MOVERS, Franz Carl. *Das phönizische Altertum*, II, pp. 263-265. (FAV-TC)



Em outra passagem, o mesmo Movers diz ainda sobre os cários o que se segue:

A julgar pelas numerosas indicações e as notícias expressas que chegaram até nós, a participação dos cários, povo marítimo e mercenário renomado na antiguidade, nos empreendimentos dos fenícios não pode ser muito avaliada. Segundo Tucídides, eles habitavam as ilhas, como os fenícios, e após a migração jônica, desapareceram ao mesmo tempo, sem quase deixar traços mais duráveis do que esses últimos. As posses que tiveram antes dessa época nas ilhas e nas costas do Mediterrâneo, não são menos numerosas que as dos fenícios: na direção sudoeste da Cária, Simi, Rodes, Cárpatos, Creta foram colonizadas por eles, bem como Hermione e Epidauro sobre a costa do Peloponeso; a oeste, do lado do continente grego, eles se estabeleceram em Nísiro, Naxos, Siros, assim como nas costas da Ática e da Beócia; enfim, ao norte, seus estabelecimentos estendiam-se sobre as ilhas de Kos, *Calimnos*, Ícaro, Samos, *Quios*, Imbros até as costas distantes do Ponto Euxino. Frequentemente também onde habitavam, se faz menção a colonos fenícios: é o caso de Delos, Rodes, Creta etc. e [...] mesmo nos estabelecimentos fenícios mais distantes do lado ocidental. Além disso, nos lugares onde existiam as antigas tinturarias de púrpura no Mediterrâneo, habitavam fenícios e cários: esses últimos em Nísiro, Kos, Hermione, Creta, Rodes. Encontra-se cários mesmo na Fenícia, como em Tiro, na qual formaram a população posterior, e nas regiões setentrionais do país, onde se faz menção a um lugar chamado, segundo eles, *Καρῶν ποταμοί*. Do mesmo modo que encontramos em todos os lugares juntos os cários e os fenícios, os mitos dos dois povos são os mesmos. [...] Nenhum escritor da antiguidade faz menção de estabelecimentos dos cários nas ilhas do Chipre e, no entanto, eles devem ter constituído nos tempos mais recuados uma parte importante da população desta ilha que pertencia aos fenícios.<sup>165</sup>

No final do século VII a.C., um grande número de cários foram autorizados, assim como os jônicos, a se estabelecer no delta do Nilo, e fundaram Náucratis, que se tornou um porto privilegiado para o comércio estrangeiro. Por essas concessões, Psamético I queria assegurar seu trono pelo apoio dessas guardas suíças de seu século, atraindo, ao mesmo tempo, para seu país mais braços,

---

165 *Idem*, pp. 17-20. (FAV)

convertendo Náucratis em um grande mercado de escravos, cuja captura e tráfico teriam sido então a principal ocupação dos cários e dos jônios.

Quase um século e meio depois, no final do primeiro quartel do século VI a.C., esses colonos foram forçados a abandonar o Egito, conquistado por Cambises II. Eles haviam se comprometido contra o partido desse rei, entregando-se a excessos e a crueldades que os teriam, sem dúvida, expostos a duras represálias, se tivessem permanecido no país.

Não há dúvida para nós de que aqueles que se estabeleceram no Egito preferiram abandonar o país a cair nas mãos dos invasores, especialmente se nos lembramos das crueldades a que os prisioneiros foram então submetidos. A menor pena a que eles eram submetidos era a escravatura, mas a mais frequente era a morte ou a amputação do falo e das mãos, e isso mesmo quando os soldados do exército vencido não tinham exercido crueldades, como a história nos diz que os colonos cários fizeram com respeito aos filhos de Fanes.<sup>166</sup>

Assim, não temos a menor dúvida que os cários, que se encontravam então no Egito, ao invés de se submeter a Cambises II, tendo a sua disposição o porto de Náucratis com muitos navios, teriam iniciado uma emigração em massa pelo mar.

Não tendo mais pátria, desde cerca de trinta anos antes, Hárpago, chefe dos persas, conquistou a Cária após a vitória de Sardes sobre Creso, rei da Lídia (554 a.C.), eles tiveram que emigrar para qualquer outro país.

Ora, se nos lembrarmos da passagem de Diodoro, citada acima, onde se diz, a propósito da Grande Canária, que certos navegadores a guardavam para ter um refúgio em caso de necessidade, não seria extraordinário que esses emigrantes cários tivessem a ideia de passar ou ir ao menos a suas colônias da África ocidental. Não é impossível que durante o trajeto, em transportes mal aparelhados em vista da precipitação da fuga, que alguma tempestade

---

<sup>166</sup> Sobre Fanes ver HÉRODOTE, III, 11. (TC)

os tenha surpreendido no Atlântico, e com o auxílio das correntes do *Gulf Stream*, os impeliu para a América, onde outras induções nos fazem crer que devem ter chegado em massa para implantar sua língua.

As analogias que apresentamos, entre as indústrias e os hábitos dos tupis e aquelas dos egípcios, favorecem a ideia de que a emigração tenha ocorrido preferencialmente nessa época, quer dizer, por colonos que teriam vivido muito tempo no Egito.

Mas não devemos nos deter aqui no campo das conjecturas.

Devemos ainda levar em consideração que as flexões verbais de origem ariana, na língua tupi, requerem, como explicação, o fato de um contato muito longo entre o povo emigrante e outros povos arianos. Por outro lado, encontramos na história antiga várias outras épocas nas quais emigrações carianas podem ter ocorrido, com as mesmas possibilidades de serem impelidos até a América.

Sem remontar a vitória de Paarisheps (Prosopis, segundo Brugsch<sup>167</sup>), sob Merneptá I, onde, segundo a inscrição de Karnak não há nada de cário, nem mesmo aquela de Ramsés III, que se encontra em Medinet Habu, contra a liga dos povos das ilhas do Mediterrâneo (e onde cremos que falta decidir se os tsékaris não devem ser tomados antes por cários do que por teucros<sup>168</sup>), encontramos ainda três épocas, e entre as quatro será preciso dar preferência a uma.

A mais próxima é aquela da tomada da Cária por Hárpago, cerca de trinta anos antes da ocupação do Egito por Cambises II. Se alguns cários foram então recebidos no Egito por Psamético I, não seria impossível que outros, os mais comprometidos com

---

167 Varnhagen não indicou a procedência do comentário. Localizei uma breve referência a *Prosopis* em: BRUGSCH, Heinrich. *Die Geographie der Ägyptens nach den Denkmälern*. Vol. I, Leipzig, J.-Hinrichs, 1857, pp. 298-299. Em obras publicadas posteriormente a 1876, Brugsch também trata do tema: BRUGSCH, Heinrich. *Geschichte Aegyptens unter den Pharaonen*. Leipzig: Hinrichs, 1877, pp. 570-577; BRUGSCH, Heinrich. *Dictionnaire géographique de l'ancienne Egypte*. Leipzig: J.-Hinrichs, 1879, p. 66 e p. 439. (TC)

168 Troianos. (TC)

a guerra, tivessem decidido emigrar para suas colônias na África ocidental, e nessa ocasião fossem conduzidos até as Antilhas, primeiramente por alguma tempestade e após pelo *Gulf Stream*.

Nova ocasião apresenta-se por ocasião desta emigração geral que, ocasionada pela fome, ocorreu na Ásia Menor, e levou à Úmbria os tirrenos. Não teria, da parte do informante de Pausânias, alguma associação de ideias com aquela época, quando lhe diz que os navegadores que foram levados até o arquipélago dos Satíridas iriam para a Itália? Não seria possível que o narrador, no lugar de ter estado em pessoa, tenha se atribuído aventuras que lhe teriam sido transmitidas por seus compatriotas?

Finalmente, há ainda outra época mais recuada que não deixa de contar em seu favor muitas possibilidades: a tomada de Tróia.

Sabe-se que nesta grande luta de dez anos, entre a Ásia e a Europa, quase todos os povos da Ásia Menor e mesmo alguns da Europa tomaram o partido dos troianos. Homero, em uma passagem da *Iliada*, que se pode considerar a parte histórica da epopeia, menciona, não somente povos da Paflagônia, da Bitínia, da Mísia, da Lídia, da Cária, da Frígia e da Lícia, mas também dos pelasgos da Trácia, da Macedônia e de Tessália (de Lárissa). Ele precisa as forças com as quais cada um desses povos teria contribuído e nomeia seus chefes. Nada mais natural do que supor que no fim da guerra os exércitos vencidos, a fim de não se submeter às vinganças e às crueldades do vencedor, que se tornou então o único mestre do mar Egeu, tivessem todos pensado em emigrar para países mais ou menos distantes. Sabemos por Dionísio de Halicarnasso que Enéas, o chefe dos dardanelos, decidiu ir para a Itália, onde encontrou um refúgio na terra da Lavínia. Por que, portanto, não supor que a frota cária, por sua vez, emigrou também? E por que não pensar que, em tal emigração, os cários, os maiores navegadores entre os aliados, não fracassaram e tiveram a sorte de ir para as colônias fora do Estreito? Deve-se mesmo acreditar que, como os fenícios, seus companheiros de mar, eles conheciam também as Canárias.

Muitos hábitos dos guanches eram idênticos àqueles dos tupis, e pela língua tupi pode-se mesmo explicar a etimologia de várias palavras das Canárias: Orotava (*Uru-tabá*, cidade-água), Ico, Itoba e outras.

Pode-se deduzir, talvez, pela forma das canoas de guerra dos tupis um argumento a mais a favor da emigração em época mais recuada. Os emigrantes teriam, sem dúvida, transportado com eles, e introduzido na América, aquilo que possuíam então de melhor. Ora, as canoas tupis são antes uma cópia do antigo penteconter<sup>169</sup> simples, feniciano, grego e egípcio, análoga aos caíques turcos de nossos dias. Antes da invenção dos pontos cobertos e do convés, quase no século VIII a.C., os maiores navios de guerra eram, segundo Movers<sup>170</sup>, tipo penteconter, e os emigrantes não deixariam de adotá-los se conhecessem já os birremes e os trirremes.<sup>171</sup> Os quadrirremes foram inventados pelos cartagineses mais tarde.

Estas considerações deveriam nos levar a preferir para a emigração uma época anterior ao século VIII a.C., apesar dos graus de probabilidade em favor de navegações longínquas que, de outra parte, resultariam, supondo-a após a descoberta dos navios de convés e a primeira circunavegação da África sob Neco, cerca de seis séculos antes de nossa era.

Ora, além do século VIII, somente encontramos grande crise que favorecesse a emigração na tomada de Tróia. Não devemos nos impressionar de ver realizada com as galeras simples de então uma grande navegação, quando era com elas que se fazia a guerra e que se chegava às Canárias, e que os argonautas tinham empreendido sua expedição.

Ora, o triunfo dos gregos, por terra e pelo mar, na tomada de Tróia, foi tão decisivo que não seria impossível que os cários, familiarizados com o mar, acreditando que não se encontravam

---

169 MOVERS, Franz Carl. *Das phönizische Altertum*, III, p. 153. (FAV)

170 *Idem*, p. 173. (FAV)

171 Sobre os trirremes ver BÖCKH, August. *Urkunden über Seewesen des Attischen Staates*. Berlin: G. Reimer, 1840, pp. 73-78; GRASER, Bernardus. *De veterum re navali*. Berlin: S. Calvary, 1864, p. 21. (FAV-TC)

então em segurança nas colônias da África ocidental, tivessem espontaneamente preferido procurar antes um abrigo no desconhecido...

Dois hábitos que se conservaram entre os tupis poderiam contribuir para a suposição de que a emigração foi realizada nesta época: o de sacrificar os prisioneiros e de se vingar de seus inimigos, mesmo após a morte, sobre seus cadáveres. Ora, encontramos esses dois costumes na época da guerra de Tróia. Homero, acusado de pouca generosidade por ter feito tal menção, não os teria inventado. Sem dúvida, ele apenas nos transmitiu em versos as tradições, quando nos conta que Aquiles sacrificou doze prisioneiros aos manes de Pátroclo e quando, contra a generosidade e a magnanimidade que lhe agradava sempre acordar a seu herói, não hesita a nos representá-lo insultando o cadáver de seu rival, o nobre Heitor.

Desta maneira, pode-se bem acreditar que uma imigração de cários na América se efetuou séculos antes de nossa era, e em uma época anterior ao fim do primeiro terço do século VI a.C. Entretanto, em nenhum caso além da data da tomada de Tróia.

Pode-se encontrar uma confirmação da antiguidade desta emigração no uso que faziam os tupis dos instrumentos de pedra polida. Estamos de acordo hoje para admitir que estes últimos instrumentos foram somente empregados após os de bronze, dos quais se tornaram verdadeiras imitações. Indubitavelmente, os marinheiros emigrantes teriam já conhecido o uso do bronze e mesmo do ferro e do aço, ainda que esses últimos fossem ainda muito raros, e em consequência muito caros, no Mediterrâneo, onde chegaram de longe, talvez mesmo das montanhas Altai. Dada a sua raridade, sobretudo na época da guerra de Tróia, era utilizado apenas para fazer facas e instrumentos cirúrgicos, e muito pouco para espadas ou outros instrumentos de guerra. Assim, a grande raridade desses metais, entre os emigrantes, seria uma prova a mais da antiguidade da emigração. É provável que após as invasões dos persas tais instrumentos já fossem menos raros.

Em todo caso, se os emigrantes levaram consigo algum instrumento de ferro ou aço, não deve espantar que, em climas como o tropical, tais objetos tenham desaparecido, consumidos pela ferrugem e em consequência desmancharam-se ao longo dos séculos. Quanto ao bronze, também não o encontramos nem entre os caribes nem entre os tupis. Alguns artigos de uma liga que continha ouro e que chamavam *goanim* foram ainda encontrados nas Antilhas, bem como placas de ouro não fundidas, mas batidas e achatadas entre duas pedras duras. Contudo, entre os tupis, em toda a extensão do Brasil ao menos, não temos o menor indício que tenham feito uso de algum metal, nem mesmo o ouro achatado a golpes de pedra, como nas Antilhas. Eles conheciam, no entanto, a pedra polida, da qual se serviam para seus machados e suas *metaras* ou *botoques* etc.

## Capítulo VI

Fatos entre os tupis comprovam uma invasão por via marítima. Rapto das Sabinas. Organização de uma grande nação tupi na América. Sua dispersão em bandos, conquistando por toda parte com o auxílio de suas canoas de guerra. Crueldades. Expição

A emigração da qual acabamos de falar deve ter ocorrido em uma única vez por uma grande expedição: sem dúvida por toda uma frota reunida, que preferiu a emigração à necessidade de se submeter ao vencedor. Se os emigrantes não fossem em grande número não poderiam ter imposto sua língua e seus hábitos no país conquistado; e dificilmente teriam introduzido uma ou outra palavra de qualquer objeto para os autóctones, como dissemos a propósito das civilizações oriundas dos *Quetzalcoatl* e dos *Bochica*. E se os mesmos emigrantes eram verdadeiramente da origem que supomos, seguir-se-ia que, pela força dos acontecimentos, teriam ido juntar-se, pelo caminho do ocidente, aos da raça que aí haviam se tornado autóctones.

Somente o fato de uma emigração e conquista, empreendida ao mesmo tempo por um exército de marinheiros-guerreiros (*guaranis*), pode explicar a ausência absoluta de classes entre seus descendentes, que eram todos soldados e obrigados a ir à guerra, exceto os padres (*pajés*) e os *tebiros*, que se dedicavam ao ofício de mulheres da vida. É sem dúvida a esta classe dos *tebiros* que trata



a composição do poeta escocês George Buchanan, *In Colonias Brasilienses*<sup>172</sup>, que começa por estes versos:

“Descende cœlo turbine flammeo  
Armatus iras, Angele, uindices,  
Libidinum iam notus ultor  
Exitio Sodomaë impudicæ.  
En rursus armis quod pereat tuis  
Lustrum Gomorrhæ suscitât aemulum  
Syrum propago et exsecrandæ  
Spurcitiaë renouans palaestram.  
Pars ista mundi quam sibi propriam  
Sedem dicauit mollis amoenitas,  
Luxusque, sub foedis colonis  
Seruitium tolerat pudendum”.<sup>173</sup>

Essa classe de *tebiros* poderia ter tido sua origem em alguma instituição dos antigos, por suas frotas de guerra, nas quais não se podia levar mulheres a bordo sem grandes inconvenientes. No Brasil os chamavam também de *cutinos*<sup>174</sup>, e esta palavra lembra

---

172 Transcrevo aqui fragmento retirado diretamente da obra do poeta, pois há pequenas imprecisões no trecho citado por Varnhagen. BUCHANAN, George. “*In colonias Brasilienses uel sodomitæ*”. Georgii Buchanani Scoti Poemata quæ extant. Amsterdam: Henricum Wetstenium, 1687, pp. 291-292. Na tradução do professor António Guimarães Pinto lemos: *Contra as colônias brasileiras ou sodomitæ* – Baixa do céu em rubro turbilhão/Armado, ó Anjo, de ira vingadora,/Punidor já conhecido da luxúria/Na assolação da impúdica Sodoma./Eis que de novo (pereça ele sob tuas armas!)/A linhagem dos Sírios ergue um alcouce/Que Gomorra arremeda,/E renova a academia da abominável sujeira./ Essa parte do mundo, que a mole deleitação/E luxúria destinaram como sua própria morada./Sob infames colonos suporta/Vergonhosa servidão. PINTO, António Guimarães. “O Brasil do século XVI na poesia novilatina do escocês George Buchanan”. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, Universidade de Aveiro, Portugal, núm. 14, 2012, p. 264. (TC)

173 Este vício era muito geral em toda a América. Ver GÓMARA, Francisco López de. *Historia general de las Indias* (1552). Caracas: Biblioteca Ayacucho. 1979, pp. 99-100 e pp. 104-105; OVIEDO VALDÉS, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias*, op. cit., L. V, cap. III, pp. 132-140; HERRERA, Antonio de. *Décadas*. I. Madrid: En la Emplenta Real, 1601, Lib. III, cap. 4, pp. 86-89; CIEZA DE LEÓN, Pedro de. *Crónica del Perú* (1553). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005, cap. 49, pp. 143-145. FAV-TC)

174 “E nas suas aldeias pelo sertão, há algumas que tem tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas”. SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado*, II, CLVI. (FAV-TC)

bem aquela dos κλεινός dos cretenses, com seus φιλήτωρ.<sup>175</sup>

As primeiras mulheres dos tupis estabelecidos no país foram tomadas aos tapuias, e houve primeiramente, após a chegada dos emigrantes na América, vários raptos de mulheres. Isso já teria começado nas Antilhas e teria dado origem à tradição da fuga de algumas, novas amazonas, na ilha de Martinino, atual Martinica. Este é, aliás, o fato que mais se evidencia das tradições, algumas delas absurdas, que o irmão jeronimita Romain Pane recolheu no Haiti, no tempo de Colombo, e que pôs por escrito, em vinte e seis pequenas seções que são inseridas antes do capítulo LXII do texto da história do mesmo almirante, atribuída a seu filho Fernando, publicada em italiano por Ulloa, posteriormente retraduzida para o espanhol por Barcia e reproduzida em inglês no segundo volume da coleção de Churchill.<sup>176</sup>

Este novo rapto das Sabinas é perfeitamente justificado, para a preservação da raça, entre um povo que, como tantos outros da antiguidade, incluindo os hebreus, só procurava no que tange à raça, o lado do pai, ou, como dizia Diodoro: “os filhos consideravam que deviam sua existência apenas aos pais (em latim, *generator*), sendo a mãe “não mais do que uma amamentadora”.<sup>177</sup> Essa crença manteve-se entre os tupis até nossos dias: eles ainda consideram as mães apenas como guardiãs de seus filhos. Indubitavelmente, eles herdaram essa crença dos seus predecessores. Se esses foram os cários, como acreditamos, então somos forçados ainda uma vez a nos afastarmos da opinião do barão d’Eckstein<sup>178</sup>,

---

175 Gabriel Soares de Souza, s.m.j., não utiliza a palavra *culdino*, que se encontra, contudo em: MARTIUS, Carl Phillippe von. “O estado de direito entre os autochtones do Brazil” (1845). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Vol. XII, 1906, pp. 35-36; SERRA, Ricardo Franco de Almeida. “Continuação do parecer sobre o aldeamento dos Índios Uaicuús e Guanás”. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. T. XIII, 1850, p. 358. (TC)

176 COLÓN, Fernando. *Historia del almirante don Cristóbal Colón en la cual se da particular y verdadera relación de su vida y de sus hechos, y del descubrimiento de las Indias occidentales, llamadas nuevomundo (1571)*. Madrid: Impr. de T. Minuesa, 1892, Vol. II, Cap. LXII, pp. 22-25. (TC)

177 DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*. T. I, L. I, LXXX. (TC)

178 ECKESTEIN, Ferdinand (Le baron de). “Études sur la grammaire védique”. *op.cit.*, pp. 342-343, p. 445, 462 e 468. (TC)

que supõe que esse povo estava entre aqueles<sup>179</sup> que admitiam a ginecocracia ou a superioridade das mulheres. No próprio Egito esta ginecocracia não parece ter sido aceita durante a primeira dinastia: na sucessão da coroa, mal foi introduzida pelo terceiro rei da segunda dinastia, uma vez que os mesmos reis tornaram-se deuses.

Em todo caso, o cruzamento imediato dos novos conquistadores com as mulheres indígenas poderia explicar o fato de o tipo físico americano fosse mantido, com mais forte razão se os invasores fossem originários da mesma raça mongólica, como acreditamos.

Não duvidamos também que os invasores, tendo esta origem mongol, conhecessem o uso do tabaco que reencontraram em sua nova pátria. Não estamos longe de compartilhar da opinião de Ledyard<sup>180</sup>, que o tabaco acompanhou, em todos os tempos, a raça vermelha ou mongólica, mesmo no antigo continente<sup>181</sup>, antes da descoberta de Colombo. Seu uso existiu, segundo Bell<sup>182</sup>, desde um tempo imemorial, entre os chineses. Bem antes da descoberta da América, Maomé, em suas máximas, aconselhava aos muçulmanos de não fumar, e não seria fácil de explicar como todo este luxo dos chibúques<sup>183</sup> dos turcos não passaria de uma introdução moderna. E embora se diga que se tratava de outras plantas, é muito singular que o nome *tutun*, atribuído pelos turcos ao tabaco, seja tão semelhante ao nome *p'tun*, que os Tupis lhes deram.<sup>184</sup>

179 Segundo vários autores foram especialmente os lícios que admitiram a ginecocracia. (FAV)

180 Provável referência ao explorador e viajante norte-americano John Ledyard (1751-1789), que entre outros périplos, participou da terceira e última expedição do capitão James Cook em 1776. Encontrei uma breve e superficial alusão ao que afirma Varnhagen em: LEDYARD, John. *Travels and adventures of John Ledyard: comprising his voyage with Capt. Cook's third and last expedition; his journey on foot 1300 miles round the Gulf of Bothnia to St. Petersburg; his adventures and residence in Siberia; and his exploratory mission to Africa*. London: Published for Henry Colburn by R. Bentley, 1834, p. 326. (TC)

181 Ver ainda sobre este assunto o que dizemos no último capítulo. (FAV)

182 Provável referência ao médico e explorador escocês John Bell (1691-1780), autor de: *Travels from St. Petersburg in Russia, to various parts of Asia*. 2 vols. Edinburgh: W. Creech, 1788. (TC)

183 Espécie de cachimbo de tabaco turco. (TC)

184 Os três *u* pronunciados como em francês. (FAV)

As casas dos tupis, suas grandes barracas (*oca*), sem divisões internas e quase totalmente em madeira, à exceção de um pouco de terra ou argila para fechar os interstícios, não poderiam ter outra origem senão a condição de guerreiros-marinheiros, dos primeiros habitantes. Eram como grandes casernas, ou melhor, grandes *taracenas*, na qual os guerreiros-marinheiros, em sua pátria, ficavam durante os dias de repouso. Até as redes parecem ser invenção de um povo nômade de marinheiros, e muitas tribos selvagens americanas não conheciam seu uso e dormiam sobre folhas.

O simples fato de todos os tupis terem de ser guerreiros explica-nos por que não se tornaram pastores e não se dedicaram à vida pastoril, sem ter necessidade de acreditar que teriam herdado dos egípcios a repugnância por este tipo de vida, ou que sua natureza nômade se opunha a ela.

A razão de os seus barcos, simples penteconter ou uma espécie de caïque turco atual, não transportarem, provavelmente, vacas, ovelhas e porcos não teria sido suficiente, pois se tivessem tendência para a vida de pastores não teriam tanta dificuldade em domesticar algumas das espécies de animais ou pássaros da América, assim como os colonizadores do Peru conseguiram obter tropas de lhamas e de alpacas.

No Brasil, poder-se-ia, sem dificuldade, domesticar uma das espécies de porcos *tayaçú*, de *jacu*, ou de patos *upeca*. Efetivamente, os tupis, como já dissemos, por prazer, domesticaram alguns animais que, aos se tornarem seus *mimbába*<sup>185</sup>, não eram mortos para suprir alguma falta. Os cães, que eles provavelmente sempre tinham a bordo, eram os únicos animais domésticos que lhes prestavam serviço, mesmo contra seus inimigos.

Chegados às Antilhas, o caminho para o continente ter-lhes-ia sido indicado pelos nativos, e provavelmente a maior parte dos emigrantes teria continuado o seu percurso até a ilha Trinidad, e dessa até à foz do Orinoco. Outros, em menor número, devem ter ido para Cuba e Flórida, onde deixaram rastros frágeis entre

---

185 Animal doméstico. (TC)

os Apalaches; alguns teriam chegado ainda mais longe, no âmago do golfo mexicano, penetrando mesmo às praias do golfo californiano, onde seus vestígios, finalmente, desaparecem.

Quanto à parte mais numerosa dos emigrantes, que devem ter seguido para o sul, acreditamos que não teriam parado no Orinoco, posto que encontramos menos gravados os traços de sua passagem. Somente os reencontramos nas férteis planícies de aluvião do vale do Amazonas, sobretudo nas terras magníficas para a cultura, próximo da foz do rio Negro, onde, mais tarde, a expedição de Pedro Teixeira, quando de seu retorno do Napo, pode ter se revitalizado com tantas provisões.<sup>186</sup> Foi, segundo todas as probabilidades, neste vale que se organizou, sem dúvida com os elementos mais disciplinados da expedição, a primeira nacionalidade tupi na América.

Faltam-nos dados para podermos estabelecer conjecturas sobre o caminho percorrido pelos emigrantes para lá chegar. Seguiram a costa depois da ilha de Trinidad? Teriam subido o Orinoco e passado por Casiquiare e o rio Negro? Pode ser que um dia este mistério seja um pouco desvendado.

Pela preferência dada às bordas do Amazonas, a fim de se organizar um primeiro estabelecimento, devia contribuir muito, além disso a excelência da terra para a cultura, o grande número de troncos de árvores colossais jogadas pelas cheias do imenso rio sobre as praias, próprias para se fazer grandes canoas do tipo penteconter no mesmo lugar, tornando-se assim estaleiros naturais. E, para nós, a ignorância dos tupis em relação ao uso do ouro seria apenas proveniente do fato de o estabelecimento de sua nação mais considerável, na América, ter ocorrido sobre estas praias de aluvião, onde as minas de ouro não existiam.

Portanto, segundo todas as probabilidades, seria nessas paragens que a fabricação da farinha de mandioca teria sido inventada, o que, com a cultura do milho, facilitou os grandes abaste-

---

<sup>186</sup> TEIXEIRA, Pedro. *Viaje del capitán Pedro Texeira, aguas arriba del rio de las Amazonas: 1638-1639*. Madrid: Imprenta de Fortanet, 1889. (TC)

cimentos para as guerras, para as quais os simples produtos das caças, carne defumada, ou da pesca, secas e reduzidas a pó, teriam sido insuficientes.

O fato é que chegou um dia no qual, sem dúvida devido ao enfraquecimento dos laços da disciplina, formaram-se bandos que emigraram em várias direções, invadindo todas as terras, sobretudo rumo ao sul, seguindo o curso dos rios e as costas do mar, tirando partido de sua destreza na condução de suas grandes canoas de guerra e de seus ataques por surpresa.

Uns seguiram a costa além do cabo de São Roque; outros remontaram sem dúvida ao Tocantins e ao Araguaia; enfim, outros foram pelo Madeira às montanhas do Paraguai e desceram até o Paraná.

Alguns, no lugar de continuar a seguir a costa até o cabo de São Roque, subiram os canais de Mearim, de Itapicuru e de Paranaíba, depois, passando mais tarde aos afluentes do São Francisco, chegaram à Bahia antes daqueles que seguiram o litoral. Esses últimos, chegando com o nome de tupinambás venceram e expulsaram para o sul aqueles que estavam estabelecidos e aos quais atribuíram o nome de tupis malvados (*tupinaés*).<sup>187</sup>

Esses emigrantes chegaram em bandos separados e venceram, em todos os lugares, os tapuias, e se estabeleceram nas melhores paragens de todo o território atual do Brasil e do Paraguai e mesmo, como dissemos acima, em uma parte da República oriental e da Argentina. Outros seguiram ao longo do Amazona, mas um pouco aquém das fronteiras atuais do Brasil.

Os *cambebas* ou *umáguas*, assim chamados nas línguas tupi e quíchua<sup>188</sup>, por causa de suas cabeças achatadas “à maneira das mitras dos bispos”, como diz o padre Acuña<sup>189</sup>, estando já, sobretudo, em parentesco com o quíchuas, dos quais tinham aprendido

---

187 SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado*, II, CXLVII. (FAV)

188 *Akam-péba* em tupi, cabeça-chata; *uma-ahua*, em quíchua, cabeça elevada. (FAV)

189 ACUÑA, Christoval de. *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*. Madrid: Imprensa del Reyno, 1641, LI, pp, 24-25. (TC)

não somente este uso<sup>190</sup> de achatar a cabeça, mas também aquele das armas *zarabatana* e *estólica*<sup>191</sup>, a indústria extrativista da borra-cha, e mesmo o emprego da coca sob o nome *d'ipadu*.

Em todo lugar, a invasão tupi se efetuou em meio a grandes crueldades, sacrificando e mesmo devorando, por excesso de vingança, seus prisioneiros de raça. Em toda parte, exceto entre as grandes nacionalidades, mais fortes e bem-organizadas como as do Peru e do México, tremia-se ao se escutar o nome *caribe!*

O dia da expiação não podia tardar, ele chegará. Cristóvão Colombo e Pedro Alvarez Cabral foram seus mensageiros.

Seria talvez aqui a ocasião de entrar em alguns detalhes sobre a etnografia dos tupis, retirados de boas fontes como as páginas de Hans Staden, d'Abbeville, d'Evreux e, sobretudo, de Gabriel Soares, que, em 1587, consagrou uma quarentena de capítulos ao assunto.<sup>192</sup> Porém, não julgamos essencial falar aqui de um tema que tratamos em três capítulos de nossa *Historia geral do Brazil*<sup>193</sup>, cuja segunda edição não tardará vir a lume<sup>194</sup>, preferindo reenviar o leitor a ela a fim de não estendermos muito este opúsculo.

---

190 Este uso era tão generalizado no Peru que foi preciso que o sínodo de Lima de 1585 o interdittasse sob certas penas. (FAV)

191 Espécie de lança utilizada por algumas tribos indígenas das Américas. (TC)

192 STADEN, Hans. *Histoire d'un pays situé dans le nouveau monde, nommé Amérique* (1557). Paris: A. Bertrand, 1837; ABBEVILLE, Claude d'. *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris: F. Huby, 1614; EVREUX, Yves d'. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614*. Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. Paris: A. Franck e Albert Herold, 1864; SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado*, *op. cit.* (TC)

193 O extrato de um desses capítulos é fornecido pelo Sr. Richard F. Burton na introdução (p. lxxiv a lxxv) da tradução inglesa de Hans Staden publicada em Londres, em 1874, pela Hakluyt Society. Vários ensinamentos etnográficos também são encontrados na obra de MARTIUS, Carl Phillippe von. *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*, *op. cit.* (FAV) O autor se refere aos capítulos VIII, IX e X da HGB, I, 1854. A referência completa da obra de Staden citada por Varnhagen é a seguinte: STADEN, Hans. *The Captivity of Hans Stade of Hesse in A. D. 1547-1555, among the wild tribes of Eastern Brazil*. Annotated by Richard F. Burton. London: Hakluyt Society, 1874. (TC)

194 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia Geral do Brazil, antes de sua separação de Portugal*. 2a edição, 2 vol., E. & H. Laemmert, Vienna, 1260 p., 14 fls. grav. 1877. (TC)

Limitamo-nos aqui a oferecer no capítulo seguinte, uma notícia da língua<sup>195</sup> tupi ou geral (no Brasil), e a chamar a atenção do leitor sobre a vinheta do título deste livro, representando uma múmia dos tupis encontrada em um grande *cambuchi* ou pote de barro.

Não é sempre que se encontram potes parecidos, mas, o que é inseparável da raça é a posição das múmias, todas de cócoras com suas armas ou instrumentos ao lado. Seria este modo de sepultamento, entre os cários, seguido em vários países da América, como se reconheceu outrora ser dos cários, como vimos anteriormente, certas tumbas na ilha de Delos?

---

195 Principalmente para que se possa ter em consideração se as circunstâncias de ser aglutinante e algumas analogias com as línguas americanas opõem-se as nossas conclusões. (FAV)





## Capítulo VII

### Algumas noções sobre a língua tupi

**A**pós ter, nos capítulos precedentes, chamado a atenção do leitor para a língua tupi e de ter indicado que essa língua não poderia ter mais do americano do que o português, o espanhol ou o inglês, igualmente faladas na América, julgamos essencial entrar aqui em alguns detalhes.

Faz-se necessário, em primeiro lugar, declarar que esta língua tupi não deve ser considerada monossilábica como o chinês. Contudo, não lhe faltavam monossílabos, e possuía uma grande facilidade para compor novos nomes, reunindo-os ou fazendo uso de certos sufixos ou posições. De *ca*, erva, obtém-se *ca-py*, erva fina, grama, e *cavivara*, o comedor de grama, nome do animal anfíbio *caviai*. Da palavra *çu*, morder, fazia-se *çu-a-çu*<sup>196</sup>, ruminante, palavra que designava o cervo; da mesma forma, de *tayá* (*caládium*<sup>197</sup>), fazia-se *tayaçu*, o comedor de *taiás*, ou seja, os porcos.

Reunindo duas palavras, a primeira explica a segunda, *ita-puan*, ilha de pedra; reunindo três palavras, a última designa a idéia principal, assim, *ita-puan-lery*, a ostra da ilha de pedra.

As articulações *fê*, *lê*, *rê*, *vê* e *zê* fortes, faziam tanta falta aos tupis que aprendendo a música, no lugar do *rre*, *fa* e *la*, diziam

---

196 Já foi dito, ao longo deste trabalho, que para as palavras não francesas o *u* teria o valor do *ou* francês. (FAV)

197 Em latim no original, *caládio*. (TC)

*rē* (suave), *pa* e *ra*. As labiais *b* e *p*, se pronunciavam um pouco nasalmente, e foi por isso que os indígenas, aprendendo o português, no lugar de *burrica* (pequeno jumento), pronunciavam *mboricá*, e no lugar de *Pedro*, diziam *Mpero*. Daí vem também que para dizer *mbirá*, equivalente à madeira, os brancos no Brasil, diziam tanto *ubira*, tanto *umira* ou *imira*. De maneira que se podia escrever em tupi as duas labiais *b* e *p* com um *til*, *b̃* e *p̃*.

O número de consoantes era restrito. Por outro lado, o de vogais era grande, de maneira que cada uma das cinco vogais portuguesas e ainda uma a mais, pronunciadas da garganta, tendo o valor do *u* francês (e que se convencionou a designar pelo *y*) podem ter sete sons, que Montoya propôs distinguir por seis acentos diferentes:  $\sim \sim \sim \sim \sim \sim$ , além da própria letra sem acento, o que totaliza quarenta e duas vogais.<sup>198</sup>

O aumentativo se faz acrescentando ao nome as palavras *été*, verdadeiro, ou *assu*, grande. *Abaété*, um grande homem; *aba-assu*, um homem grande.

O diminutivo se forma pela simples adição de um *i* no final da palavra, como *oka*, casa, *oka-i*, casinha.

A abundância se designa pela repetição da palavra ou por adição de *tuba*, muito; de onde provém no Brasil tantos nomes em *tuba* ou em *tyba*, tais como *Uba-tuba*, região abundante em *ubás*, *Curi-tiba*, região abundante em pinhos (araucária) etc.

Todavia, para o plural em geral, contenta-se com as palavras *cetá*, *cetá-cetá*, muito, ou *cecy*, vários, ou *amo-amô*, alguns etc. Esta forma reduplicativa pela repetição das palavras, empregada também nos verbos, é muito usual no egípcio e em várias línguas norte-altaicas.

A letra *T*, transformada em *Ta* quando a palavra começa por uma consoante, precede alguns nomes, como uma espécie de artigo definido, que o gramático Figueira considera ser um pronome reflexivo relativo à mesma palavra que a segue, como, por exem-

---

198 MONTOYA, *Tesoro*, p. 2. (TC)

plo, em *Tupi*, aquele da primeira geração, *t'uba*, o pai, *t'uiupar*, a choupana, *ta-péjára*, o guia.<sup>199</sup>

Também de *ibi*, terra, obtém-se *t'ibi*, sua terra, a sepultura. A maneira a qual se emprega esses nomes, com o *t* prefixo, nos compostos, prova que eles não eram simples. Assim, *t'uba*, o pai, faz-se *chê-r-uba*, meu pai, *o-g-uba*, seu pai. De *t'eté*, o corpo, faz-se *chê-r-eté*, meu corpo, *c'eté*, *corpus ejus*<sup>200</sup>, *o-éte*, seu corpo. Devemos acrescentar que existiam palavras, como essas, que não se encontravam jamais sem a preformante aglutinada, correspondente ao artigo *o*, que tinha ligação com algumas línguas indígenas dos EUA. Se o nome tivesse começado por uma consoante, a composição natural seria como na palavra *tutira*, tio; *che-tutira*, meu tio; *y-tutira*, *patruus ejus*<sup>201</sup>; *o-tutira*, seu tio; ou também na palavra *cig*, mãe; *chê-ci*, minha mãe; *i-chi*, *mater ejus*<sup>202</sup>; *o-ci*, sua mãe.

Os adjetivos não têm forma particular para o gênero nem para o número. Tanto os adjetivos quanto os substantivos, precedidos dos pronomes, apresentam, como no árabe, uma frase completa, por exemplo: *chê-kié*, eu aqui, ou, eu estou aqui; *chê-catú*, eu bom, ou eu sou bom. Os substantivos não mudam no plural, contudo, em alguns notamos um plural adicionando no fim da palavra a letra *u*, por exemplo, *ambi*, mucos, que faz *ambi-ú*.

Na conjugação dos verbos, o pronome precedia o verbo. A primeira pessoa do singular era *a*, e se transformava algumas vezes em *ai*. A primeira pessoa tinha, como em uma língua *delaware*<sup>203</sup>, em certas malaias e no manchu, e sem dúvida em outros dialetos mongóis, um pronome pessoal exclusivo, *oro*, “nós sem vocês”, e outro exclusivo, *yá* ou *yai*, “nós com vocês”.

---

199 FIGUEIRA, Luiz. *Arte de grammatica da lingua do Brasil*, op. cit., p. 75. (TC)

200 Em latim no original. (TC)

201 Em latim no original. (TC)

202 Em latim no original. (TC)

203 Línguas *delaware* ou línguas *lenapes* são línguas indígenas faladas nos EUA. (TC)

Os pronomes pessoais são:

<i>Iché</i>	Eu
<i>Ndhé</i>	Tu
<i>Aé</i>	Ele
<i>Oro</i> (exclusivo)	Nós
<i>Yandé</i> (inclusivo)	Nós
<i>Peé</i>	Vós
<i>Ahoé</i>	Eles

Alguns desses pronomes têm dativos em *ébe*, *ébo* ou *éme* e *émo*. Os pessoais, na conjugação, são além deles *a* ou *ai*; *ere*, tu; *o*, ele; *oro* ou *oroi*, *ya* ou *yai*, nós; *pé*, vós. No subjuntivo e no infinitivo, o pronome *a* faz *ta* ou *tai*.

Os possessivos são *iché* ou *ché*, meu; *ndhe*, teu, ti; *ore* ou *yandé*, nossos, nós; *pé*, vossos, vosso; *y*, seu, seus.

A língua era aglutinante, mas, ao mesmo tempo, possuía, para os verbos, certas flexões auxiliares, análogas àquelas empregadas nas línguas latinas, e que seriam emprestadas de algum povo com a qual a antiga nação estivera em contato íntimo, da mesma maneira que tinha emprestado também palavras gregas, como o dissemos anteriormente.

Assim, os tempos, passado, futuro e futuro condicional, eram designados pelos sufixos *oéra*, *rama* e *aroéra*, correspondentes aos auxiliares portugueses *era*, *serão*, *seria*. Porém, o mais original e que proporcionava uma grande riqueza a essa língua, era que não somente estes sufixos empregavam-se em todas as formas verbais, e nos substantivos verbais derivados deles, mas também em todos os outros substantivos e nos participios e advérbios, que eram, de certa maneira, por assim dizer, conjugáveis.

Logo, de um nome comum, como *taba*, aldeia, pode-se obter *taba-oéra* (de onde vem *tapera*), aldeia que foi; *taba-rama*, aldeia que

será ou em projeto; *taba-róera*, aldeia que deveria se fazer. Veremos adiante exemplos das mesmas formas aplicadas aos substantivos verbais, aos adjetivos, aos advérbios e mesmo às posposições.<sup>204</sup>

Para os verbos se usam ainda outros três sufixos: *oáne*, já, se a ação é realizada; *aeréme*, então, se ela é imperfeita. Para designar o futuro, utiliza-se do sufixo *curí*.

Na realidade, as palavras somente tomam o caráter de verbos quando são precedidas de um pronome pessoal, e por isso os gramáticos indicam sempre os verbos pela primeira pessoa do singular e, por consequência, são precedidas de *a* ou *ai*, eu, ou (nos verbos reflexivos) de *ché*, eu. Nessa apreciação, nos conformaremos frequentemente com esse uso, que está no gênio da língua.

Os verbos, nos mesmos tempos, não mudam nada em relação ao número e à pessoa.

Há, entretanto, exceções para a terceira pessoa, por causa da eufonia, nos verbos iniciados por *ra*, *re*, *ro*, *ru*, que colocam entre o pronome pessoal *o* e o verbo a sílaba *gge*. Assim, por exemplo, os verbos *raço*, portar, *rékó*, ter, e *rúre*, vir, formam na terceira pessoa *oggeraço*, *oggeréko* e *oggerúre*.

Com o auxílio de certas posposições pode-se converter a forma ativa em passiva. Além da forma simples, todos os verbos podem ter a frequentativa, pela simples repetição da palavra. Uma e outra são suscetíveis da forma negativa acrescentando simplesmente o infinitivo *ÿ*, e *eyma* ao particípio presente, e fazendo, além disso, preceder o indicativo por *n* ou *nd* ou às vezes *nda*.

Algumas partículas também convertem verbos ativos em neutros ou em reflexivos e vice-versa.

Exemplo de uma forma frequentativa: *a-karú*, eu como, faz-se *a-karú-karú*, eu como muitas vezes; *a-myi*, eu me movo, que faz *a-mymyi*, eu me movo continuamente; *a-pó*, eu salto, *a-pópó*, eu saltito etc. Se o verbo termina em *i*, suprime-se essa

---

204 Esta riqueza de composição encontrava-se também em algumas outras línguas da América, sem parentesco com o tupi. (FAV)

letra na primeira vez, como vimos no exemplo de *a-myi*, que faz *a-mymyi*.

Obtém-se a forma passiva pela simples adição da palavra *pyra* (algumas vezes alterada pela eufonia em *mbyra* ou *nginbyra*) no fim da raiz do verbo. Assim, de *che-yamboé-ny*, eu lhe ensino, faz-se *yamboé-pyra*, eu sou ensinado.

Como exemplo da forma negativa, citaremos *é*, dizer; *eey*, não dizer; *ndaey*, eu não digo; *u*, comer; *uey*, não comer; *ndahy*, eu não como.

Os verbos neutros podem tornar-se ativos pelo simples meio de adicionar a partícula *mó* (algumas vezes transformada pela eufonia em *mong*, *monb*, *mbo*, e mesmo *ro* ou *no*). Esses verbos, tornados assim ativos, podem retornar à condição de neutro pela adição do recíproco *yé* ou *né*, por exemplo: *che-rú*, eu me alegro; *amboori*, alegrar; *añe-mboom*, eu me alegro.

A partícula *ukái* ou *ukar*, após os verbos ativos, transporta a ação e designa mandar fazer, ou ser a causa que se faça, por exemplo: *iuka-uká*, matar ou ser a causa da morte; *ayapó-uká*, eu o faço fazer; *a-y-apin-ukár*, eu cortei meu cabelo.

Os modos e os tempos dos verbos são indicados, com raras irregularidades, por partículas aglutinadas, e as pessoas apenas pelos pronomes pessoais prefixados: o da terceira pessoa sendo, portanto, omitido quando o nome do sujeito é designado.

O participio presente se forma adicionando *bae*, por exemplo: *o-iuká-bae*, aquele que mata; esta forma tem também seu pretérito *baéra*, futuro, *baerâma*, futuro condicional, *baeranguéra*.

O gerúndio é indicado pelo sufixo *bo* ou *abo*, por exemplo: *kuatiá*, pintar; *kuatiábo*, pintando; *porú*, comer a carne humana; *poruábo*, comendo a carne humana. Alguns verbos, no lugar da sílaba *bo*, levam *mo* e outros *ma*, *na*, *pa*, *ta* ou *uta*. O verbo *pag*, despertar, faz *gui-pacá*; *ñoño*, colocar, faz *y-ñonga* etc.

Pode-se dizer que há em tupi apenas duas conjugações. Uma para os verbos ativos, conjugados com os pronomes *a*, *érê*, *o*, *oro*

ou *ya*, *pê* e *ô*: eu, tu, ele, nós, vós, eles; outra para os verbos reflexivos, conjugados com os pronomes *ché*, *dê*, *y*, *yandê* ou *orê*, *pê* e *y*: me, te, se, nos, vos, lhes.

Os verbos irregulares são abundantes. Eis alguns exemplos:

### 1º Ê, dizer.

#### *Presente do indicativo*

<i>a-é</i>	eu digo
<i>ere-é</i>	tu dizes
<i>ê-y</i>	ele diz
<i>ia-é</i> ou <i>oro-é</i>	nós dizemos
<i>pe-yé</i>	vós dizeis
<i>o-yé</i>	eles dizem

#### *Particípios*

<i>yâbò</i>	dizendo
<i>guyabò</i>	eu dizendo
<i>eyâbò</i>	dizendo a ti
<i>oyâbò</i>	ele dizendo
<i>oroyâbò</i>	nós dizendo
<i>peyâbò</i>	dizendo a você
<i>oyâbò</i>	eles dizendo

#### *Substantivos verbais:*

1º *yâra*, aquele que diz, com três tempos: pretérito, *yarêra*; futuro, *yarâma*; futuro condicional, *yaranguêra*.

2º *yâba* ou *e-âba*, a maneira como se diz, ou de onde se diz; *cheyaba*, aquilo que eu digo, com seus três tempos *cheyaguêra*, *cheyaguâmá*, *cheyabânguêra*.



## 2º U, comer ou beber

### *Indicativo presente*

<i>a-u</i>	eu como/bebo
<i>ere-u</i>	tu comes
<i>o-u</i>	ele come
<i>oro-u</i>	nós comemos
<i>pe-u</i>	vós comeis
<i>o-u</i>	eles comem

### *Imperativo*

<i>e-u</i>	come
<i>to-u</i>	que ele coma
<i>pe-u</i>	comei
<i>to-u</i>	que eles comam

Particípio: *guabo*, comendo

### *Substantivos verbais:*

*Guará*, aquele que come, com seus tempos *guaréra*, *guárāmá*, *guârānguéra*; *guaba*, a maneira como se come ou o lugar de onde se come, igualmente com seus três tempos *guaguéra*, *guáguãmā*, *guábānguéra*.

## 3º Hó, ir.

### *Indicativo presente*

<i>a-hó</i>	eu vou
<i>ere-hó</i>	tu vais
<i>ô-hó</i>	ele vai

ôro-hô	nós vamos
pê-hô	vós ides
ó-hô	eles vão

*Imperativo*

equá ou téré-hô	vai
to-hô	que ele vá
pê-hô ou tapê-hô	ide
té-hô	que eles vão

Particípios: *hóbô*, indo; *gui-hóbô*, *ô-hóbô*, *e-hóbô*, *pê-hóbô*, eu, tu ou eles e vós indo.

Substantivo verbal: *ho-hará*, aquele que vai, com seus três tempos.

4º Yu, vir.

*Indicativo presente*

<i>a-yu</i>	eu venho
<i>ere-yu</i>	tu vens
<i>o-yu</i>	ele vem
<i>ya-yu</i> ou <i>oro-yu</i>	nós vimos
<i>pe-yu</i>	vós vindes
<i>o-yu</i>	eles vêm

*Imperativo*

<i>e-yô</i>	vem
<i>to-u</i>	que ele venha
<i>pe-yo</i>	vinde
<i>to-u</i>	que eles venham

Particípios: *yubô*, vindo; *guitubô*, *eyubô*, *oroyúbô* (ou *jayubô*), *peyubô*, eu, tu etc. vindo.

*Substantivos verbais:*

1º *tuhabá*, o tempo, a maneira etc., como viemos; seus três tempos, *tahaguera*, *tuhaguâma*, *touhabânguéra*.

2º *tuhará*, aquele que vem, com seus três outros tempos.

### 5º *Yub*, estar deitado

*Indicativo presente*

<i>a-yub</i>	eu estou deitado
<i>ere-yub</i>	tu estás deitado
<i>o-ub</i>	ele está deitado
<i>oro-yub</i>	nós estamos deitados
<i>pe-yub</i>	vós estais deitado
<i>o-ub</i>	eles estão deitados

### 6º *Yár*, pegar (receber, comprar)

<i>a-yá</i>	eu pego
<i>ere-yá</i>	tu pegas
<i>o-guá</i>	ele pega etc.
<i>ta</i> ou <i>tábo</i>	pegar

*Substantivos verbais:*

*Tahára*, aquele que pega com seus três outros tempos; *tahába* ou *tacába*, o lugar etc., com outros três tempos; *tembi*, aquilo que se pega. Dessa última palavra se faz *cherembi*, o que eu pego, *nderembi*, aquilo que tu pegas etc., e também *cherembihá*, aquilo que me pertence do butim etc. Se é alguma coisa para comer, diz-se

*tembi-ú*, que faz *cheremi-ú*, *dheremi-ú*, *cemi-ú*, *o-guemi-ú* etc.

As principais partículas que formam os verbos eram *çára*, correspondendo “àquele que exerce a ação”: “eur” em francês; *çaba*, quer dizer, a maneira cuja ação ocorrera na sua voz passiva. Assim, de *iuká*, matar, tem-se *iuká-çára*, o assassino, *iuká-çára*, a ocasião, o lugar ou o instrumento de morte, *iuká-pýra*, o morto; todos os três ainda com as formas *oèra*, *rama* e *aroèra*, para designar o passado, o futuro ou o futuro condicional.

Algumas partículas não têm nenhum valor senão quando adicionadas a outras: *pa*, *pangá*, *pi*, *piá*, *raé*, *mará*, *herá* e *abá*. Ainda que essa última palavra signifique também “homem”, emprega-se adverbialmente.

As cinco primeiras partículas que citamos, adicionam-se somente aos verbos, aos nomes ou aos pronomes. A quinta precede geralmente os pronomes *ché*, *ko*, *kobaé* e *áng*. A sexta (*raé*) emprega-se somente quando se trata de fatos passados.

As palavras *márá* e *abu*, ditas como interrogações, podem se traduzir por: o quê? O qual? Por exemplo: *márá-chêré koni-ne?* O que eu faria? *Abá-péoyapó?* Quem a fez? A palavra *hérá* serve para demandar e dar respostas, por exemplo: se a demanda *arakaé hérá?* Quando? Se não se sabe responder, diz-se: *arakaé hérá*. É uma maneira de se esquivar da resposta, como o fazem também alguns povos na Europa.

Com as quatro primeiras partículas compõem-se ainda quatro outras, fazendo-as preceder de *te*, que corresponde ao “portanto”, por exemplo: *abá-tepe-ohó?* Quem foi portanto?

Da partícula *pa*, com o pronome *ko* ou *kobaé*, fazem-se também *pako* e *pungúy*.

*Bára*, *bóro* (com seus tempos *boráma*, *boroèra* e *boramboèra*) *póra* e *póro* são quatro partículas que tem um grande papel na formação das palavras e que nos ocuparemos mais tarde.

## Partículas pospositivas.

O conhecimento das partículas e de seu uso é muito mais importante na língua da qual nos ocupamos do que todas as outras partes do discurso na língua latina ou alemã. Contrariamente às preposições nessas duas línguas, elas são declináveis em tupi. Acreditamos poder reduzi-las às seguintes:

1. *pe* (sempre breve, convertendo-se em *me* por eufonia), latim *in*, no ou com, por exemplo: *açôtappé*, eu vou à aldeia; *ibá-pe*, no céu; *hui-pe ayuká*, eu o matei com a flecha;
2. *bé*, até ou para, por exemplo: *iba-pe-bé*, até o céu; *chébe*, para mim; *orébe*, para nós;
3. *bo* (sempre breve), desinência do dativo (*iche-bo*, *indé-bo* etc.) e das partículas dos verbos em *a*, *e*, *o* (*iuká-bo* para matar), significa também estendido, por exemplo: *che-cog-bo*, a grandeza de minha plantação; responde também às vezes a “por” e a “de” e se transforma por eufonia em *mo*, por exemplo: *caa-bo*, pelas florestas; *oépe-mo*, de lado;
4. *çuí* corresponde ao latim *ex*, por exemplo: *tába-çui*, da aldeia;
5. *píri*, a ou com (latim: *ad*, *simul*, *cum*), por exemplo: *ayundé-píri*, eu venho a ti; *ipíri-ákárú*, eu como com você; *tupā topitá ndpíri*, Tupã continua com você;
6. *upé*, *pupé*, *pipé*, no relativo *çupé* ou *chupé*, por exemplo: *nde rubá-çupé*, a teu pai; *che-r-oca-pupé*, na minha casa;
7. *ri* ou *rehé* fazem seus relativos *hecé* (por ele), e raramente recíproco, *gueçé*. O uso deste advérbio é, com frequência, complicado por causa de suas transformações. Emprega-se, segundo Montoya, nas acepções das palavras latinas *propter*, *adversus*, *per*, *cum*, *simul*, *pro*, *in*, *contra*,

*ob, ab* e outras<sup>205</sup>;

8. *rupi* (*çupi* no dativo, *gupi* no acusativo) quer dizer como, com ou por, por exemplo: *akan reco-rupi aicô*, eu vejo como a cabeça ordena; *tahá nde-rupi*, eu irei com você; *pe-rupi*, pelo caminho; *taba rupi*, pela aldeia; *parana rupi*, pelo mar; *gupi oguerahá guaira*, ele levará consigo seu filho;
9. *koty*, avesso (*versus*<sup>206</sup>); *tabakoty*, em direção à aldeia; *amongoty*, para aquele lado;
10. *ahocê*, *çoçê* ou *açoçê*, sobre (*supra*<sup>207</sup>), por exemplo: *cheaçoçe*, sobre mim;
11. *mo*, no lugar de, o quanto antes, ou durante que: *tuba-mo*, no lugar do pai;
12. *râmo*, como: *che-hórámó*, logo que eu fosse; pela eufonia, faz também *nâmo*: *cheirú-nâmó arekô*, eu o tenho como amigo;
13. *ramboé*, após: *che-mánó-ramboé*, após a minha morte;
14. *po* (ou *mbó*), dentro: *camuchi-pó*, no vaso; *parãñã-mbó*, no mar. Diz-se substantivamente: o conteúdo no etc.;
15. *y*, o (latim *in*): *pita*, o calcanhar; *pitaí*, no calcanhar;

Há ainda outras partículas tais como *temo*, *meimo* e *mei*, que se emprega também nas exclamações, por exemplo: *a-çô-temo-mã!* *a-çô-meimo-mã!* ou *a-çô-mei-mã!*<sup>208</sup>

Certas letras ou certas sílabas acrescentadas no fim de algumas palavras servem também para modificar sua significação. Elas são indicadas por Ruiz de Montoya, em seu *Tesoro*, porém, para procurá-las, não é muito fácil adivinhar onde elas se encontram. Eis alguns exemplos:

205 Em latim no original: *por causa de, contra, através de, com, ao mesmo tempo, a favor de, em, contra, por, de*. MONTOYA. *Tesoro*, pp. 340-341. (TC)

206 Em latim no original. (TC)

207 Em latim no original. (TC)

208 A tradução destas três fases é: "Oh! Se eu fosse agora". (FAV)

Um *y*, no final do verbo, significa insistência, perseverança; *é* ou *ey*, no fim, designa que se agiu espontaneamente, sem coação; *ra*, *re*, *ro*, *ru*, são partículas que se acrescenta aos verbos neutros do artigo *a*, atribuindo-lhe a forma ativa; *ka* (*kui*, para a mulher), no fim do verbo, empregada por aquele que fala, anuncia a determinação, por exemplo: *tahacá* ou *tahacui*, eu já vou. Na primeira pessoa do plural, diz-se: *pa*; por exemplo: *chaha-pá*, nós já vamos. *Cé*, no final, designa desejo, boa disposição; por exemplo: *acaru-çé*, eu estou disposto a comer; *cheho-çé*, eu desejo ir; *mã*, no fim, designa desejos ou aspirações, por exemplo: *che-cig-mã*, ah! minha mãe! Acrescentando *ã* no final da frase, lhe dá mais energia, por exemplo: *aço-ã*, eu vou embora (decididamente).

### Composição das palavras e, sobretudo, das palavras verbais

Contentar-nos-emos de citar a palavra *ñēmboé*, aprender, que é composta de três outros nomes, *ñé*, *mo* e *e*. Diremos com Ruiz de Montoya que em muitas palavras começadas por *mó*, *mbó*, *ñá*, *ñě*, *yé*, *ñy*, *yi*, *no*, *nò*, *ro*, *ñú*, *yú*, essa sílabas não pertencem às palavras radicais.<sup>209</sup>

Mas o que é fácil de notar nesta língua é o grande número de palavras verbais que ela contém. Tendo um verbo, obtém-se por meio dele um grande número de substantivos derivados, pela simples adição de certas partículas pospositivas e com formas para indicar, como já dissemos, se a ação se reporta ao presente, ao passado, ao futuro, ou ao futuro condicional.

As principais destas partículas são:

1. *ába* ou *haba*, que geralmente é precedida de um *b* ou de um *ç*, serve para indicar o lugar, o tempo, a maneira ou o instrumento com o qual o agente exerce. Assim, de *karú*, comer, faz-se *karu-haba*, todos os instrumentos que servem para comer ou para a mesa; de *iuká*, matar, faz-se *iuká-çaba*, o instrumento, o lugar onde se mata etc. Se a

---

209 MONTTOYA. *Tesoro*, p. 1. (TC)

ação se reporta ao passado, dir-se-ia no lugar de *hába* ou *çába*, *haguêra* ou *çaguêra*, por exemplo: *chemundá-haguêra*, aquilo que roubei. O futuro faria *haquúamá* e o futuro condicional *habanguêra*;

2. *ára* ou *hára*, que, por eufonia, de acordo com as palavras que se adicione, se transforma em *çára*, *dára*, *bára*, *tára*, *çoára* ou *ndoára*, serve para indicar o agente que exerce a ação, e corresponde à desinência francesa *eur*<sup>210</sup>, por exemplo: *iuká çára*, o assassino; *maepo-hára*, o trabalhador; *ahaihu-pára*, o amador; *amota-reym-bára*, o inimigo etc. Se a ação se reporta ao passado, dir-se-ia *iuká-çaroêra*. O futuro faria *çarama*, e o futuro condicional *çaramboêra*. Em algumas palavras o composto fazia-se também em *ána* em lugar de *ára*, por exemplo: *pycyron-çára* ou *pycyron-ána*, o protetor (padrinho);
3. se a ação torna-se um hábito ou um ofício, no lugar de *hára*, *bára* etc., ou de seus compostos nos diferentes tempos, utiliza-se as partículas *bára*, *boroêra*, *boráma*, *boramboêra* para certas palavras; algumas guardam a primeira desinência, e outras se fazem preceder sílaba *póro*, por exemplo: *póro-iuká-çára*, o carrasco, o homicida; em outros, enfim, a desinência *bora* transforma-se em *porá*, por exemplo: *ibakê-póra*, os habitantes do céu. A mesma partícula *poro*, que mencionamos acima, se coloca antes de certos verbos para formar outros;
4. *guára* (pretérito *guarêra*, futuro *guaráma*, condicional *guararêra*) no final das palavras, serve igualmente para indicar hábitos de residência, e designa também a propriedade, a natureza, e mesmo a utilidade da palavra que precede, exemplos: 1. *Poty-i-uára*, os habitantes de Poty (rio); *taba-jára*, os habitantes das aldeias; *ché-rope-guára*, os de minha casa; *paraná-i-guára*, os habitantes do rio; 2. *ché-réhê-guára*, aquilo que me pertence; *ará-réhê-guára*,

---

210 Por outro lado, *iára* quer dizer senhor, mestre, e faz *che-iára*, meu mestre, *çiara*, *dominus ejus* [em latim no original], *oiara*, seu mestre. (FAV)



aquilo que pertence à jornada ou ao dia; 3. *abá-ibi-re-chê-guára*, homem da terra; *ogibirapó-réhê-guára*, casa de madeira; 4. *ichupê-guára-catúchê*, eu sou para ele aproveitável; *chêye-úpeguára-aikuaá catú*, eu reconheço aqueles que me fazem bem. Somente o estudo e a prática da língua tupi podem determinar quando será necessário empregar as desinências *borá*, *porá* e *guará*;

5. *Mõ* (*amó*) convertido de substantivo em verbos, ou de verbos em outros verbos, algumas vezes pela mudança eufônica da primeira letra. Assim, de *cué* e *curé*, movimento (do corpo), obtém-se *a-mônguê* e *a-môngurê*, eu movimento (o corpo); de *a-karú*, eu como, obtém-se *a-mongarú*, eu faço comer; e de *a-cáu*, eu bebo vinho, *a-mongáu*, eu faço beber vinho; de *çorog*, ruptura, *a-mondorog*, eu rompo; de *a-çuú*, eu mordo, *a-monduú*, eu mastigo; de *a-puká*, eu rio, *a-mombuká*, eu faço rir; de *a-pag*, eu acordei, *a-amonbag*, eu acordo (alguém); de *kirá*, gordura, *a-monggirá*, eu engordo; de *tigui*, gota, *a-mondigui*, eu faço cair gotas;
6. *pyra* (pretérito *pyréra*, futuro *pyráma*, condicional *pyramboèra*), característica da forma passiva, por exemplo: *i-iuká-pyra*, o morto; *i-iuká-pyráma*, aquele que será morto; *i-iuká-pyrambuéra*, aquele que deveria ser morto.

Quanto aos advérbios de lugar, faz-se necessário advertir que na resposta a uma questão indicada pelo advérbio *mâmôpê*, trata-se de um lugar, ao qual se deve sempre acrescentar *pe*. Dessa maneira, quando se demanda *mâmô-pê ereçô?* onde tu vais? Seria preciso responder, por exemplo, *ta-pe* ou *ko-pe* etc., quer dizer, à aldeia, à plantação etc. Porém, se o nome termina por uma sílaba nasal, no lugar de *pe*, diremos *me*, por exemplo: *paraná*, *paraná-me*, no rio. Há, contudo, algumas exceções nas quais, no lugar de *pe* ou de *me*, coloca-se somente um *i*, mas apenas o uso poderá ensiná-los. Quando se trata de uma pessoa, no lugar de *pe*, far-se-á o uso da preposição *pyri*.

À questão *mamôçuipe?* adiciona-se a palavra da resposta a preposição *çui*, por exemplo: *oka-çuy*, da casa. À *marangotipe?* se responde acrescentando a palavra às sílabas *kotig*. Pela mesma razão à demanda *mâmórupipé?* se responde adicionando as sílabas *rupi*, por exemplo: *oka-rupi*, da casa.

É preciso adicionar que as mulheres têm formas de falar às vezes bem diferentes à dos homens, mesmo nos advérbios e interjeições. A mesma ação executada por uma mulher tem, frequentemente, para designá-la um verbo diferente do que os homens empregam. Assim, para dizer cantar, o homem se serve de um verbo e a mulher de outro muito diferente. O homem dizia *a-porah-eí*, enquanto a mulher *a-ñeengaraí*. Essa diferença era notável nas interjeições. Diremos também, terminando, que os alfabetos europeus aplicados à língua tupi são insuficientes para representar toda a variedade de seus sons, apesar dos acentos adotados pelo lexicógrafo Montoya. Talvez, no futuro, chegaremos a inventar algum sistema fonético especial, ou ligar ao árabe ou ao devanágari, para fixar mais corretamente os sons articulados pela própria boca dos tupis.<sup>211</sup>

---

211 “Jam lingua sibilando, jam naribus rhonchisando, jam dentibus stridendo, jam guthure strepitando”. DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de Abiponibus, equestri bellicosaque Paraquariae natione*. II. Viennae: J. nob. de Kurzbek, 1784, p. 163. (FAV-TC) Na seção IX da primeira edição de sua História geral, Varnhagen havia traduzido esta passagem do seguinte modo: “outras tão curtas e subidas; outras tão estendidas e multiplicadas que não percebem os ouvidos mais que a confusão”. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *HGB*, T. I. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854, p. 109. (TC)



## Capítulo VIII

Origem dos americanos tupis e dos egípcios. Outros povos turanianos. Explicações dos elementos semíticos encontrados na língua egípcia e dos elementos egípcios nas línguas semíticas. Casos análogos.

Muito se escreveu sobre a gênese dos cários, bem como sobre a dos egípcios, quase sempre atribuindo aos dois povos uma origem idêntica. Tentou-se fazê-los ora semitas, ora cuxitas, e até mesmo americanos.

Pensamos que sua origem era, indubitavelmente, a mesma, mas que ela não era nem oriental, nem ocidental, e que pertenciam, um e outro, a um desses numerosos povos nômades da Ásia, que os modernos, generalizando, quiseram chamar de turan e que os antigos conheceram sob os nomes de citas, sármatas, e cimérios, de acordo com o lugar que habitavam.

Tais povos, segundo as tradições que Heródoto, Estrabão, Justino e Orósio encarregaram-se de nos transmitir, não se detiveram nem um pouco nas invasões contínuas dos países do sul, que a partir delas organizaram grandes nações mais ou menos militarizadas. Eram nômades e mudavam de lugar a tal ponto que os vemos ainda hoje nas bordas do Lena os iacutos que, para Strahlenberg<sup>212</sup>, habitavam outrora sobre as vertentes do Tibet, se bem

---

212 STRAHLENBERG, Philipp Johann von. *Description historique de l'empire russe*. Amsterdam et Paris: Desaint et Saillant, 1757, II, p. 165. (TC)

que estando na região das renas, eles conservaram ainda o uso do cavalo.

Mesmo após o estabelecimento da grande nação assíria e da dos medos, os bárbaros cimerianos, saídos do oeste do mar Cáspio, sob as ordens de seu chefe Maydes, lançaram-se sobre as margens do Eufrates, saqueando e incendiando cidades da Caldéia e da Mesopotâmia. Passaram na Síria, em Damas, e chegaram até as fronteiras do Egito, onde Psamético I negociou com eles para escapar de suas depredações. É mesmo possível que, entre as concessões feitas a essa raça, deva-se contar aquelas acordadas aos estrangeiros, para a fundação de cidades e do porto privilegiado de Náucratis, fundação que foi, sobretudo, a favor do cários e dos jônios.

Aproximadamente dezenove séculos mais tarde, em 1244 de nossa era, os corasmianos, habitantes da Corásmia, expulsos da Ásia pelas conquistas de Gengis Khan, vieram da Síria e por convite do sultão do Egito, atacaram os francos e seus aliados sob os muros de Gaza. Duas dessas grandes imigrações, ocorridas igualmente na era cristã, deram origem na Europa às duas notáveis nacionalidades turca e húngara.

Um exemplo mais recente dessas emigrações em massa destes povos, em direção a um lugar distante, apresentou-se, segundo Hommaire de Hell<sup>213</sup>, ainda durante o último século, sob o reino de Catarina, das margens do Don em direção às extremidades orientais da Mongólia.

Esses povos eram geralmente, como ainda hoje, indolentes e pouco amigos do trabalho, vivendo em regiões pouco férteis, que mal cultivavam, sempre que sofriam com escassez ou fome, mudavam de região. Aqueles da Ásia setentrional, tendo ao norte o mar glacial, ao sul as cadeias de montanhas e depois delas os desertos da Mongólia, lançavam-se para o sudoeste, por uma espécie de funil que a natureza criou no sul das cadeias dos Urais, das duas

---

213 HELL, Hommaire de. *Travels in the Steppes of the Caspian sea, the Crimea, the Caucasus*. London: Chapman and Piall, 1847, pp. 227-235. (FAV-TC)

costas do Aral, sobre as margens do mar Cáspio, de onde eles passavam no ocidente da Ásia e mesmo na Europa.

Em geral, pertenciam à raça chamada mongol, mas pelos cruzamentos sucessivos, vê-se hoje também tipos completamente caucasianos. No entanto, o maior número se classifica em duas raças, uma russa, e a outra, mais ao sul, morena. É a esta última, com cabelos negros e lisos, em parte raspados, de alta estatura, com grandes orelhas, ombros largos, pernas magras, braços nervosos e longas mãos, que pertencem os povos sobre os quais falamos: os tupis e os antigos egípcios. As pistas a favor do fato de que esses dois povos eram turanianos nos são fornecidos pela filologia comparada, consultando-a com a circunspeção necessária e com a prevenção que sua separação da nação-mãe ocorreu há alguns milhares de anos e que os descendentes das duas colônias desmembradas da mesma nação sofreram após muitas transformações com o contato com outros povos. Essa nação-mãe nos parece corresponder àquela, hoje norte-altaica, que se pode nomear mongol-ostíaca, também recentemente dispersada em hordas com dialetos diversos, nos quais não é difícil de se encontrar aqui e ali, muitas palavras egípcias e tupis, com as mudanças naturais depois de tantos séculos, durante os quais a língua também, por sua vez, sofreu com as invasões de vários outros povos vizinhos.

No século XVIII, Strahlenberg disse que uma destas línguas, a dos kaskis, “era pouco reconhecida por causa da quantidade de palavras estrangeiras que se misturaram a ela, por efeito da comunicação que esse povo teve com seus vizinhos”.<sup>214</sup> As palavras antigas são encontradas apenas esparsamente em vários dos dialetos dispersos da mesma língua: é preciso tentar encontrá-las.

Vamos nos ocupar, em primeiro lugar, dos egípcios. Procuraremos em sua língua, ou antes no copta, que a representa, palavras da vida primitiva representando ideias positivas e que não possam se confundir ou sofrer a concorrência com algum sinônimo, por

---

<sup>214</sup> STRAHLENBERG, Philipp Johann von. *Das nord- und ostliche Theil von Europa und Asia*. Stockholm: in Verlegung des Autoris, 1730, p. 36; STRAHLENBERG, Philipp Johann von. *Description historique de l'empire russe*, II, p. 167. (FAV)

exemplo: *sol, lua, céu, estrela, água, rio, pai, ovo, língua, campo, pedra, negro* e os números fundamentais.

Sabemos que os egípcios nomeavam o sol *rha* e a lua, *yoh*, nomes que passaram para sua mitologia. Ora, nos dialetos assan e kotowzkiano ou kaskiano, citados no *Mithridates*<sup>215</sup>, o sol é nomeado *era* ou *yeram* o que não difere muito de *rha*. Nesses mesmos dialetos a lua é nomeada *shui*. Estrela, dito em egípcio é *seb* ou *siu*, em copta **ϢϢϣ**, se em ienissei-ostiaco *xoax*; e céu, em copta, **πϷ**, **πη**, **ϕϷ**, se diz nesse último dialeto o mesmo que em kottico-siberiano *és*.

A água, em copta, **μϣϣ**, **μωϣϣ**, **μϣϣϣ**, **ϣϣϣ**, etc., se diz ainda *mu*, em nove dialetos tungúsicos citados no vocabulário petropolitano (n. 138 a 146)<sup>216</sup> e em uma obra de Klaproth.<sup>217</sup> Em outros dialetos siberianos, ela é designada por monossílabos análogos *bu, be, bi, u, uth* etc.

Rio em copta **ⲓⲁⲣϣ**, em vários dialetos siberianos *iára*.

Sabemos que **ⲁⲃⲃⲁϢ**, em copta, significa pai. Também nos dialetos kamash e koibal<sup>218</sup>, encontramos as palavras *abá* e *abba*, com a mesma significação no dicionário petropolitano (n. 132 e 133)<sup>219</sup>. A última palavra se encontra também em um dos dialetos tungúsicos. No mesmo dicionário encontramos (n. 134 e 151)<sup>220</sup> ainda *abbe, iaba* e *obi*. No assan e kaskiano *opb*; no ostiaco *obo*, e finalmente no koibal, kotowan e assan *op*.

Vimos que em egípcio **Ⲙⲓⲓ**, significava “um campo”. Ora, *u* tem também precisamente a mesma significação em ienissei-ostiaco. Também vimos que em egípcio **ϣϣ** ou **ϣϣ**, desig-

215 ADELUNG, Johann Christoph. *Mithridates oder Allgemeine Sprachenkunde*, I, pp. 560-561. (FAV-TC)

216 PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*. Petropoli: Iohannis Caroli Schnoor, 1789, II, pp. 8-9. (TC)


217 KLAPROTH, Julius von. *Verzeichniss der Chinesischen und Mandshuischen Bücher und Handschriften der Königlichen Bibliothek zu Berlin*, op. cit., p. 74. (TC)

218 Citado em ADELUNG, Johann Christoph. *Mithridates*, I, p. 558. (FAV)

219 PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*, II, op. cit., pp. 4-10. (TC)

220 *Idem*, pp. 10-13, pp. 63-66. (TC)

nava “pedra”. A palavra ienissei-ostíaco é quase a mesma: *tyès*; em outros dialetos siberianos *tas*, como em turco.

Para o ovo, em egípcio *suh-t* , em copta **ϢϠϠϠϠ**, encontramos no kottico siberiano *sulei*, e nos dialetos assan e kaskiano (149 e 150)<sup>221</sup> *schulei*.

“Língua”: em copta, **Ϡ Ϡ Ϣ**, **Ϡ Ϣ Ϡ Ϡ**, **Ϡ Ϣ Ϡ Ϡ** etc. Em ienissei-ostíaco *alap*; em koibal *islip*; em outros dialetos siberianos *alupb*.

“Negro”: em egípcio *kém*, em copta **Ϣ Ϡ Ϡ Ϡ**; nos dialetos ienissei-ostíaco e kottico, *kon*, *koni*, *hon*. *Kem* era também o nome do rio Ienissei antes de ter recebido as águas da Tunguska.<sup>222</sup>

Corresponde ao número “um” em copta **Ϡ Ϡ Ϡ Ϡ** (*uān* em egípcio), em kaski *opp*. Para “dois”, em copta **Ϣ Ϡ Ϡ Ϡ**, encontramos em ienissei-ostíaco *ynām*, em kaski *tizda*. Para “três”, em copta **Ϡ Ϡ Ϡ Ϡ**, **Ϡ Ϡ Ϡ Ϡ** etc., em tungúsico *ssuum*; e para “quatro” **Ϣ Ϡ Ϡ Ϡ Ϡ**, **Ϣ Ϡ Ϡ Ϡ Ϡ**, temos em kaski *thoeta*, e em outro dialeto (chuvache) *twata* etc.

Além de “quatro” os nomes dos números diferem. Mas se lembrarmos que Anchieta diz que a numeração fundamental dos tupis não ultrapassava o mesmo número quatro (que Léry eleva apenas até cinco)<sup>223</sup>, seria impressionante que os precursores dos tupis, assim como dos egípcios primitivos, fossem em aritmética mais fortes do que outros da mesma família, que vieram depois deles.

Não possuindo vocabulários muito completos destes dialetos norte-altaicos, nos é impossível de oferecer outras analogias. Porém, cremos que as mencionadas acima são suficientes para nos prover de argumentos decisivos que demonstrem a origem do antigo egípcio, e, em consequência, o pouco de fundamento com o qual os egípcios, descendentes eles mesmos dos citas pretendiam,

221 Provável referência a PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*. II. *op. cit.*, pp. 57-63. (TC)

222 DONNER, Otto O. *Vergleichendes Wörterbuch der finnisch-ugrischen Sprachen*, I, p. 93. (TC)

223 Ver LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1578), *op. cit.*, Cap. XX, p. 481. (TC)



segundo Pompeu Trogo ser mais antigos que esses últimos.<sup>224</sup>

Devemos, contudo, acrescentar que as palavras primitivas e radicais nestas línguas são monossilábicas, que abundam em onomatopeias e que reduplicações são empregadas nos mesmos casos que no egípcio e no tupi.

A comparação das gramáticas para um filólogo experiente poderia justificar melhor nossas idéias. Mas a tarefa não seria fácil, após alguns milhares de anos e quando uma das línguas (o egípcio) está morta há séculos.

Acreditando assim resolvido o enigma da origem dos antigos egípcios, devemos acrescentar que não é preciso nos surpreender que eles tenham vindo de tão longe para o Mediterrâneo. Devemos nos lembrar a grande facilidade de locomoção destes povos nômades, pela mesma razão não é preciso, forçosamente, acreditar que antes de chegar às margens do Nilo (talvez em quatro hordas para respeitar o texto da Bíblia, quanto ao Mesraim<sup>225</sup>), eles tiveram que fazer o trajeto justamente depois dos afluentes do alto Ienissei, no qual, no último século e ainda no tempo de Castrén<sup>226</sup>, viviam povos com palavras parecidas com sua língua. Em consequência de sua tendência nômade, esses povos poderiam, como dissemos, residir quarenta séculos antes, mais ao sul ou mais ao norte, do lado do Lena ou de Arcangel, ou ainda bem mais ao oeste.

Se estudarmos a língua tupi dando atenção às palavras da vida, por assim dizer, primitiva, e que não mudaram pela adoção das ideias religiosas ou indústrias de outros povos mais civilizados, os tupis também se denunciam como da mesma raça.

É justamente entre os mongóis-ostiacos que encontramos, ainda ultimamente, povos cujas línguas possuíam uma série de vo-

---

224 POMPÉE, Trogue. *Histoire universelle de Justin*. T. I, L. II. Paris: C. L. F. Pancoucke, 1833. (TC)

225 *Gênesis*, 10. (TC)

226 Os trabalhos mais importantes do filólogo e linguista finlandês Mathias Alexander Castrén, nascido em 1813, começam a ser publicadas no final dos anos 1830. Falecido em 1852, deixa um conjunto de obras póstumas. (TC)

cábulos análogos a outros do tupi. Além daquelas, já citadas na reaproximação com palavras egípcias, para designar água, campo, pai, ovo, achamos ainda *kura*, canoa, em tupi *igára*; *birá*, rio, em tupi, *pará*; *aká*<sup>227</sup>, *yeka*<sup>228</sup> ou *takai*, cabeça, em tupi *akan* (egípcio *ānān*); *guma*, negro, sombrio, em tupi *una*; *tsanga*<sup>229</sup>, branco, em tupi *tinga*; *sui* (ienissei-ostiaco), amarelo, em tupi *jub*; *go*, fruta, em tupi *yá*, entre outras.

Recolhendo estes raros vestígios de similitude de palavras encontradas ainda esparsas nos dialetos da nação que acreditamos mãe, estamos de acordo com um autor contemporâneo pouco inclinado a admitir a existência de relações entre os dois continentes. Após ter dito que a estrutura da linguagem é de grande importância para estabelecer o parentesco das raças, ele concorda que, por migrações e invasões, as línguas podem chegar “a se confundir nos dialetos de clãs vizinhos”.<sup>230</sup>

Se a nação mãe desses dois povos, egípcio e tupi, à época da emigração de um e mais tarde de outro, rumo ao Mediterrâneo, vivesse então, como hoje, em um dos afluentes do Ienessei, não seria difícil explicar o trajeto dos emigrantes, descendo o mesmo Ienessei, subindo depois o Obi e o Tobol, passando em seguida pelas vertentes mais ocidentais desse rio às mais orientais do Volga, e desse último, por um curto trajeto ao Don, que os teria conduzido ao Ponto Euxino e ao Mediterrâneo.

A circunstância que os cários e mais tarde os tupis dedicaram-se completamente à navegação nos faz acreditar que eram um povo já habituado à água. Sem dúvida, era originário de um

---

227 PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*. I, pp. 355-358. (TC)

228 *Idem*, pp. 352-354. (TC)

229 *Tsanga-youss* quer dizer rio branco. (FAV) Varnhagen remete esta nota, apenas pela menção do nome do autor, à obra de Gmelin. Contudo, não localizei a expressão – youss – nem na edição em alemão mencionada anteriormente, nem na tradução francesa, abreviada em dois volumes. GMELIN, Johann Georg. *Reise durch Sibirien von dem Jahr 1733 bis 1743*. 4v, op. cit., 1751-1752; GMELIN, Johann Georg. *Voyage en Sibérie*. 2 vol. Paris: Desaint, 1767. (TC)

230 BANCROFT, Hubert Howe. *The native races of the Pacific States of North America*. Volume I. *Wild tribes*. New York: D. Appleton and Company, 1875, p. 15. (FAV-TC)

ramo análogo ao dos mongóis d'água ou su-mongóis de nosso tempo, chamados pelos chineses *shui-tártaros* (tártaros d'água), que se identificam com os antigos *ábios*<sup>231</sup>, palavra tomada de outra semelhante ao antigo persa, significando habitantes da água<sup>232</sup>; nomeados também *picti*, porque eram tatuados, como ainda o são em nossos dias os tungúsicos. Ptolomeu coloca esses mesmos *picti* próximo ao paralelo 60º, onde habitam hoje os povos cujas palavras citamos.<sup>233</sup>

Refletindo acerca da facilidade com que os tupis improvisavam suas canoas ou jangadas, às vezes mesmo com cascas de árvores ou de plantas aquáticas semelhantes ao papiro, que se encontra em lugares pantanosos, com aquela também com que levavam consigo por terra, em certos istmos, até as águas navegáveis das vertentes opostas, esses meios de comunicação. Tal facilidade teria sido, indubitavelmente, transmitida pelos seus pais, e concebemos que a chegada desses emigrantes ao Mediterrâneo ocorreu de maneira a mais cômoda para eles por esta via. Quando muito, do mar Cáspio, eles teriam tomado o caminho pela Geórgia, deixando Ararat ao sul e contornando em seguida pelas encostas meridionais do Tauro até o Mediterrâneo.

Em todo caso, em relação aos egípcios, nós temos mesmo uma forte razão para não acreditar que tivessem chegado ao Egito pelo istmo de Suez, mas pelo Mediterrâneo, pois no começo não tinham cavalos, mas somente jumentos que já deviam possuir os autóctones, sem dúvida povos etíopes.

Quanto aos cários, inclinamo-nos a acreditar que chegaram por terra do Cáspio ao Mediterrâneo e isto por causa das formas arianas, que não encontramos na língua tupi, e que teriam adotado durante este trajeto efetuado aos poucos.

Devemos acrescentar aqui que parece não ser um privilégio exclusivo dos tupis e dos tártaros d'água, o da facilidade para levar

---

231 Há uma menção aos ábios na *Ilíada*. Ver HOMERO. XIII, 6. (TC)

232 No antigo persa *api* significa água. (FAV)

233 Provavelmente o autor refira-se a: PTOLEMAEI, L. VI e L.VII. (TC)

suas canoas por terra. O uso devia ser familiar a todos os antigos navegadores do Mediterrâneo, posto que Apolônio de Rodes<sup>234</sup> diz que mesmo os Argonautas portavam sob seus ombros, durante doze dias e doze noites, através as areias da Líbia, nada menos que o navio Argos, que, seja dito de passagem, mesmo este trivial fato, somente poderia ser uma simples galera ou uma grande piroga de guerra dos tupis. Não devemos nos impressionar pelo fato de os antigos em barcos tão frágeis fizessem grandes viagens marítimas. Os Tupis mais tarde nos mostraram na prática como isso poderia ser feito. Os barcos eram pouco carregados e os remadores, muito sóbrios, reduziam o máximo possível suas provisões e alimentavam-se da pesca. Se um dos barcos virasse, mesmo em alto mar, toda a tripulação nadava e logo o barco era endireitado e colocado à tona novamente.

Os dois povos, imigrando para os países onde conseguiram se estabelecer, alguns séculos depois do outro, teriam modificado seus antigos hábitos. Os egípcios, submetidos a seus sacerdotes, tornaram-se um povo religioso, calmo, agrícola, industrial e submisso aos princípios da moral e da justiça, e tiveram sucesso em formar uma nação que subsistiu milhares de anos, e que conseguiram deixar uma brilhante lembrança dela até hoje. Os cários tornaram-se navegadores e grandes piratas que cresceram por conquistas que não souberam conservar e, após nada terem criado, terminaram por desaparecer no Mediterrâneo.

Quanto à audácia necessária para se estabelecer tão longe, no Egito e no mar Egeu, não teríamos a menor dificuldade em considerá-la muito natural, depois de termos assistido, há três anos (em 1872), à feira de Nijni Novgorod, e ter sido testemunha da facilidade com a qual os siberianos de nossos dias chegam a cada ano sobre as margens do Volga, atravessando toda a Ásia, depois a China, para aportar o chá denominado de caravana.<sup>235</sup> Mas é, so-

---

234 APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*. T. III, Chant IV, 1380-1390. Paris: Les Belles Lettres, 1981. (TC)

235 Além da feira de Nijni Novgorod, nesta mesma viagem, Varnhagen participa também do Congresso de Estatística realizado em São Petersburgo, no qual estabeleceu muitos contatos, sendo eleito um dos vice-presidentes da “Comissão Permanente”.

bretudo, estudando os hábitos e os costumes de todos estes povos siberianos, nas obras dos escritores e viajantes que deles trataram, que se chega à convicção de que os tupis e os antigos egípcios foram seus descendentes. Lendo, portanto, as obras de Strahlenberg<sup>236</sup>, Müller<sup>237</sup>, Gmelin<sup>238</sup>, Fischer<sup>239</sup>, De Guignes<sup>240</sup>, Pallas<sup>241</sup>, Tooke<sup>242</sup>, Coxe<sup>243</sup>, Cochrane<sup>244</sup>, Bell<sup>245</sup>, Sauer<sup>246</sup>, Loskiel<sup>247</sup>, Kras-

---

Ver: “Correspondência acerca do Congresso de Estatística reunido em São Petersburgo em 1872 – Publicado no Diário Oficial do Império a 5/X/1872”, in VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência ativa*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, pp. 372-380. CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX. O caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 54. (TC)

236 STRAHLENBERG, Philipp Johann von. *Das nord-und ostliche Theil von Europa und Asia*, op. cit., e *Description historique de l'empire russe*, op.cit. (TC)

237 Provável referência às obras do linguista alemão e estudioso das religiões orientais, Friedrich Max Müller (1823-1900), que sustentou teorias sobre as línguas turanianas. (TC)

238 GMELIN, Johann Georg. *Reise durch Sibirien von dem Jahr 1733 bis 1743*, op. cit. (TC)

239 Referência não localizada. (TC)

240 Possível referência ao orientalista francês Joseph de Guignes (1721-1800), autor de: *Histoire générale des Huns, des Turcs, des Mogols et des autres Tartares occidentaux*. 5 vol. Paris: Desaint et Saillant, 1756-1758. (TC)

241 PALLAS, Peter Simon. *Linguarum totius orbis Vocabularia comparativa*, op. cit. (TC)

242 Provável referência ao religioso e historiador britânico William Tooke (1744-1820), autor de: *View of the Russian empire during the reign of Catharine the Second, and to the close of the eighteenth century*. London: Longman and O. Rees, 1800. (TC)

243 COXE, William. *Les nouvelles découvertes de russes, entre l'Asie et l'Amérique*, op. cit. (TC)

244 Provável referência ao Almirante inglês Thomas Cochrane (1775-1860), contratado pelo Império brasileiro entre 1823 e 1825 e autor de uma obra acerca de sua experiência no Chile, Peru e Brasil. COCHRANE, Thomas John. *Narrative of services in the liberation of Chili, Peru, and Brazil, from Spanish and Portuguese domination*. London: Ridgway, 1859. Não descarto, contudo, que possa se tratar de uma referência ao capitão escocês da Marinha Real, John Dundas Cochrane (1793-1825), autor de *Narrative of a pedestrian journey through Russia and Siberian Tartary*. London: J. Murray, 1824. (TC)

245 Provável referência ao médico e explorador escocês John Bell (1691-1780), autor de: *Travels from St. Petersburg in Russia, to various parts of Asia*, op. cit. (TC)

246 Provável referência ao inglês Martin Sauer (1785-1806), autor de *An Account of a geographical and astronomical expedition to the Northern parts of Russia, for ascertaining the degrees of latitude and longitude of the mouth of the river Kovima; of the whole coast of the Tshutski, to east cape, and of the islands in the eastern ocean, stretching to the American coast, performed by commodore Joseph Billings in the years 1785 etc. to 1794, the whole narrated, from the original papers, by Martin Sauer*. London: T. Cadell jun., and W. Davies, 1802. (TC)

247 Provável referência ao religioso letão George Henry Loskiel (1740-1814), autor de *History of the mission of the United Brethren among the Indians in North America*.

cheminikov<sup>248</sup>, Ledyard<sup>249</sup>, Schimidt<sup>250</sup> e Castrén<sup>251</sup>, eis o que encontramos: como os tupis e os antigos egípcios, estas pessoas têm pouca barba; acreditam nos maus espíritos e seus sacerdotes, ou *kamms*, são ao mesmo tempo seus médicos e feiticeiros ou adivinhos. Como os tupis em meio a sua barbárie, distinguem-se por um espírito hospitaleiro e são renomados pela perfeição de seus sentidos da vista e do olfato e por seu instinto de orientação. Ainda como os tupis, gostam da dança e dos cantos sobre os fatos heroicos dos seus. Eles suportam bem a fadiga e a fome, tornando-se vorazes quando obtêm do que se saciar, continuando após a viver na mesma imprevidência. Eles têm os cães por companheiros inseparáveis. Fazem a guerra, a caça, assim como a pesca, e suas mulheres o cultivo da terra. Eles matavam seus inimigos e conservavam suas mulheres como pessoas escravizadas. Eles conheciam os meios de fazer fogo pelo fricção rápida de um bastão pontudo sobre o buraco de uma prancha, como os tupis selvagens. Enfim, fumavam como esses o tabaco, passando o mesmo cigarro ou chibuke de um para o outro. É muito provável, como o dissemos, um hábito que seguiam como os chineses, bem antes da descoberta de Colombo e desde tempos imemoriais, de maneira que é possível que o tabaco seja esta virtuosa planta da qual Heródoto<sup>252</sup> diz que os citas masságetas inalavam a fumaça, e a mesma, segundo Maximo de Try<sup>253</sup>, que os citas bebiam em círculo a fumaça antes dançar e cantar embriagados. Ainda em nossos dias, os hotentotes

---

London: J. Stockdale, 1794. (TC)

248 Provável referência ao naturalista russo Stepan Petrovich Krasheninnikov (1711-1755), autor, entre obras, de: *Description abrégée du pays de Kamtschatka*. Erlang: Wolfgang Walther, 1768. (TC)

249 Provável referência ao explorador e viajante norte-americano John Ledyard (1751-1789), autor de: *Travels and adventures of John Ledyard: comprising his voyage with Capt. Cook's third and last expedition; his journey on foot 1300 miles round the Gulf of Bothnia to St. Petersburg; his adventures and residence in Siberia; and his exploratory mission to Africa*, *op. cit.* (TC)

250 Referência não localizada. (TC)

251 CASTRÉN, Mathias Alexander. *Versuch einer Koibalischen und Karagassischen Sprachlehre*, *op. cit.* (TC)

252 HÉRODOTE, L. IV, 75 (TC)

253 TYR, Maxime de. *Dissertations*. T. 2, D. XXVII, VI. Paris: Bossange, Masson et Besson, 1802, p. 90. (FAV-TC)

fumam o tabaco da maneira descrita por Maximo de Try.

Desde tempos imemoriais, os siberianos recebem o tabaco da China e também o chá, sem o qual eles não podem prescindir e que preparam à sua maneira. Como os tupis ainda, são grandes nadadores e se lançam na água com mais facilidade para salvar os seus ou para se salvarem em caso de perseguição ou de naufrágio. Eram hábeis com o arco e a flecha. Suportavam o trabalho dia e noite, sem proferir uma só queixa e, como os tupis ainda, guardam a carne seca ou defumada e os produtos da pesca, às vezes reduzidos antes a farinha, como os tupis, com seu *piracuí*.

Observando, hoje, que entre as vertentes do Obi e do Ienessei a disseminação da sífilis tornou-se familiar, é tentador ir mais longe e imaginar que os cários a teriam trazido primeiro para a América.

A tendência das tribos tupis a se atribuírem apelidos<sup>254</sup>, mais ou menos injuriosos, encontra-se entre os siberianos. Segundo Gmelin, eles nomeiam os tários de renegados ou enforcados; os kousnetsianos, marmotas; os tomskianos, fanfarões; os sourgoutes, estrábicos; os beresoianos, comedores de esquilos; os mangasianos, faces serenas, e também comedores de peixe seco; os krasnoiakianos, teimosos; os ilimskianos, moscas de Ilimsk; os iacutos, comedores de casca.<sup>255</sup>

Assim, como os sacerdotes dos tupis com seus *uiupar*, os *kamms* siberianos tinham as capelas um pouco distantes das aldeias e em seus sortilégios faziam igualmente contorções e caretas.

Os tupis guardaram outra lembrança de sua origem no hábito de acompanhar seus ataques emitindo gritos horríveis. Sem dúvida, os cários faziam o mesmo, e, em nossos dias, os mongóis e tártaros conservam ainda tal hábito. Vimos, ultimamente, entre as tropas de Quiva, na ocasião de seus encontros com os russos

---

254 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *HGB*, I, p. 102. (FAV)

255 GMELIN, Johann Georg. *Reise durch Sibirien von dem Jahr 1733 bis 1743*. I, pp. 342-343. (TC)

conquistadores. Citamos mesmo certos hábitos<sup>256</sup>, no seio da família, que são idênticos, entre os tupis e os siberianos, calmuços e tártaros.

Porém, para nós, o que aproxima mais estes povos dos antigos egípcios, bem como dos tupis, é a preferência dada a certas raízes para sua alimentação. Aqueles das cercanias de Krasnoiark comiam, além disso, certas cebolas redondas, as cebolas do martação ordinário, ou de outra espécie vermelha-cinabre (*Perræ glandes*, *Lathirus* etc.<sup>257</sup>); aqueles de Kansk faziam mesmo um pão com cebolas de martação e outras espécies de lis. Os tonganeses de Argun comiam uma raiz de bistorta nomeada *moaka*<sup>258</sup>. Vários povos siberianos comem ainda raízes, tal como de *Erithronium*<sup>259</sup>, que se chama *bess*, da argentina<sup>260</sup> (*Potentilla*<sup>261</sup>), da pimpinela *sanguisorba*<sup>262</sup>, da pequena bistorta (*Polygonum*<sup>263</sup>), de uma espécie de campânula *atlik*, de um junco florido chamado *kiélassa*, de várias espécies de lírio (*Lilium*<sup>264</sup>), de dois gêneros de sanfeno (*Hedysarum*<sup>265</sup>), um com flores púrpuras e outra com flores amarelas pálidas. Eles comem as raízes da argentina e da pimpinela cruas; secam todas, exceto a última que reduzem a pó, para depois fazer caldo grosso, como os tupis com a farinha de mandioca. Enfim, comem todas as cebolas ou raízes bulbosas que se encontram nos campos. E não há nada de surpreendente, se colonizaram o Egito, que tenham levado para lá antecipadamente o gosto não apenas pelas cebolas do Egito, mas também para aproveitar, como alimentos, todos os tipos de raízes lótus, do inhame etc.

---

256 MARTIUS, Carl Phillippe von. *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*, op. cit., p. 46, pp. 56-57. (FAV)

257 Em latim no original. (TC)

258 GMELIN, Johann Georg. *Reise durch Sibirien von dem Jahr 1733 bis 1743*. II, p. 50. (TC)

259 Em latim no original. (TC)

260 Gênero de plantas da família das rosáceas. (TC)

261 Em latim no original. (TC)

262 Em latim no original. (TC)

263 Em latim no original. (TC)

264 Em latim no original. (TC)

265 Em latim no original. (TC)



A própria natureza fria destes alimentos e a baixa temperatura do país, contribuem muito para que não possam prescindir de bebidas fermentadas em quantidade e de se entregarem a saturnais que duram vários dias, até o esgotamento completo de suas provisões alcoólicas, hábito que também existia entre os tupis, apesar da diferença dos climas.

No século passado, havia ainda siberianos com metaras ou botoques na bochecha, entre os que viviam no nordeste da Ásia, nas costas do mar glacial, que conhecemos pelo testemunho de um viajante digno de fé, Gmelin. Nos limitaremos aqui a transcrever em nosso texto seu relato, no resumo em francês de Keralio.<sup>266</sup> Ele disse que estes siberianos “não se acreditavam ornamentados se não tivessem um dente de cavalo marinho passado em um buraco na bochecha”, comparando mesmo o defeito desse enfeite entre eles ao dos europeus, que, se não tivessem sido enrolados e em pó, não teriam ousado se mostrar.<sup>267</sup>

Devemos acrescentar que adquirimos a convicção que se virá ainda a provar ser da família turaniana outras línguas antigas não classificadas ou extintas, e, talvez, o etrusco entre elas. Por meio de nossos estudos, já havíamos chegado ao basco, antes mesmo de saber que este fato era admitido por filólogos após as investigações do príncipe Luciano Bonaparte. Limitamo-nos, portanto, a acrescentar que a *couvade*, conhecida no Bearne (baixos Pirineus) e outros países, isto é, a prática de o marido ficar alguns dias na cama após o parto da mulher, prática seguida pelos tupis selvagens ainda hoje<sup>268</sup>, deve, sem dúvida, ter sido introduzida dos povos de Turan.

---

266 GMELIN, Johann Georg. *Voyage en Sibérie*, I, *op.cit.*, p. 426. (FAV-TC)

267 No original: “...dass sie diese Figuren in dem Gesichte für etwas schönes halten”, eben so wie die Tschuckschi, welche in den nordöstlichen Gegenden von Sibirien an dem Eismeere wohnen, einen Wallzahn, den sie an den Backen jeder Seite durch ein besonderes dazu schon in der Kindheit in die Backen gemachtes und erhaltenes Loch durchstecken, oder wir Europäer in Locken gelegte und gepuderte Haare als einen Zierath ansehen”. GMELIN, Johann George. *Reise durch Sibirien*, II, *op. cit.*, p. 645. (FAV)

268 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *HGB*, I., p. 229; e mais explicitamente SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado*, II, CLIV. (FAV)

Estudos mais profundos talvez consigam demonstrar a mesma influência turaniana na família malaia e nas ilhas polinésias de Páscoa, Sociedade e Marquesas. Nessa última, notamos as palavras *érao*, abelha, *uri*, cachorro, *dudu*, fogo, *evi*, água e algumas outras. Quanto à língua malaia é ela que possui<sup>269</sup> a palavra *tanah* تانه, para designar terra, palavra que passou à extremidade da Europa, na Lusitânia, Aquitânia, Turdetânia etc.

As similitudes que se notam entre o egípcio e as línguas semíticas, em um grande número de raízes idênticas, nos pronomes e em várias formas dos verbos e mesmo da sintaxe, podem ser facilmente explicadas, algumas delas pela influência turaniana dos cananeus sobre os outros povos semitas, e o maior número pelo contato íntimo desses mesmos povos semitas com o egípcio, durante séculos, alternando sucessivamente os papéis de conquistadores e conquistados. Da mesma maneira, podem ser explicadas todas as semelhanças de tantas palavras dos países do sul do Egito com o antigo egípcio. Não somente algumas palavras do país teriam sido adotadas pelos primeiros turanianos que se estabeleceram às margens do Nilo, mas outras teriam sido introduzidas mais tarde além das cataratas pelas conquistas egípcias.

Para se ter uma ideia mais justa desta influência, basta lembrar como a dominação dos romanos chegou a latinizar os gauleses e a dos mouros a arabizar a Espanha. Ainda diante de nossos olhos, a Finlândia está aos pouco se tornando eslava, e a Argélia empresta muito do francês e poderá um dia terminar por se tornar francesa, assim como o Egito acabou se tornando árabe.

---

269 Segundo o sábio professor Friedrich Müller. (FAV) Provável referência ao linguista alemão e estudioso das religiões orientais, Friedrich Max Müller, que mencionei em nota anterior. (TC)



## Conclusão

**N**o momento, na ansiedade em submeter nossas ideias ao público, consideramos este trabalho concluído.

Nós somos o primeiro a reconhecer que este estudo ainda é suscetível a muitos desenvolvimentos, e mesmo após seu término, ao consultar, para outro propósito, livros sobre as línguas do mundo antigo, não deixamos ainda de fazer colheitas, que ofereceriam alguns argumentos adicionais.

Contudo, nosso objetivo está satisfeito. Não nos propomos a apresentar análises completas e profundas, mas somente, a chamar, por algumas páginas escritas com pressa, a atenção dos sábios sobre os novos fatos e coincidências que nos parecem destinadas, em todo caso, a desempenhar um grande papel nas pesquisas históricas da humanidade. Mesmo quando nossas explicações e interpretações não forem aceitas, esperamos obter algumas luzes a mais para a discussão. Não temos o menor interesse em ver triunfar nossas ideias atuais. Se elas não exprimem a verdade, é essa que abraçaremos, se nos chegarem a fornecer explicações e provas melhores que as nossas.

Quanto ao fato da emigração através do Atlântico, recapitularemos os nossos argumentos da seguinte maneira:

1. Entre os tupis, as canoas, as armas e um grande número de hábitos e instrumentos eram idênticos àqueles dos

- antigos povos do Mediterrâneo;
2. Os tupis devem suas conquistas principalmente às suas grandes canoas de guerra de cinquenta a sessenta remadores, como o antigo penteconter, que se encontravam na América somente onde sua influência se fazia sentir;
  3. Nas Antilhas, a chegada inicial dos tupis, desacompanhados de mulheres, de caribes ou tupis conquistadores, era uma viva lembrança nos tempos de Colombo;
  4. Encontra-se na língua tupi um grande número de palavras<sup>270</sup> dos antigos povos do Mediterrâneo, o que somente poderia ser a consequência de uma emigração, salvo a crença em algum milagre, ou em uma coincidência de fatalidades impossíveis, que uma vez articuladas teriam induzido a humanidade ao erro;
  5. O nome de *caris* pelo qual os tupis se designavam, palavra que também usavam para denominar o branco proveniente do mar, e o fato de serem, em uma dada época, grandes navegadores, mesmo no Atlântico, e que, segundo Estrabão, tinham na sua língua (bárbara, segundo Homero)<sup>271</sup> aprendido palavras gregas, oferecem a seu favor todas as probabilidades, quando mostramos palavras gregas também no tupi;

---

270 Estas palavras não poderiam, certamente, passar com os ventos, e são em grande número para que sua identidade possa ser considerada como fortuita, ainda mais que não são mesmo de natureza onomatopéica, segundo a teoria do *howhow*. Além disso, nos limitando a dois exemplos, é necessário pensar a palavra *tai*, filho, somente na acepção de “o engendrado”, nas duas línguas, egípcia e tupi? E como se pode conceber, senão por herança, a reunião nas duas línguas das três sílabas sucessivas *te-ke-nu* para designar o advérbio “eis”? Portanto, posto que nas duas línguas da América do Norte não se encontra traços da passagem desses emigrantes, não há como não recorrer a uma emigração marítima, aliás, mais fácil e mais natural, como demonstramos. Semelhantes identidades de palavras poderiam passar despercebidas quando se trata de um mesmo continente, no qual se entende que migrações pré-históricas sempre existiram e no qual sua presença serviria para confirmar. Contudo, quando as identidades encontram-se nas palavras de dois continentes separados, que se sustenta que nunca estiveram em comunicação, não estão elas a protestar contra estes pretensos isolamentos? A questão da qual apenas nos aproximamos, merece ocupar a atenção dos filólogos e o estudo da língua tupi, reatada ao mundo antigo, merecerá doravante que lhes prestem mais cuidados do que até aqui. (FAV)

271 HOMERO. *Íliada*, II, 867. (TC)

6. Nesse caso, os cários seriam um povo da família egípciana, tal como os tupis parecem ser, de acordo com um grande número de palavras idênticas nas duas línguas;
7. Finalmente, somente uma emigração pelo mar poderia explicar os fatos, seja pela suposição de que os navegadores, indo para as antigas colônias a oeste da África, tivessem sido atingidos e desviados da rota inicial por tempestades, seja pela possibilidade de que uma grande vitória inimiga os tivesse lançado à aventura para assim evitar o extermínio ou a captura como escravos, quando lhes amputariam as mãos e o falo, como era o costume na época, mesmo entre um dos povos mais piedosos, como eram os egípcios.<sup>272</sup>

---

272 Acrescentemos ainda aqui que a palavra, já mencionada, em tupi, *peíí* e o egípcio *pefi* devem ser consideradas idênticas, visto que, lembre-se, os tupis não podiam pronunciar a letra *f*. Assim a letra *f* fora convertida em aspirante, do mesmo modo que, por influência do árabe, a antiga palavra castelhana *fijo* foi convertida em *hijo*. (FAV)

 (27) 99979-0363

 [facebook.com/EditoraMilfontes](https://facebook.com/EditoraMilfontes)

 @espacomilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.  
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.  
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas  
Cormorant Garamond e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada  
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



---

M I L F O N T E S

Qual o lugar dos povos indígenas na história nacional? Em meio à construção da historiografia nacional no século XIX, essa questão foi objeto de intenso debate entre diversos autores. No mesmo movimento em que se definiam os termos e os parâmetros disciplinares para a construção de um discurso histórico nacional, tornava-se urgente reclassificar e dar uma historicidade à multiplicidade dos povos originários que habitavam esse recente recorte territorial chamado “Brasil”. Nesse esforço, a obra *L’Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Égyptiens*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, ocupa uma posição ímpar – ao mesmo tempo central e exótica. Central, pois ela é o resultado dos esforços de décadas de investigação levados a cabo por Varnhagen, autor da primeira *História Geral do Brasil*, na tentativa de fazer valer sua posição historiográfica e política a respeito tanto do passado, como do futuro daqueles povos. Exótica, não apenas por ser publicada em francês e longe do território nacional, mas principalmente pelas operações intelectuais utilizadas à época, assim como por ter recebido pouca atenção dos olhares da historiografia posterior. Nessa posição ímpar, a obra de Varnhagen não deixa de remeter a diferentes tempos: seja a uma vasta tradição erudita europeia, seja aos modos como os povos indígenas foram recorrentemente sendo colocados como *objetos* de diferentes projetos nacionais. Se não houve no Brasil uma querela entre Antigos e Modernos, essa operação intelectual tão fundamental na formação de uma historiografia europeia, a querela acerca dos “selvagens” ou “primitivos” – da qual Varnhagen é personagem central – não deixou de ter uma função igualmente formadora (e deformadora) para a nossa historiografia. Traduzida pelas mãos competentes e eruditas de Temístocles Cezar, essa obra poderá finalmente ser lida e, principalmente, deglutida de modo amplo por novas gerações de historiadores e antropólogos.

Rodrigo Turin  
(UNIRIO)

Apoio:



[www.editoramilfontes.com.br](http://www.editoramilfontes.com.br)

